

Junho 2020

MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

As Artes Visuais para uma aprendizagem interdisciplinar: Operacionalização em 1º Ciclo do Ensino Básico

RELATÓRIO DE ESTÁGIO APRESENTADO À
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA FRASSINETTI
PARA A OBTENÇÃO DE
GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

DE

Ana Catarina Gonçalves Miranda

ORIENTAÇÃO

Doutora Sandra Mónica Figueiredo de Oliveira



PAULA
FRASSINETTI



PAULA FRASSINETTI
Escola Superior de Educação

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

**As Artes Visuais para uma aprendizagem interdisciplinar:
Operacionalização em 1º Ciclo do Ensino Básico**

Ana Catarina Gonçalves Miranda
Orientadora: Doutora Sandra Mónica Figueiredo de Oliveira

Porto
2020



PAULA FRASSINETTI
Escola Superior de Educação

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

**As Artes Visuais para uma aprendizagem interdisciplinar:
Operacionalização em 1º Ciclo do Ensino Básico**

Relatório de Investigação apresentado à
Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti para a obtenção do grau de
Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Ana Catarina Gonçalves Miranda

Orientadora: Doutora Sandra Mónica Figueiredo de Oliveira

Porto

2020

Queremos uma escola que não seja apenas aulas, livros e exames.

Queremos uma escola que fomente a criatividade.

Jorge Rio Cardoso (2019)

RESUMO

O estudo do presente relatório de investigação cujo tema se centra nas Artes Visuais para uma aprendizagem interdisciplinar, em 1º Ciclo do Ensino Básico, tem como principal finalidade perceber o impacto das Artes Visuais para a aprendizagem dos alunos, a partir de uma prática educativa interdisciplinar. Ainda que esta seja uma área que os profissionais da educação deixam para segundo plano, a pertinência deste tema surge das demais potencialidades que as Artes Visuais podem despertar nos alunos, enquanto linguagem universal que desencadeia competências a todos os níveis, contribuindo para um maior rendimento escolar.

Como forma de explorar esta temática, projetou-se a pergunta de partida “De que forma as Artes Visuais podem contribuir para uma aprendizagem interdisciplinar no 1.º Ciclo do Ensino Básico?”, para a qual se desenharam objetivos que passam por: identificar que competências podem ser desenvolvidas com a inclusão desta área; de que forma as Artes Visuais são trabalhadas no 1.º Ciclo do Ensino Básico; qual o valor que é atribuído às Artes Visuais no currículo; e qual a predisposição dos alunos para as Artes Visuais.

Assim sendo, a investigação do trabalho é de tipo qualitativo, debruçando-se sobre entrevistas como técnica de recolha de dados, estas realizadas a professores e alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico, quer de instituições de cariz público quer de instituições de cariz privado, com o intuito de estabelecer uma comparação entre o tipo de instituição e entre a visão dos entrevistados. Neste sentido, as considerações tidas em conta face a esta temática permitiram conhecer e narrar realidades vividas em escolas do distrito do Porto.

Em suma, as conclusões do estudo revelam que uma prática interdisciplinar com base nas Artes Visuais é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, pelo que desenvolve competências globais nos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico, aumentando a motivação e, por isso, o interesse e o empenho por parte dos mesmos no que se refere às múltiplas aprendizagens, ainda que se tenha constatado que existem profissionais da educação que não a valorizam nem a colocam em prática como seria previsto.

Palavras-Chave: Artes Visuais; Interdisciplinaridade; 1º CEB; Ensino-Aprendizagem

ABSTRACT

The study of this investigation report, whose theme focuses the Visual Arts for interdisciplinary learning, for the 1st cycle of Basic Education (meaning ages 5 to 9), holds the main purpose of understanding the impact of Visual Arts in the process of students learning through an interdisciplinary educational practice. Even with this being an area which educational professionals leave as background, the importance of this theme arises from all the qualities and abilities that Visual Arts may awake in our students as an universal language with the ability of unleashing skills at all levels, contributing to a better school performance.

To explore this subject, the main question was “How can Visual Arts contribute to an interdisciplinary learning in the 1st Cycle of Basic Education?”, from which goals were designed for: identifying which skills may be developed with the inclusion of this art; how are Visual Arts explored on the 1st Cycle of Basic Education; what level of importance is given to Visual Arts in the curriculum; and which is the students’ predisposition for Visual Arts.

Therefore, this report’s investigation is of qualitative type, concentrating on interviews as data collectors, on both teachers and students of the 1st Cycle of Basic Education, either from public or private institutions, in order to establish a comparison term between the type of institution and the interviewees’ point of view. In this sense, the considerations taken into account regarding this subject allowed to understand and narrate the realities lived in the schools of the Oporto’s district.

In short, this study’s conclusions reveal that an interdisciplinary practice based on Visual Arts is key in the teaching – learning process, since it allows for general skills development in primary school students, increasing their motivation and, therefore, interest and commitment when it comes to multiple learning, even though it has been found that some educational professionals do not value or practice it as expected.

Keywords: Visual Arts; Interdisciplinarity; 1st CEB; Teaching - Learning

AGRADECIMENTOS

São cinco anos que chegam ao fim...

São cinco anos de um processo de expectativa, exaustão e, por fim, alegria...

São cinco anos de uma longa caminhada percorrida, que fico contente por não a ter vivido sozinha. Àqueles que me acompanharam, me ajudaram a traçar-la e a correr atrás do meu destino, desde o primeiro dia, quero deixar o meu especial agradecimento.

Em primeiro lugar, agradecer, do fundo do coração, à Doutora Professora Sandra Mónica Figueiredo de Oliveira, orientadora deste trabalho de investigação, pela troca de sabedoria, pelo incentivo, aconselhamento e rigor, pela simpatia, carinho e dedicação que depositou em todo este processo conjunto e por me fazer trilhar o caminho através da Arte.

Aos restantes professores que por mim foram passando, pelas raízes que foram cultivando no meu ser, pelas aprendizagens e pela formação da profissional que serei amanhã.

À Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti que, durante longos períodos se tornou a minha segunda casa. Sou uma felizarda por aqui pertencer.

À minha família que me amparou em todos os momentos, mas sobretudo aos meus pais e à minha irmã, autênticos pilares: pela educação, pelo investimento, pela paciência, pelo apoio e ajuda constantes, pela motivação, pela compreensão, pela força e por toda a confiança, nunca deixaram de acreditar... Esta conquista tem outro sabor por terem marcado sempre presença em todos os momentos, sem vocês teria sido impossível.

Aos meus avós, grandes heróis, por nunca me fazerem esquecer de onde venho e pelo brilho estampado no olhar.

Às minhas amigas de curso que fui encontrando e que levo para a vida, tornaram-se peças essenciais nesta aventura académica. Obrigada por todos os momentos de partilha, cooperação e união e por, ao vosso lado, me terem deixado viver os melhores anos. Choramos e rimos juntas, demos abraços e dissemos tantas vezes "gosto de ti". Fizeram a diferença.

À minha amiga Inês Ribeiro, que me acompanha desde os três anos de idade e foi, muitas vezes, o meu braço direito neste processo, obrigada pela amizade.

E, acima de tudo, a todos os meninos e meninas que encontrei pelo caminho e que me contagiaram com alegria e entusiasmo. Com todos aprendi e irei, para sempre, recordar cada um como uma recompensa.

Tudo aquilo que sou devo-o a todos, porque em algum momento da vida nos cruzamos e me fizeram crescer. O tempo passou a correr, mas estarei eternamente grata.

Um muito obrigada a todos!

ÍNDICE

ÍNDICE DE TABELAS	VII
ÍNDICE DE GRÁFICOS	VIII
ÍNDICE DE ANEXOS	VIII
LISTA DE ACRÓNIMOS E SIGLAS	VIII
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	11
1.1. A importância da Educação Artística.....	11
1.2. As Artes Visuais no 1º CEB	14
1.3. As competências nas Artes Visuais	18
1.4. Uma visão interdisciplinar	24
1.5. A Educação no século XXI.....	26
1.6. O papel do professor atual	30
1.6.1. O papel do professor nas Artes Visuais.....	34
1.7. O sucesso escolar.....	36
II. CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	39
2.1. Tipo da Investigação	40
2.2. Estudo de Caso.....	41
2.3. Caracterização do público-alvo	42
2.4. Instrumentos de recolha de dados	42
2.4.1. Entrevista	43
2.4.1.1. Guião da Entrevista	44
2.4.1.2. Procedimentos	45
III. CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	46
3.1. Análise de conteúdo.....	46
3.1.1. Análise das entrevistas	47
3.1.1.1. Análise das entrevistas aos professores.....	47
3.1.1.1.1. Síntese da análise das entrevistas aos professores	61
3.1.1.2. Análise das entrevistas aos alunos.....	64
3.1.1.2.1. Síntese da análise das entrevistas aos alunos	70
3.2. Triangulação	73

LIMITAÇÕES DO ESTUDO	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82
ANEXOS	I

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1 - TABELA DE CATEGORIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS AOS PROFESSORES	44
TABELA 2 - TABELA DE CATEGORIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS AOS ALUNOS	45
TABELA 3 - CARGA HORÁRIA ATRIBUÍDA ÀS ARTES VISUAIS NO CURRÍCULO	50
TABELA 4 - IMPORTÂNCIA DAS ARTES VISUAIS	51
TABELA 5 - VALOR DADO ÀS ARTES VISUAIS	52
TABELA 6 - CUMPRIMENTO DAS METAS CURRICULARES	52
TABELA 7 - PRÁTICA DOCENTE NO DOMÍNIO DAS ARTES VISUAIS	53
TABELA 8 - ESTRATÉGIAS NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS	54
TABELA 9 - CAPACIDADE E MOTIVAÇÃO DO PROFESSORA FACE ÀS ARTES VISUAIS ..	55
TABELA 10 - VISÃO DOS ALUNOS, NA PERSPETIVA DOS PROFESSORES	56
TABELA 11 - UTILIZAÇÃO DAS ARTES VISUAIS COMO ABORDAGEM DE OUTROS CONTEÚDOS	57
TABELA 12 - ALTERAÇÕES AO NÍVEL DAS ARTES VISUAIS	58
TABELA 13 - A IMPORTÂNCIA DA INTERDISCIPLINARIDADE	59
TABELA 14 - VANTAGENS DE UMA AÇÃO INTERDISCIPLINAR	61
TABELA 15 - A CRIATIVIDADE PARA OS ALUNOS	68
TABELA 16 - IMPORTÂNCIA DAS ARTES VISUAIS PARA OS ALUNOS	69

ÍNDICE DE GRÁFICOS

1 - GRÁFICO: NÚMERO DE PROFESSORES ENTREVISTADOS POR SEXO	48
2 - GRÁFICO: IDADE DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS	48
3 - GRÁFICO: GRAU ACADÉMICO DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS	49
4 - GRÁFICO: ANOS DE SERVIÇO DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS	49
5 - GRÁFICO: TIPO DE INSTITUIÇÃO.....	49
6 - GRÁFICO: COMPETÊNCIAS NAS ARTES VISUAIS	57
7 - GRÁFICO - SEXO DOS ALUNOS ENTREVISTADOS	64
8 - GRÁFICO: IDADES DOS ALUNOS ENTREVISTADOS POR ANO DE ESCOLARIDADE	65
9 - GRÁFICO: O QUE TÊM OS MUSEUS NA VISÃO DOS ALUNOS.....	66
10 - GRÁFICO: QUEM FAZ AS OBRAS DE ARTE NA VISÃO DOS ALUNOS	66

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 1 - GUIÃO DA ENTREVISTA AOS DOCENTES	II
ANEXO 2 - GUIÃO DA ENTREVISTA AOS DISCENTES.....	VI
ANEXO 3 - TABELA COM RESPOSTAS ÀS ENTREVISTAS AOS PROFESSORES	VIII
ANEXO 4 - TABELA COM RESPOSTAS ÀS ENTREVISTAS ÀS CRIANÇAS.....	XLV

LISTA DE ACRÓNIMOS E SIGLAS

- AE** – Aprendizagens Essenciais
- CEB** – Ciclo do Ensino Básico
- LBSE** – Lei de Bases do Sistema Educativo
- ME** – Ministério da Educação
- PES II** – Prática de Ensino Supervisionada II
- PNSE** – Plano Nacional de Saúde Escolar

INTRODUÇÃO

O presente relatório de investigação foi realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo de Ensino Básico (CEB), sob a orientação da Professora Doutora Sandra Mónica Figueiredo de Oliveira. A temática surge da urgência de ampliar as Artes Visuais na Educação, visto ser uma área, atualmente, pouco aprofundada no Ensino Básico. Partindo dos pressupostos educacionais, em particular, das Aprendizagens Essenciais (AE) preconizadas na área das Artes Visuais, é nossa intenção investigar como este referencial pode servir para o trabalho pedagógico interdisciplinar, uma vez que estas se encontram inseridas no currículo, mas a sua desvalorização ainda é notória. Esta área, também enriquecedora, traz consigo inúmeras potencialidades que resultam em capacidades expressivas e criativas que os alunos desenvolvem ao longo da escolaridade obrigatória. Com o presente trabalho deseja-se que a articulação das Artes Visuais com outras disciplinas culmine numa maior motivação por parte dos alunos no processo de ensino-aprendizagem e que os conduza ao sucesso. Neste estudo, pretende-se ir ao encontro de alguns objetivos, dos quais destacam-se os seguintes: perceber qual o impacto das Artes Visuais num processo de ensino-aprendizagem interdisciplinar, identificar que competências podem ser desenvolvidas com esta área, de que forma as Artes Visuais são trabalhadas no 1.º CEB, qual o valor que é atribuído às Artes Visuais no currículo e qual a predisposição dos alunos para as Artes Visuais. Deste modo, foi formulada a pergunta de partida “De que forma as Artes Visuais podem contribuir para uma aprendizagem interdisciplinar no 1.º CEB?”. Para conseguir dar resposta a esta questão de investigação, o trabalho encontra-se dividido em três partes distintas, porém complementares. Na primeira parte, é apresentado o Enquadramento Teórico do tema, onde foi realizada uma pesquisa bibliográfica. A par, é com as Artes Visuais que podemos propor atividades didáticas e diversificadas, através de estratégias que despertem nos alunos o gosto pelo que estão a aprender, onde a interdisciplinaridade se destaca positivamente por conseguir transformar os conhecimentos dos alunos em saberes transversais e, por isso, é importante que o professor adote uma postura inovadora. A segunda parte destina-se

exclusivamente à parte empírica do trabalho, que comporta a caracterização do público-alvo, o tipo da metodologia de investigação, esta de natureza qualitativa, aplicada no período de prática pedagógica supervisionada e utilizando como instrumento de recolha de dados a entrevista, dirigida a vários professores e alunos do 1.º CEB. A respetiva análise dos resultados obtidos aparece elencada na terceira parte, onde se pretendem confrontar as pesquisas efetuadas no Enquadramento Teórico com toda a informação recolhida, assim como triangular os dados. Pretendemos, com este estudo, contribuir para um enriquecimento das práticas letivas, sobretudo no que diz respeito ao usufruto das Artes Visuais, como veículo de transmissão de matérias várias, funcionando como uma mais-valia no sucesso das aprendizagens. Por fim, serão relatadas algumas limitações do trabalho investigativo e as suas considerações finais, seguidas das referências bibliográficas.

Todo este processo irá ao encontro de vários normativos legais enquadradores para o 1º CEB, isto é, ao currículo das Artes Visuais.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. A importância da Educação Artística

Antes de abordar a questão da Arte, seria pertinente refletir o que se entende por Educação: “(...) o único modo de promover o desenvolvimento gradual de todos os seres humanos” (Gonçalves, 2007, p. 269), no seu todo, pretendendo alcançar a sabedoria, num processo de ensinar e aprender mutuamente, onde todos têm direito a ela e onde todos participam ativamente. A Educação tem sofrido alterações ao longo dos anos e pensar no seu conceito remete-nos para tudo aquilo que pode ser feito para instruir o ser humano, despertar as suas potencialidades, trabalhar competências e habilidades, e para a necessidade de transformar o mundo, formar pessoas, “(...) de aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser” (Lopes, C. et al., 2003, p. 49). Contudo, para Rego (2018), “(...) o conceito de educação não é definido numa única perspetiva (...)” (p. 39). A Educação “(...) é um processo que envolve valores, transmissão e construção de relações sociais e, por isso, precisa de estar voltada para as transformações culturais da sociedade” (Jesus, Andrade, Ferreira, & Araújo, 2015, p. 284). Ainda, segundo Freire (2011), a educação é o procedimento no qual o professor “(...) convida os educandos a conhecer, a desvelar a realidade, de modo crítico” (p. 73). Para alguns, a educação restringe-se “(...) às diferentes etapas de escolarização que se apresentam de modo sistemático por meio do sistema escolar. Para outros, a educação deve ser entendida como espaço múltiplo, que compreende diferentes atores, espaços e dinâmicas formativas (...)” (Dourado & Oliveira, 2009, p. 203). Percebe-se que é através da interação humana que ocorre a educação, onde é proporcionado ao aprendiz a possibilidade de atribuir significados à sua vida e ao mundo, num modelo aberto, interativo e flexível.

Existem várias perspetivas, evocadas pela Constituição, por filósofos, políticos e outros autores, que definem este termo, referenciando diferentes concepções, quer recetiva, quer por descoberta autónoma, quer por descoberta guiada, mas as linhas de pensamento pedagógico onde se situa a Educação Artística, define-o como um modo de evolução da pessoa, capaz de desenvolver

capacidades expressivas (Sousa, 2003, pp. 43-44). É nesta linha de pensamento que devemos atribuir-lhe o devido valor, numa “(...) educação que vá para além da simples transmissão de saberes (...) através de uma metodologia heurística” (Sousa, 2003, p. 11) e também holística. Porém, embora decorram tempos modernos, os velhos tradicionalismos permanecem e as novas formas de agir ainda não estão devidamente praticadas. A desvalorização e escassez da arte enquanto disciplina necessária é óbvia, descurando tudo o que desta advém. Ainda que a inclusão das disciplinas artísticas seja obrigatória nas escolas, o seu ensino e reconhecimento “(...) continua a ter um espaço limitado e circunscrito no contexto dos sistemas educativos” (Oliveira, 2016, p. 2), pelo que a sua existência no currículo ainda se mantém num patamar inferior às restantes disciplinas, traduzindo-se num currículo redutor, o que é logo visível na carga horária semanal. Assim,

(...) no es de extrañar que una de las consecuencias de esta desconsideración que podríamos calificar ya de histórica y/o cronificada, sea la insuficiente, y muchas veces inapropiada, formación que reciben los docentes en relación com el área, lo que conduce a que se enfrenten a la práctica sin estar preparados para llevar a cabo la misión com cierta garantía de éxito (...)
(Berrocal, 2005, p. 8).

Com isto, quem perde é o aluno, uma vez que não lhe é dada a oportunidade de desenvolver todas as suas capacidades e habilidades. Esta problemática e, por isso, preocupação, leva a refletir acerca da importância da Educação Artística. Segundo Martins (2017), à saída da escolaridade obrigatória, cada aluno deve apresentar, na área da Educação Artística, competências relacionadas com a sensibilidade estética e artística, reconhecendo “(...) a importância e o desafio oferecidos conjuntamente pelas Artes (...)” (p. 15). Para tal, é fundamental que se coloquem em prática diferentes formas de arte, que experimentem e criem e, ao mesmo tempo, que desenvolvam a criatividade, mas cada vez mais, os professores dão menos importância ao desenvolvimento das artes na escola. “As artes fazem parte da história da humanidade, antes de inventar a escrita os homens e as mulheres comunicavam por meio de imagens, música e dança (...)” (Oliveira, 2017, p. 1) e, sem artes na educação, estaremos a reduzir o currículo nas diversas linguagens artísticas. Continua-se a privilegiar o português e a matemática em detrimento das disciplinas artísticas, vistas como um mundo à

parte e em que o número de horas letivas previstas não é respeitado. O mesmo autentica Hernández (2000), reforçando a ideia de que “as Artes oferecem uma forma de conhecimento cuja posição na educação escolar não é similar, não tem o mesmo peso específico, que outras formas de conhecimento (...)” (p. 41).

Sabemos que é inegável a importância da Educação Artística para o desenvolvimento das crianças, mas muitos são aqueles que se referem à arte como uma disciplina meramente de “(...) diversão, distração, evasão, (...) proporcionando o preenchimento das horas de lazer (...)” (Santos, 1989, p. 24) e que, conceder a arte a todos, sobretudo nas escolas, seria um “(...) desperdício de tempo e energias quando há coisas sérias a estudar... e sobretudo a fazer...” (idem). No entanto e, o que se torna um pouco contraditório, a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) detém como um dos seus objetivos “(...) valorizar as atividades manuais e promover a educação artística (...)” (Decreto-lei nº 49/2005, artigo 7.º, alínea c), assim como a UNESCO (2016) que defende a promoção da mesma, de oportunidades que manifestem a comunicação através de práticas artísticas, criativas e culturais (p. 4). A par desta segunda realidade positiva, onde se relaciona a componente educativa e artística, pode-se, conseqüentemente, disputar um desenvolvimento harmonioso e um aproveitamento noutras matérias escolares, enriquecendo a veia artística e expressiva de cada aluno, daí a sua importância no presente e no futuro. A Arte torna-se fulcral numa mudança educativa e para além de ser vista “(...) como algo que extravasa a pura formalidade técnica ou lado lúdico geralmente associados” (Neves, 2014, p. 273), inclui e prima

(...) dimensões como a expressão, a comunicação, a sensação, a emoção, a cognição mas é, acima de tudo, um lugar de liberdade e de diferença, um lugar de oportunidade de leitura do eu e do mundo, onde se consolida o conhecimento e a ação através da interpretação (...) (Rancière, 2010, cit. Neves, 2014, p. 272).

Como escreve Francine Best, mais do que qualquer outra, a educação artística tem como função suprema “(...) intervir a totalidade da pessoa: inteligência, sensibilidade, afetividade (...)” (cit. Santos, 1989, p. 26). A insuficiência de uma educação artística por uma educação a nível cognitivo pode levar a “(...) mais problemas e dificuldades psicológicas e de aprendizagem (...)” que na sua frequência poderiam aumentar a “auto-estima, autoperceção e auto-realização”,

motivando os alunos para as atividades escolares e conduzindo-os ao sucesso (Sousa, 2003, p. 62). Como defende Stern (1974), “a expressão tem uma função precisa: formular o que não pode ser dito verbalmente (...)” (p. 14).

Atentando a temática deste capítulo, estudos experimentais que visam o aproveitamento noutras matérias escolares, provaram que alunos que beneficiam de atividades artísticas “(...) obtêm melhor rendimento também em disciplinas que pareceriam nada ter de comum com tais atividades” (Santos, 1989, p. 27), facilitando o processo de ensino-aprendizagem. Assim, é essencial que se integre a arte nos currículos, sendo “(...) necessário que a educação artística constitua uma parte obrigatória dos programas de educação para todos” (UNESCO, 2006, p. 6), já que um dos objetivos é “(...) dar a todos iguais oportunidades de atividade cultural e artística (...)” (idem). Para isso, é essencial que se adote uma educação pela arte, “(...) não com o propósito de ensinar Arte, mas de utilizar esta como meio de promover a Educação” (Sousa, 2003, p. 80), como que uma metodologia educacional, investindo no inovador, no despertar a curiosidade nos alunos através do que é diferente e, assim, a arte resultar em aprendizagens significativas. A Educação Artística deverá “(...) ser sistemática e ser facultada durante vários anos, uma vez que se trata de um processo a longo prazo” (UNESCO, 2006, p. 6).

1.2. As Artes Visuais no 1º CEB

O Ensino no 1.º CEB apresenta-se como um pilar fundamental para o processo de educação ao longo da vida, visando não só o desenvolvimento dos interesses e aptidões nos vários domínios, mas também valorizando e promovendo atividades artísticas, nas suas diversas formas de expressão (Decreto-lei nº 85/2009). No entanto, como afirma Teresa Eça (2018), “a arte na educação é um espaço tão frágil, tão mal amado” (p. 375), mas que enquanto linguagem universal deveria estar presente em todos os níveis de ensino, principalmente no pré-escolar, mas sobretudo no 1º CEB, pelo motivo de que a Educação Pré-escolar em Portugal ainda não é obrigatória e existirem crianças que não a frequentam. As várias expressões da Educação Artística no 1º CEB não deverão ser um ensino à parte nem secundário, mas sim “(...) fazer parte

integrante das organizações programáticas, ao mesmo nível que a Língua Portuguesa, a Matemática e as Ciências” (Sousa, 2003, p. 67), atribuindo-lhe a mesma ponderação, uma vez que não há educação repartida, mas sim uma educação única e global.

Para Castro (2009), a Arte “(...) revela o que na verdade importa considerar: que há no ser humano uma função essencial – a habilidade de criar – e que colocamos no mesmo plano de outras funções fundamentais como o pensar ou o falar” (cit. Condessa, 2009, p. 96). Foco-me, exclusivamente, nas Artes Visuais, repletas de potencialidades educativas, onde segundo as suas AE (DGE, 2018), este meio de expressão assume-se “(...) como uma área do conhecimento fundamental para o desenvolvimento global e integrado dos alunos (...)” (p. 1). As Artes Visuais, como forma de expressão, são para Sousa (2003) uma atividade essencialmente “(...) natural, livre e espontânea da criança” (p. 160). Esta não se centra na formação de artistas nem “(...) na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades (...)” (idem), competências e prazer por se expressar, como acrescenta Berrocal (2005), em que para desenvolver adequadamente tais competências é necessário proporcionar experiências enriquecedoras, conhecer os elementos da linguagem plástica e visual, as relações que se podem estabelecer entre elas e conhecer técnicas, materiais e ferramentas distintas (p. 15). Mais do que o produto final, importa o processo, onde os alunos se mantêm focados, encorajados e motivados pela ação e pelo que mais os impressiona. Todas as crianças têm o direito a que se incluam as artes visuais no 1º CEB e, se não há professores especialistas inseridos nos estabelecimentos de ensino, para um ensino paralelo, então, que sejam os professores de 1º CEB a acompanhar os alunos nessa vertente, num ensino integrado.

Segundo o Programa de Expressões Artísticas e Físico-Motoras do Ensino Básico, as artes visuais têm como princípios orientadores a exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica que contribuem para despertar a imaginação e criatividade dos alunos e para que com

A manipulação e experiência com os materiais, com as formas e com as cores (...) as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade. (...) Apesar da sala de aula ser o local privilegiado para a vivência das atividades de expressão plástica, o contacto com a natureza, o conhecimento da região, as visitas a exposições e a artesãos

locais, são outras tantas oportunidades de enriquecer e alargar a experiência dos alunos (...) (Ministério da Educação (ME), 2004, p. 89).

Mais recentes e já em vigor para os dois primeiros anos do 1º CEB, as AE para as Artes Visuais (ME, 2018) expressam o que é essencial que os alunos conheçam no final do ciclo de ensino, onde os conhecimentos são mobilizados gradualmente. Desta forma, estas pretendem que os alunos compreendam e aprendam sistemas simbólicos das diferentes linguagens artísticas, aplicando os conceitos e as técnicas apreendidas (p. 2). Tal como o normativo legal anterior, as AE também valorizam e incentivam a experiência por parte do aluno, embora são acrescentados os "(...) processos de observação, descrição, discriminação, análise, síntese, argumentação e juízo crítico (...)" (idem) para o desenvolvimento da sensibilidade e apreciação estética e artística nos vários tipos de Arte Visual (idem). O contacto com todos estes universos visuais capacitam os alunos para uma diferente forma de comunicar e para a apreensão e interpretação de uma panóplia de leituras. Por estas razões, Caja, Berrocal e Ramos (2003) também afirmam que as Artes Visuais devem "(...) formar personas capaces de analizar, interpretar y apreciar todo tipo de imágenes, (...) y ofrecer estrategias para crearlas. (p. 39). Assim, imaginar, inventar e criar são palavras de ordem nesta área do saber, na qual as aprendizagens que decorrem destes demais aspetos devem ser vistas no conhecimento, apropriação, destreza e domínio de materiais em vários contextos, em projetos de trabalho, quer individuais quer coletivos e, tanto melhor, se integrar outras disciplinas (p. 4) e áreas de competências do Perfil dos Alunos. A par deste documento orientador, existem alguns exemplos de ações a desenvolver na disciplina e que devem promover estratégias de ensino que envolvam:

(...) o enriquecimento das experiências visuais dos alunos, estimulando hábitos de apreciação e fruição dos diferentes contextos culturais; a consciencialização de que o(s) gosto(s) se desenvolve(m) e forma(m) através da prática sistemática de experiências culturais diversificadas, quer seja nos âmbitos da fruição, quer da experimentação (AE, 2018, p. 7).

Para além de alunos informados, cultos e sabedores, também o descritor da criatividade deve ser envolvido no sentido de:

(...) mobilizar saberes e processos, através dos quais percebe, seleciona, organiza os dados e lhes atribui novos significados; promover

dinâmicas que exijam relações entre aquilo que se sabe, o que se pensa e os diferentes universos do conhecimento; incentivar práticas que mobilizem diferentes processos para imaginar diversas possibilidades, considerar opções alternativas e gerar novas ideias (AE, 2018, p. 7).

Outras ações estratégicas devem passar pelo desenvolvimento do pensamento crítico e analítico do aluno, incidindo em “(...) debates sobre as diferentes imagens, criando circunstâncias para a discussão e argumentação dos seus pontos de vista e os dos outros; apreciações fundamentadas em relação aos seus trabalhos e aos dos seus pares.” (AE, 2018, p. 8), assim como pelo desenvolvimento de um aluno investigador e respeitador da diferença e do outro, através do “(...) reconhecimento da importância do património cultural e artístico nacional e de outras culturas, como valores indispensáveis para uma maior capacidade de participação e intervenção nas dinâmicas sociais e culturais” (idem). Por parte dos alunos, tudo isto requer a mobilização, organização e

(...) a seleção de técnicas e materiais, ajustando-os à intenção expressiva das suas representações; a utilização de vários processos de registo de ideias, de planeamento e de trabalho; o desenvolvimento de processos de análise e de síntese, através de atividades de comparação de imagens e de objetos (AE, 2018, p. 9).

Transversal às outras áreas, o ensino das Artes Visuais também pode e deve criar oportunidades ao aluno que impliquem a participação, o manifesto do seu apoio, respeito e cooperação perante o grupo ou com os pares (...) na partilha de saberes para a superação conjunta de dificuldades nas diversas atividades, quer nos contextos de sala de aula quer em situações não formais (museus, atividades de ar livre, espetáculos, entre outras) (AE, 2018, p. 10), que permitam a autonomia e a responsabilidade para propor e estruturar tarefas, assim como “(...) colaborar na definição de regras relativas aos procedimentos com os materiais, à gestão do espaço (...)” (AE, 2018, p. 11) e que induzam “(...) a atitudes de construção de consensos, como formas de aprendizagem em comum; à solidariedade com outros, desenvolvendo o sentido de entreatajuda (...)” (idem).

Quando se pensa em Artes Visuais, vulgarmente, pensa-se em técnicas, desenhos, pinturas, esculturas e outras formas de representar. Embora, segundo Barbosa (2002), estas ainda sejam ensinadas e, muitas vezes, utilizadas apenas

em datas comemorativas (p. 14), na produção de presentes para os dias da mãe e do pai, para a festa de natal, de carnaval ou da páscoa, as Artes Visuais não se reduzem apenas a determinados momentos de celebração, ideia que deve ser combatida. Pelo contrário, elas são amplas e vão muito para além do papel, de formas e cores, possibilitando uma linguagem artística própria. Por meio das Artes Visuais é possível adquirir e aprofundar conhecimentos e competências (Rego, 2015, p. 25), exercer comparações entre a realidade e as suas produções artísticas e exteriorizar “(...) as inquietações mais profundas da natureza humana” (Rodrigues, 2016, p. 20).

No que concerne à sua importância, Mónica Oliveira (2013) diz-nos que esta Arte “(...) é comunicação, é expressão da identidade (...)” (p. 18), mas devido à carga horária semanal atribuída à mesma na matriz curricular, o fator tempo não permite aos docentes usufruir significativamente desta área transversal, influenciando e inviabilizando deslocações a museus e, conseqüentemente, o contacto direto dos alunos com obras de arte (Oliveira, 2018, p. 3). Deste modo, as Artes Visuais devem conquistar cada escola, assumindo-se como uma área do conhecimento “(...) para o desenvolvimento global e integrado dos alunos, em consonância com as diferentes áreas (...)” (DGE, 2018), só assim a educação pode ser de qualidade. Posto isto, tudo poderá ser possível trabalhar com arte, basta um pouco de predisposição para um ensino melhor e muito menos tradicional, do que é habitual. Importa mais a felicidade, a liberdade, a vontade e a confiança da criança do que as artes ao gosto dos adultos (Lowenfeld, 1977), por isso, no ensino moderno, mais do que falar sobre arte na educação, é fazer arte que fala, pois é no fazer que “(...) existe um pensamento único, construtivo, crítico e criativo.” (Eça, 2018, p. 377).

1.3. As competências nas Artes Visuais

Importa referir que cada disciplina possui competências específicas que, maioritariamente, são trabalhadas e desenvolvidas de forma isolada, isto é, quem leciona Português, Matemática ou Estudo do Meio apenas se importa em atingir as competências da sua área curricular, mas este relatório pretende que

exista um cruzamento de saberes capazes de proporcionar ao aluno um maior leque de aprendizagens que possam ser empregues de forma interdisciplinar.

Os princípios, os valores e as competências que incorporam o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória devem ser adquiridos de forma evolutiva, em que “as competências são combinações complexas de conhecimentos, capacidades e atitudes (...) e a sua enumeração não pressupõe qualquer hierarquia” (2017, p. 19). O facto de nenhuma das áreas de competências se encontrar dividida por área curricular mostra que são complementares umas das outras, ou seja, não se desenvolvem separadamente. Entre elas: linguagens e textos; informação e comunicação; raciocínio e resolução de problemas; pensamento crítico e pensamento criativo; relacionamento interpessoal; desenvolvimento pessoal e autonomia; bem-estar, saúde e ambiente; sensibilidade estética e artística; saber científico, técnico e tecnológico; consciência e domínio do corpo (p. 20), nas quais as Artes Visuais podem estar inerentes. A par destas e, segundo o mesmo documento, os alunos devem formar uma panóplia de características, de modo a construir uma sociedade mais flexível, preservadora, interventiva, participativa, ousada, relacional, sociável, inovadora, criativa, livre, inclusiva, apreciadora, sensível, curiosa e reflexiva (pp. 13-17).

Com enfoque somente nas Artes Visuais, pode-se conferir que estas se assumem como uma área do conhecimento fundamental para o desenvolvimento dos processos de olhar e ver, de forma crítica e fundamentada, os diferentes contextos visuais. As AE (2018) para esta área curricular apresentam uma principal finalidade que está vinculada ao “(...) alargamento e enriquecimento das experiências visual e plástica dos alunos, (...) despertando, ao longo do processo de aprendizagem, o gosto pela apreciação e fruição das diferentes circunstâncias culturais.” (p. 1). Tendo em conta a mesma linha de pensamento, importa salientar que a aquisição de tais capacidades/competências requerem objetivos específicos. Objetivos estes que são estabelecidos tendo em atenção cada domínio - apropriação e reflexão; interpretação e comunicação; experimentação e criação - e destinam-se aos quatro anos do ciclo de estudos. Estes são interdependentes e englobam competências estéticas e técnicas, envolvem saberes e domínio de materiais e suportes. Relativamente ao primeiro domínio, pretende-se que os alunos

aprendam os saberes da comunicação visual, identifiquem, analisem, descrevam, façam juízos críticos, com vocabulário específico e adequado, de diferentes narrativas visuais/linguagens artísticas, aplicando os saberes apreendidos em situações de observação ou experimentação plástica. No que concerne ao segundo domínio, pretende-se desenvolver capacidades de interpretação, onde se valoriza as vivências e experiências de cada um, no sentido de uma interpretação mais abrangente e complexa, da qual fazem parte três realidades: imagem/objeto, sujeito e construção de hipóteses de interpretação. No terceiro e último domínio conjugam-se a experiência pessoal, a reflexão e os conhecimentos adquiridos na experimentação plástica, esperando-se que esta não seja “(...) encarada, apenas, como atividade ilustrativa do que vê, mas a (re)invenção de soluções para a criação de novas imagens, relacionando conceitos, materiais, meios e técnicas, imprimindo-lhe a sua intencionalidade e expressividade (p. 3). Assim, recorrendo ao documento intitulado de Aprendizagens Essenciais para o 1º CEB, seguem-se abaixo descritos os objetivos por domínio:

- Apropriação e Reflexão
 - Observar diferentes universos visuais, tanto do património local como global (pintura, escultura, desenho, assemblage, colagem, fotografia, instalação, land´art, banda desenhada, design, arquitetura, artesanato, multimédia, linguagens cinematográficas, entre outros);
 - Utilizar vocabulário específico e adequado;
 - Mobilizar a linguagem elementar das artes visuais (cor, forma, linha, textura, padrão, proporção e desproporção, plano, luz, espaço, volume, movimento, ritmo, matéria), integrada em diferentes contextos culturais.

- Interpretação e Comunicação
 - Dialogar sobre o que vê e sente, de modo a construir múltiplos discursos e leituras da(s) realidade(s);
 - Compreender a intencionalidade dos símbolos e dos sistemas de comunicação visual;
 - Apreciar as diferentes manifestações artísticas e outras realidades visuais.

- Perceber as razões e os processos para o desenvolvimento do(s) gosto(s): escolher, sintetizar, tomar decisões, argumentar e formar juízos críticos;
 - Captar a expressividade contida na linguagem artística;
 - Transformar os conhecimentos adquiridos em novos modos de apreciação do mundo, através da comparação de imagens e/ou objetos.
- Experimentação e Criação
 - Integrar a linguagem das artes visuais, assim como várias técnicas de expressão, nas suas experimentações;
 - Experimentar possibilidades expressivas dos materiais e das diferentes técnicas;
 - Escolher técnicas e materiais de acordo com a intenção expressiva das suas produções plásticas;
 - Manifestar capacidades expressivas e criativas nas suas produções plásticas, evidenciando os conhecimentos adquiridos;
 - Utilizar vários processos de registo de ideias, de planeamento e de trabalho;
 - Apreciar os seus trabalhos e os dos seus colegas, mobilizando diferentes critérios de argumentação.

Quando questionado que saberes deve a educação transmitir, Michel Henry refere a arte como área essencial (cit. Medeiros, 2016, p. 73) e, por isso, deve fazer parte integrante de cada disciplina. Hoje, vários autores associam a arte à cognição, onde as Artes Visuais começam a ser vistas como um campo de estudo e não apenas como uma atividade recreativa (Oliveira, 2017, p. 63). Diz-nos a autora que “esta área é entendida como uma linguagem própria, autónoma, composta por um código específico que deve ser trabalhado com as crianças a fim de desenvolver diversas competências”, estimulando a perceção visual e estética e desenvolvendo a expressividade e criação artística (p. 63). O facto de estimular o desenvolvimento cognitivo “(...) pode tornar aquilo que os educandos aprendem e a forma como aprendem, mais relevante (...)” (UNESCO, 2006, p. 6). Deste modo, a integração de atividades expressivas ligadas às Artes Visuais traduz-se num processo libertador de motivações e

tensões, pela espontaneidade a que está adjacente, “(...) propiciando a realização pessoal e a descoberta de si próprio.” (Santos, 2009, p. 39). Na perspetiva de Berrocal, Caja e Ramos (2001), a disciplina deverá proporcionar o desenvolvimento da criança em:

Capacidades percetivas – relacionadas com a educação dos sentidos para «captar, identificar, classificar e interpretar el entorno que nos rodea» que ajudarão a criança a valorizar o sentido estético e o gosto pela arte;

Capacidades manipulativas e procedimentais – relacionadas com a manipulação de materiais e a utilização de técnicas;

Capacidades criativas – relacionadas com a comunicação, criação e expressão, apelando à criatividade e à sensibilidade da criança (Oliveira, 2017, p. 66).

Segundo Oliveira (2017), importa referir que as Artes Visuais possibilitam ensinar dois aspetos fundamentais e essenciais no processo criativo: o saber e o fazer (p. 66). Desta forma, uma aprendizagem centrada na compreensão da arte como fenómeno cultural permite conhecer melhor o mundo e a si, ao mesmo tempo que enriquece a personalidade de cada indivíduo, como ser único e individual, para que se integre melhor na sociedade (idem).

Centremo-nos primeiro no comportamento percetivo, que tem por base a linguagem visual aquando a observação de uma obra de arte, processo que distingue as qualidades estéticas e demais características encontradas (Hernández, 2000, p. 46), que Viadel (2003) também assegura como uma das dimensões fundamentais no currículo das Artes Visuais para o 1º CEB, designando-a «apreciação»: aprender a ver, saber e compreender (p. 253). Segue-se, então, a compreensão que, para Hernández (2000), é necessário interpretar para além daquilo que se vê (idem, p. 49). Com a arte para a compreensão da cultura visual, os alunos podem “adquirir um conhecimento de si mesmos e do mundo (...) estruturar o conhecimento por meio de experiências em outras matérias escolares; favorecer as atitudes de interpretação, relação, crítica e (...) estar em processo de constante aprendizagem.” (idem, 56). Desta forma, torna-se prioritário “(...) educar para saber olhar, analisar e compreender (...)” (idem, p. 92).

Mais do que a motricidade, o processo de produção artística ou plástica desenvolve, nos alunos, “(...) a capacidade de representar ideias, sentimentos e imagens que muitas vezes não se podem traduzir noutra forma de linguagem (...)” (Oliveira, 2017, p. 68), em que a mão, diretamente ou com a ajuda de

instrumentos, pode transmitir a imaginação e, até, tornar visível emoções e pensamentos, onde o aluno pode e deve ser livre de se exprimir de variadas formas e diferentemente, de acordo com as suas próprias ideias. Hernández (2000) acrescenta que de outra forma seria impossível comunicá-las, considerando também competências relativas a habilidades plásticas e destrezas, assim como o desenvolvimento intelectual (pp. 44-45). Assim, é de realçar a importância de competências ao nível da apreciação estética em crianças nos primeiros anos do ensino básico, o que acaba por fomentar modos pessoais de sentir perante o mundo e contribui, assim, para a construção de conhecimentos diversos, não compartimentados, melhorando a forma de viver. Para além destas, outra competência passa pelos sentidos apurados, como diz o dr. Arquimedes Santos (2009), onde a sensibilidade se afina e vai, também, despertar “(...) a necessidade de entreabrir a vida afetiva através da expressividade artística.” (p. 35).

Segundo a UNESCO (2006), “todos os seres humanos têm potencial criativo (...) a arte apenas vai permitir (...) cultivar em cada indivíduo o sentido de criatividade e iniciativa, uma imaginação fértil (...) e liberdade de pensamento e ação.” (p. 6), só precisam de ser bem estimulados. Contudo, em todos eles já estão presentes e podem ser alimentadas e aplicadas a imaginação, a criatividade e a inovação, em que “a imaginação é a característica distintiva da inteligência humana, a criatividade é a aplicação da imaginação e a inovação fecha o processo fazendo uso do juízo crítico na aplicação de uma ideia.” (Sir Ken Robinson cit. UNESCO, 2006, p. 10). Com a mesma opinião, Viadel (2003) garante que a criatividade é uma característica da pessoa, como que um processo, e ainda alude que vê a mesma como uma capacidade para a resolução de problemas e, por isso, ser fundamental “(...) encontrar herramientas que ayuden a la solución creativa de problemas.” (p. 127). Para o mesmo autor, o principal objetivo no desenvolvimento do pensamento criativo deve garantir a criação de algo novo, único, irrepetível e que não existia até ao momento (pp. 130 e 131).

Experimentar e desenvolver “(...) o conhecimento da arte permite o desenvolvimento de perspectivas únicas sobre uma vasta gama de temas, perspectivas essas que outros meios de educação não permitem descobrir.” (UNESCO, 2006, p. 6), tal como transmitem Caja, Berrocal e Ramos (2003)

quando expõem que “diariamente consumimos múltiples imágenes cargadas de gran cantidad de información sobre uno o más temas (...) útil para vivir de forma integrada en la sociedad actual, ayudándonos a formar un determinado criterio u opinión.” (pp. 37-38). Por conseguinte, entende-se que as Artes Visuais contribuem “(...) para uma educação que integra as faculdades físicas, intelectuais e criativas (...)” (UNESCO, 2006, p. 6). Pode-se constatar, ainda, que os vários universos visuais são um veículo de sentimentos e apelam a uma educação emocional, por transmitirem mensagens (Caja, Berrocal & Ramos, 2003, p. 38), para além de demonstrarem e desenvolverem a imaginação, o sentido crítico e estético, a coordenação visual e motora, a sociabilidade e a criação dos alunos. É através de um conjunto de técnicas e materiais que os alunos criam e exploram a imaginação, enquanto expressam, ao mesmo tempo, o seu mundo interior (Lowenfeld, 1970 cit. Oliveira, 2017, p. 63). Então, um dos objetivos das Artes Visuais pode definir-se como a criação de artistas, podendo avaliar-se, segundo Hernández (2000), o conhecimento sobre as obras e os artistas; a capacidade de dar forma às ideias; a descrição, análise e interpretação; a curiosidade, a inventividade, a inovação; a participação ativa em todas as atividades; a competência na utilização dos materiais e das técnicas e as atitudes face às manifestações artísticas (p. 162).

1.4. Uma visão interdisciplinar

A interdisciplinaridade é um termo que designa a convergência de vários ramos do saber que, para Marques (2000) “(...) passou a fazer parte do discurso pedagógico dos professores” (pp. 81-82). O prefixo “inter”, segundo o dicionário indica a relação recíproca, neste caso, entre duas ou mais disciplinas, sem que nenhuma se sobressaia sobre as outras, mas que se estabeleça uma conexão mútua, com o desaparecimento de fronteiras entre áreas do conhecimento.

No campo da educação, a unificação do saber ainda é, hoje, um problema em constante investigação, onde as disciplinas se trabalham separadamente e “(...) a divisão dos conteúdos e dos objetivos parece resistir” (Roegiers & Ketele, 2004, p. 13), constituindo uma barreira entre eles, o que não se torna harmonioso. Ainda que exista uma maior preocupação em adotar um método de

trabalho interdisciplinar, este é muito falado, mas pouco executado. A primeira abordagem que se pretende é tornar interdependentes a matemática, a língua portuguesa, o estudo do meio e as expressões, num processo de ensino-aprendizagem articulado e dinâmico. Contudo, “frações de alunos recebem frações de saber em frações horárias” (Fourez, 2002, p. 29), em que a carga horária semanal para cada uma das disciplinas varia entre sete (para português e matemática) e três horas (estudo do meio e expressões artísticas e físico-motoras) (Decreto-Lei n.º 176/2014).

Três autores definem interdisciplinaridade como “(...) uma combinação entre duas ou mais disciplinas (...)” (Pombo, Guimarães e Levy, 1994, p. 13) que por vezes parecem estar tão distantes, mas que se complementam. Gusdorf (2006) aponta como essencial uma educação interdisciplinar para o despertar de uma nova forma de conhecimento (p. 52), onde o trabalho pedagógico se revele verdadeiramente integral (Lima & Ramos, 2017, p. 166). A sua incorporação, no currículo, deve ser vista “(...) como um modo de conceber e de organizar os conteúdos do ensino” (Vaideanu, 2006, p. 162), onde o cruzamento disciplinar visa a transmissão e a construção de saberes interligados (Sá & Pereira, 2015, p. 101), cabendo ao professor, como gestor do processo de ensino-aprendizagem, promovê-la, sendo que esta inter-relação deve ser pensada e planificada com base nas metas de aprendizagem do ano em questão. No 1º CEB, a vantagem da sua aplicação insere-se numa aprendizagem tanto mais efetiva e significativa se houver cruzamento de conteúdos programáticos, onde os alunos adquirem competências transversais (Brown, 2006, p. 137) Consequentemente, isto permite um maior aproveitamento e compreensão dos saberes por parte dos mesmos (Cohen & Fradique, 2018, p. 52). Outra vantagem, segundo Pimenta (2013), é a de que a interdisciplinaridade “(...) rasga novos horizontes (...) alerta-nos para a necessidade de observarmos outras realidades, de adotarmos procedimentos diferentes para o fazer” (p. 144). O mesmo autor fala-nos do tema cuja dinâmica permite ao aluno aperceber-se “(...) da totalidade do conhecimento e da interconexão entre as diversas disciplinas” (p. 165), enquanto se encadeiam tarefas umas nas outras de diversas formas. Assim, o professor deve contribuir para que o conhecimento não se apresente em compartimentos, sem ligações quaisquer, mas sim organizado de forma interligada, relativizando a importância de cada disciplina. Pimenta (2013)

garante que há pouca imaginação no ensino e, por isso, é que existe uma educação fragmentada ao invés de única, sendo importante potencial o investimento na descoberta através da “(...) capacidade de vislumbrar novos mundos, de admitir hipóteses totalmente diferentes, de ensaiar novos métodos de trabalho” (p. 169). E para que o trabalho interdisciplinar do docente surta o efeito pretendido, corroborar matérias que estejam empiricamente ligadas entre si deve ser praticado em concordância com os interesses, as motivações, as necessidades e dificuldades dos alunos. Contudo, muitas vezes, “a existência de um currículo obrigatório (...) com uma lista excessivamente densa de conteúdos para distribuir nas aulas (...)” (Santomé, 2011, p. 65) faz com que professores fiquem dependentes do cumprimento das matérias presentes nos manuais escolares e esquecem-se do quão importante é proporcionar momentos interdisciplinares (Gonçalves & Martins, 2018, p. 607).

Neste sentido, as artes visuais no ensino não devem ser vistas como uma estratégia para atingir um fim, mas sim, um meio que ajude no processo de aprendizagem, para que o resultado seja positivo. Como refere Barbosa (2002), “não se trata de tomar as outras disciplinas e integrá-las às artes, nem colocar a Arte a serviço das outras disciplinas” (p. 86). Partindo desta premissa, Perela (1991) também corrobora que “à criação artística é atribuída a mesma importância que é atribuída a qualquer outro campo do conhecimento (...)” (p. 243). Logo, neste estudo, tornar-se-ia insuficiente se as artes visuais e todas as disciplinas fossem trabalhadas de costas voltadas umas para as outras, como se cada qual estivesse interessada em corresponder da melhor maneira aos interesses da disciplina que representa, como afirmam Pombo, Guimarães e Levy (1994, p. 21). Por isso, importa sim adotar uma estratégia interdisciplinar e que culmine num processo de ensino-aprendizagem satisfatório, motivador, desafiante e inovador, que leve ao sucesso dos alunos, neste caso, através das artes visuais e das suas demais competências.

1.5. A Educação no século XXI

A Educação, na atualidade, precisa de novos desafios para responder às exigências de um tempo em constante mudança. Para Cardoso (2019), “a escola

deixou de ser apenas o lugar onde se adquire conhecimento, mas também o lugar onde se aprende a ser cidadão, a respeitar o outro, e onde se cimentam valores” (p. 18), dos quais destaca a responsabilidade, a autonomia, o pensamento crítico e o empenho (p. 19), sendo que Rodrigues (2015) acrescenta “(...) a tolerância, a compreensão mútua, a solidariedade (...) e a participação democrática na vida coletiva” (p. 93). A educação destina-se, assim, à transmissão de valores, de competências sociais, relacionais, emocionais, intelectuais e éticas, enquanto o ensino visa a aquisição de conhecimentos e aprendizagens (Rodrigues, 2015, p. 93). Sem exceção, todos têm o direito à Educação e ao Ensino, cabendo ao Estado a contribuição para uma igualdade de oportunidades e a superação das desigualdades económicas, sociais e culturais (Decreto-lei nº 176/2014, artigo 73º, nº 1 e 2).

A Educação Nova, com o seu auge entre as Guerras Mundiais, visava distanciar-se de uma Escola Tradicional para dar origem a novas alternativas, à novidade “(...) e ser esperançosa, criativa, abrir novos caminhos ao mundo existente (...)” (Araújo & Araújo, 2018, p. 24). Esta ideia de mudança radical e exagero, por parte dos pedagogos da Educação Nova, continuou muito aquém dos métodos ativos, em que “só se aprende bem aquilo que se aprende por si mesmo” e “a mente só pode apreender o que o olho e a mão conseguiram medir previamente” (Claparède, 1933 cit. Araújo & Araújo, 2018). Esta pedagogia e movimento inovador do século XX que tanto acreditavam passou a ser considerado velho. No final dos anos 90 construíram-se milhares de novos espaços e em 2009 aprovou-se a escolaridade obrigatória até aos dezoito anos de idade, o que implicou o recrutamento de um número elevado de professores, “(...) procurando integrar e escolarizar todos os alunos, desenvolvendo estratégias pedagógicas e ofertas formativas diferenciadas para responder à heterogeneidade (...) e às exigências sociais (...)” (Rodrigues, 2015, pp. 36-38). Afinal, na atualidade, apenas muda o século, o objetivo mantém-se: adotar estratégias diferenciadoras e inovadoras que respondam a cada indivíduo como ser singular.

Como nos diz Nóvoa (2017), “não podemos resignar-nos a uma escola parada no tempo” (cit. Oliveira, 2018, p. 3). O século XXI e “os problemas e os desafios de uma sociedade em mutação acelerada refletem-se forçosamente na educação, obrigando a repensar papéis e funções (...)” (Baptista, 2005, p. 30).

O progresso e desenvolvimento que temos vindo a presenciar passa, obrigatoriamente, pela formação de toda a população, tornando-se urgente melhorar as aprendizagens e combater o insucesso (Rodrigues, 2014, p. 711). Pensar a Educação no século XXI é pensar na ideia da autora Mónica Oliveira: é pensar em novos desafios, em práticas inovadoras, é refletir sobre o que se deve fazer para mudar num futuro próximo, é atuar. Consequentemente, existe uma tabela de tendências para a inovação educacional com metodologias de aprendizagem ativa, como aulas partilhadas com coadjuvados, a utilização de jogos, a inversão de papéis, o *storytelling*, etc. (Cohen & Fradique, 2018, p. 65). Uma Educação de qualidade deve reunir vários sujeitos importantes como a escola, o professor, o aluno, a família e toda a comunidade educativa envolvente. Sobretudo os professores podem mudar o rumo da Educação de hoje, desempenhando um papel ativo nestas mudanças, mantendo-se em constante formação contínua e avaliando a sua prática docente, de forma a aplicar novos paradigmas, novos modelos que funcionem e, assim, atingir o êxito, tanto deles como dos alunos, estes motivados para aprender. Todavia, cabe a toda a escola investir numa educação de qualidade com vista ao sucesso educativo desde os primeiros anos e preparar os alunos "(...) para que se assumam como construtores de um futuro melhor" (Cohen & Fradique, 2018, p. 10).

Stoll, Fink e Earl (2004) estabelecem que a aprendizagem está envolta em múltiplos fatores, tais como o estabelecimento de conexões, a compreensão, a motivação, a emoção, a socialização, o contexto, o esforço, a atenção e o tempo como recurso valioso. Defendem ainda que aprender é algo distinto para cada pessoa e depende das suas experiências, referências, perspetivas, interesses, capacidades e estados emocionais, pelo que devem ser proporcionadas as condições necessárias, em equidade, para que cada uma possa aprender (cit. Oliveira, 2018, p. 3).

O tempo é fundamental na medida em que "(...) não há mudança sem reflexão e não há reflexão sem tempo. Tempo para reunir-se e falar, tempo para planear, tempo para criar, tempo para praticar, tempo para aprender com profundidade." (Oliveira, 2018, p. 3). Assim, para dar resposta às necessidades dos alunos do século XXI, a planificação deve usufruir de estratégias diversificadas que cheguem a todas as crianças, com vista a melhorar a motivação das mesmas, cujos autores apresentam:

(...) usar a aprendizagem cooperativa em lugar da aprendizagem competitiva; (...) incentivar a que se corram riscos moderados; louvar o trabalho

bem feito; fazer com que as tarefas académicas sejam interessantes; proporcionar um feedback relacionado com a aprendizagem e o esforço; (...) incentivar a vontade própria. (idem).

No entanto, a Escola e o currículo ainda se caracterizam por uma aprendizagem onde “(...) delimitam o campo de ação do professor, junto ao quadro, e o dos alunos, que se sentam nas cadeiras, em linha (...)” (Cohen & Fradique, 2018, p. 10), passivos e aborrecidos porque as aulas são pouco práticas, interessantes e criativas e os alunos são poucas vezes convidados “(...) a falar, a opinar ou participar” (Cardoso, 2019, p. 20), em que toda a turma parece aprender do mesmo modo e no mesmo ritmo. Esta problemática está longe de responder aos desafios do século XXI e a escola, deste ponto de vista, está longe de ser de qualidade e eficaz, uma vez que o professor não adapta o currículo a cada indivíduo, como ser único e individual. A Escola precisa de apostar na inovação, na diferenciação pedagógica, incidindo no aluno real e não no paradigma do aluno médio (Cohen & Fradique, 2018, p. 11). Por sua vez, o aluno deve ter um papel ativo e ser o centro do processo, o protagonista das suas aprendizagens.

Também, com a modernização, a ligação à internet nas escolas passou a ser uma medida a adotar, possibilitando aos alunos o acesso às tecnologias digitais. Segundo Oliveira (2018), “(...) as tecnologias devem surgir no processo de ensino e aprendizagem como uma ferramenta educativa”, onde o Wi-Fi deverá ser disponibilizado e os dispositivos eletrónicos possam ser utilizados a qualquer hora e em qualquer lugar (p. 4). A Escola do século XXI deve capacitar alunos para que sejam “cidadãos ativos, empreendedores responsáveis, (...) participem no mundo e influenciem pessoas, (...) para pensarem por si e para saberem colaborar, cooperar e conviver; (...) resolver problemas complexos (...)” (Cohen & Fradique, 2018, p. 11). Segundo os autores, foi a par destes objetivos e das necessidades do mundo atual, como a sustentabilidade, a interculturalidade, a inovação, a criatividade e outras que se concebeu o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (p. 11), pelo qual a educação se deve reger, assegurando que todos os alunos alcancem as competências previstas.

No seio de uma Educação no século XXI, encontra-se também a Educação Artística que a especialista na matéria, Mónica Oliveira (2013), diz-nos, tendo em conta a contemporaneidade, que a escola necessita de “(...)

(re)definir e (re)orientar os seus métodos de ensino na área artística, os seus objetivos e as suas práticas (...)” (2013, p. 17), uma vez que “(...) o mundo precisa de pessoas que pensem diferente, (...) de forma criativa, inovadora (...)” (Cardoso, 2019, p. 64) e se a criatividade não for “(...) trabalhada e estimulada na infância, será menor na idade adulta” (p. 105). Assim sendo, esta área deveria, então, ser redimensionada, na escola, com o aumento do tempo semanal que não diz respeito apenas às Artes Visuais, mas também a mais três domínios, o que se revela um constrangimento nos dias de hoje. Se a criatividade é uma das funções mais complexas do ser humano e influencia os seus comportamentos, um clima criativo na sala de aula surge “(...) como condição essencial para o desenvolvimento de competências criativas.” (Leite, Morais, Martins & Miranda, 2018, p. 143). “Um sistema de ensino não pode, nem deve, cortar a criatividade, nem o sentido crítico (...)” (Cardoso, 2013, p. 119) e, para tal, existe a urgência da gestão do currículo e do tempo letivo ser mais flexível (Oliveira, 2018, p. 3). Apesar de se falar em redistribuição da carga horária das disciplinas, em privilegiar a combinação das mesmas, segundo César Bona García (2017), a transformação só será visível quando se introduzir a educação emocional nas aulas, para além de permitir às crianças a sua participação nas mesmas (p. 257). Só assim o mundo pode tornar-se num lugar melhor no futuro e isso depende dos professores, que com as suas ações podem sensibilizar e incentivar (p. 258). Já para Cardoso (2019), uma nova escola só será possível quando o ensino se revelar imaginativo, artístico, criativo e numa organização espacial diferente (p. 172).

1.6. O papel do professor atual

Sabemos que a prática educativa é complexa e obedece a múltiplos determinantes, parâmetros institucionais, organizativos, tradições metodológicas e a condições físicas e sociais. Esta deve acompanhar as mudanças exigidas por uma sociedade do conhecimento, em constante transformação, onde é o modo de agir do professor que irá colaborar para tornar o processo de ensino-aprendizagem adequado e significativo para os alunos. A LBSE (Decreto-lei nº 49/2005) define o Ensino Básico como sendo um ensino universal, gratuito e

obrigatório e, por isso, todas as crianças devem ter acesso a um ensino de qualidade que lhes permita o pleno desenvolvimento de todas as suas capacidades, preparando-as para a vida. Partindo dos pressupostos que o professor é um profissional da educação e é aquele que ensina e faz aprender, Marchesi e Gil (2004) afirmam que o mesmo, enquanto sujeito da aprendizagem, encontra-se no centro da mudança escolar e que, mesmo não agindo de forma isolada, esta depende do que tais profissionais façam e pensem para poder fazer a diferença (pp. 196-197), como que uma “(...) chave para garantir uma boa educação” (p. 210).

Antes de mais, importa mencionar que o perfil do professor do 1º CEB deverá ter em conta o desenvolvimento do currículo, utilizando os conhecimentos prévios dos alunos. Faz parte do seu papel promover a comunicação, a participação ativa, a colaboração, o respeito, num clima que se espera de bem-estar afetivo e de relações positivas entre todos os intervenientes no processo (Decreto-lei nº 241/2001), provocando interesse por querer saber, querer fazer, querer ser. O facto de o professor proporcionar a troca de saberes entre todos, onde o desenvolvimento crítico está diretamente relacionado, permite ao aluno sentir-se como peça importante do “jogo”. No entanto, para Cardoso (2013), “um professor de excelência sabe que não pode fazer tudo sozinho” (p. 28), mas coopera para atingir o objetivo comum: “fazer com que os alunos aprendam” (idem). Logo, para que o professor possa triunfar, o autor refere algumas características importantes que este deve ser dotado, como “(...) saber trabalhar em grupo, ser dinâmico ou ter empatia (...), ser motivador e inspirador” (idem) e, para além de dominar matérias e capacidades pedagógicas – *hard skills* –, ser capaz de persuadir, liderar, interpretar, avaliar, ter uma atitude positiva e assertiva – *soft skills* – que reunidas atingem as *meta-skills* (p. 40).

Todo e qualquer bom profissional na área da educação pretende melhorar e aperfeiçoar, a cada dia, a sua docência e as suas competências, mas tal só se consegue com conhecimento, experiência, avaliação da atividade, dedicação e constante atualização, ao longo de toda a vida profissional, insistindo no *life long learning* e na investigação. Tal como Day (2004) afirma, a manutenção de um bom ensino exige comprometimento, onde “os professores revisitem e revejam regularmente a forma como estão a aplicar os seus princípios (...)” (p. 151).

Apenas “um professor com visão (...) crê no ensino e na educação como formas de progresso da humanidade” (Cardoso, 2013, p. 60). Como refere Freire (1996),

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, (...) esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica (p. 120).

Por isso, para que o aluno aprenda, o professor deve estabelecer um clima adequado num ambiente seguro, onde predomine uma relação próxima, o afeto, o sentido de humor, a escuta ativa, a aceitação, a confiança, a sinceridade, a atenção, o apoio, a disponibilidade, o entusiasmo, o fascínio, o encorajamento e a autenticidade, permita e respeite o ritmo de cada um, valorize a autoestima, aceite o erro e, sobretudo, potencialize a autonomia e a responsabilidade para que aprendam a aprender, ao invés de debitar apenas conhecimentos. Os professores deverão estar habilitados para o que vão ensinar, mas também para a capacidade de induzir entusiasmo nos alunos, devendo ser vistos como gestores do ambiente da sala de aula (Cardoso, 2013, p. 42), numa conduta de exigência e rigor e não de facilitismo (p. 96). O mesmo autor diz ser fundamental a autoridade natural por parte do professor, o que não significa uma atitude de autoritarismo (p. 97), tendo a ver com a hierarquia e o distanciamento que deve existir entre professor e aluno.

O professor inovador auxilia-se de várias técnicas e utiliza métodos e estratégias de ensino-aprendizagem diversificados e com intencionalidade, respondendo a questões “o que quero que os alunos aprendam?” (Cardoso, 2013, p. 145), “como vou organizar a ação e porquê?”, tendo em conta o “para quê” e “para quem?”, “com que meios, atividades, tarefas” e “em que ordem e porquê?” (Roldão, 2009, p. 29), adotando variados recursos pedagógicos didáticos, lúdicos e apelativos, que cativem a atenção dos alunos, incentivem na realização das tarefas e se mostrem interessantes para serem mais apreciados. Apesar de preocupado em cumprir o programa e o manual, o professor deve ter um papel de facilitador de aprendizagens múltiplas e desafiadoras (Choen & Fradique, 2018, p. 17), onde o aluno desempenha um papel ativo, uma vez que este é, também, construtor do seu próprio conhecimento. É através da sua capacidade de ousar que o professor terá alunos que aprendem e compreendem

os conteúdos de forma espontânea e satisfatória, tendo em conta todo o processo de natureza estratégica que é o ensino. As visitas de estudo são um exemplo de aplicação de matérias de forma prática e que os alunos apreciam e, por isso, devem ser planeadas pelo professor como “(...) forma de descompressão e de quebra da rotina (...)” (Cardoso, 2013, p. 117), mas também como forma de despertar a curiosidade e de “olharem o mundo e verem para lá das portas da escola” (idem), associando os conteúdos à realidade do dia-a-dia, o mais próximo das vivências dos mais novos.

Para alguns professores, o ato de ensinar é, essencialmente, segundo Roldão (2009), dar a “matéria”, organizar a apresentação dos conteúdos, factos e teorias e apresentá-los e explicá-los aos alunos, colocando questões que os levem a pensar (p. 14). Mas do ato de ensinar deve fazer parte a clareza, o *feedback*, elogio ou reforço fornecido pelo professor, que se traduzem em respostas poderosas por orientarem o aprendiz no caminho a seguir, de modo a atingir determinados objetivos de aprendizagem, embora seja utilizado poucas vezes durante uma aula e, quando usado, se destine maioritariamente às respostas esperadas e não obtidas (Lopes & Silva, 2010, pp. 47-49). O Professor torna-se responsável pelos resultados dos seus alunos, devendo adotar um papel de mero orientador entre o aprendiz e o conhecimento, capaz de trabalhar em projetos interdisciplinares. Adotar uma postura interdisciplinar é “(..) uma atitude diante de alternativas para conhecer mais e melhor (...), atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo (...) de desvendar novos saberes, atitude de desafio (...)” (Barbosa, 2002, pp. 105-106). Diz-nos a autora que o professor, para trabalhar com interdisciplinaridade, não precisa de dominar todas as disciplinas, mas sim trabalhar com a metáfora de uma sinfonia, em que o professor é o maestro e necessita de instrumentos, plateia e recursos e todos são fundamentais na sua participação (p. 109).

Nos dias de hoje, é cada vez mais importante inovar na maneira como se prepararam e lecionam as aulas, cabendo ao professor o objetivo de fazer com que a escola seja um lugar onde os alunos queiram ir e estar, ao procurar despertar o interesse e motivá-los para a aprendizagem, através daquilo que gostam e desejam. Com isto, o docente deve pensar em cumprir o programa, mas com a capacidade de utilizar estratégias adaptadas para trabalhar diferentes conteúdos.

1.6.1.O papel do professor nas Artes Visuais

O docente, quer nas Artes Visuais quer noutra disciplina, apresenta um papel importante no processo de ensino-aprendizagem. Para Cardoso (2019), “as Artes e o estímulo da imaginação são tão importantes para os alunos do século XXI como os números e as letras” (p. 64). Contudo, “somente a ação inteligente e empática do professor pode tornar a Arte ingrediente essencial para favorecer o crescimento individual (...)” (Barbosa, 2002, p. 14) de cada aluno. Para que tal aconteça na Educação, também as escolas devem “(...) propiciar meios para que os professores desenvolvam a capacidade de compreender, conceber e fruir Arte.” (Barbosa, 2002, p. 14), esta vista como uma expressão pessoal. Rego (2015) afirma ser necessário promover o acesso à arte no ensino, pois esta não se dissocia da educação e a relação entre ambas constitui “(...) um importante espaço de proximidade na medida em que os valores da cultura e da experiência do Homem são aí criados, processados e transformados.” (p. 24). A par disto, cabe ao professor proporcionar as Artes Visuais ao aluno através de uma paisagem, um rosto, uma flor e até uma forma abstrata, preocupando-se “(...) em despertar a sensibilidade do aluno para estes e muitos outros aspetos da expressão”, não se baseando única e exclusivamente na reprodução ou cópia, mas sim permitindo a livre expressão das crianças (Rodrigues, 2016, p. 20), de forma a inventar ao invés de traduzir. Não obstante, “o papel da Arte na educação é grandemente afetado pelo modo como o professor e o aluno veem o papel da Arte fora da escola” (Barbosa, 2002, p. 45), e se lutam ou não pela presença desta área nas escolas, ajudando os alunos a encontrar o seu próprio caminho ao invés de lhes impor algum (Berrocal, 2005, p. 141). Neste âmbito e, segundo o perfil específico de desempenho do professor, está proclamado que este promove “(...) competências criativas e utiliza estratégias que integrem os processos artísticos em outras experiências de aprendizagem curricular; (...) desenvolve nos alunos a capacidade de apreciar as artes (...), valorizando o património artístico e ambiental da humanidade.” (Decreto-Lei 241/2001). Contudo, existe uma questão que se prende com a formação dos docentes, que não os prepara adequadamente para

pôr em prática as artes visuais nas escolas e que os faz não se sentirem confiantes. Por isso, Mónica Oliveira (2016) diz ser importante construir um novo perfil de professor que, nesta área, consiga “(...) adequar as novas circunstâncias sociais e culturais das novas práticas artísticas (...) a novas práticas educativas.” (p. 101), projetadas no futuro e ajudando a preparar os alunos para a atualidade, ou seja, “a aprendizagem deve ser orientada (...) para a adaptação ao contexto atual” (Oliveira, 2015, p. 59).

No ensino através das Artes Visuais, é necessário que também o professor seja um inventor (Oliveira, 2016, p. 101) e pense em desafios instigadores, de tal modo que os alunos se possam aperfeiçoar. Desafios esses que Bárrios e Ribeiro (2002) remetem para o pensamento criativo associado à obra, onde se comunica o que se produz (p. 533). Como completa César Bona (2017), para estimular a criatividade nos alunos, o professor também precisa ele de ser criativo (p. 65) e “(...) não pode ignorar que a criatividade é um princípio básico da educação e que ela deve ter um lugar de destaque nas intenções pedagógicas” (Oliveira, 2015, p. 71). Assim, para a mesma autora, o professor deve atuar desenvolvendo e estimulando as competências artísticas dos estudantes (p. 78). O papel do professor artístico deve ter como um dos seus enfoques a promoção de oportunidades que desenvolvam competências criativas, apreciativas e valorativas, através de estratégias que desencadeiem e enriqueçam a linguagem através da Arte, nas quais a cultura, as obras de arte e os artistas possam estar integrados noutras experiências interdisciplinares.

A nova sociedade do conhecimento e informação obriga a uma adaptação, por parte dos docentes, em áreas tecnológicas e criativas. “Vivemos num mundo que já não recompensa as pessoas apenas por aquilo que sabem – o Google sabe tudo – mas por aquilo que conseguem fazer com isso.” (Andreas Schleicher, 2016 cit. Cohen & Fradique, 2018, p. 10). Assim sendo, para que professores não sintam insegurança e instabilidade face à mudança, “a formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico e por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. Este, sim, é um professor de excelência, do futuro, com o foco na aprendizagem do aluno, um bom exemplo e modelo-referência que marca para sempre a vida de gerações de estudantes.

1.7. O sucesso escolar

O sucesso escolar não se pode confundir com o sucesso da escola, mas de certo modo estão conexos. O primeiro resulta de dificuldades muito diversas e pensa-se que pode estar relacionado com vários fatores: sociais, económicos, emocionais, a inteligência do próprio aluno, a sua autoestima, o professor, a família, entre outros.

Segundo Medeiros (2016),

Entre o Ensinar e o Aprender a correspondência não é biunívoca (...) somos capazes de aprender, e aprendemos, coisas que ninguém nos ensinou, e ensinamos coisas que o destinatário não aprende, não gosta de aprender, não quer aprender, não lhe interessam. (p. 39)

Por conseguinte, “as relações professor-aluno têm grande influência no sucesso dos alunos” (Lopes & Silva, 2010, p. 63), no que diz respeito a melhorar os resultados de aprendizagem. Quer isso dizer que interações e expectativas positivas atuam numa lógica proporcional com o bem-estar socioemocional e, conseqüentemente, com o desempenho e rendimento escolar do aluno. Portanto, quanto maior for a expectativa e a motivação, maior é o sucesso escolar, como foca Cardoso (2013) quando diz que “o bom professor é aquele que tem as melhores expectativas em relação ao que os seus alunos são capazes de aprender” (p. 67), pois acredita no êxito dos mesmos e está disposto a trabalhar com vista ao sucesso, pelo que, nestes casos, não cria imagens estereotipadas dos alunos e, assim, o desempenho destes atinge resultados superiores aos inicialmente esperados.

No que concerne à motivação, esta pode acontecer de duas formas: de fora para dentro e de dentro para fora, em que a criança usa as suas potencialidades para adquirir conhecimento. Apesar da criança mostrar motivação intrínseca, sem a ajuda de uma motivação extrínseca não aprende na sua plenitude. Como escreve Cardoso (2013), “educar não é mais do que a arte de seduzir” (p. 21) e, de facto, quando tal acontece, quando o professor se torna inspirador, o aluno sente-se mais estimulado, motivado e encorajado e terá, certamente, um melhor desempenho na realização das tarefas. Ainda, “a desmotivação é um fator de potencial indisciplina e esta, por sua vez, leva ao

insucesso escolar” (p. 72), onde há um baixo investimento no estudo, que o autor caracteriza como sendo um ciclo vicioso.

Para intervir e minimizar o insucesso escolar, primeiro é necessário encontrar o foco do problema ou a causa, uma vez que, certamente, não se luta contra este da mesma maneira em todos os casos. Para Bettencourt e Pinto (2009), a ideia de que a primeira explicação para a origem do problema estar centrada nos alunos e nas suas características singulares, “(...) cognitivas ou de personalidade, congénitas ou adquiridas, que impediriam um percurso “normal” de aprendizagem.” (p. 27) e não na escola e nos professores, ainda preside. Os mesmos autores completam que este pensamento leva ao atraso do aluno relativamente ao seu grupo etário. Deste ponto de vista, a escola que é para todos, acaba por ser apenas para alguns, porque o professor deixa de se preocupar com o efeito das suas práticas para atingir o sucesso com esses alunos. Estes acabam por ficar fragilizados e revelar baixo nível de auto estima, exclusão social e, conseqüentemente, desencorajamento para a vontade de aprender. Ora, se a escola é hoje um espaço multicultural, o sucesso escolar tem na sua base ultrapassar a exclusão e fazer um levantamento das necessidades de cada aluno, para que se trabalhe em prol de todos, onde a família tem um papel fundamental. Segundo o relatório mais recente do Plano Nacional de Saúde Escolar (PNSE) (2015), “(...) a saúde de crianças e jovens é profundamente influenciada pelo contexto em que crescem, aprendem e se desenvolvem.” (p. 16), ou seja, pela interação aluno, família, escola e meio sociocultural em que estão inseridos (p. 24). Deste ponto de vista, o sucesso escolar está, também, relacionado com a participação dos pais na educação dos filhos, na escola e na saúde e é por isso considerado relevante a promoção de relações positivas durante a vida escolar. Não importa se o professor sabe muito sobre o tema, se não consegue fazer com que os alunos aprendam. Se o foco estiver nos alunos, se conseguirmos perceber que são todos diferentes e, mesmo assim, tentarmos chegar ao maior número de alunos, alcançaremos resultados eficazes (Cardoso, 2013, pp. 90-91).

Ao longo do ciclo de vida escolar existem condições de saúde que podem comprometer as aprendizagens dos alunos. É assim que o PNSE intervém para complementar a melhoria de alguns desses indicadores. O PNSE encontra-se diretamente articulado com a educação e aponta para a oportunidade de todos

frequentarem uma escola que promova a saúde e o bem-estar físico, mental e social, a fim de contribuir para uma maior e melhor qualidade de vida, com o conseqüente objetivo de melhorar a qualidade do ambiente escolar e, assim, reduzir o impacto dos problemas de saúde no desempenho dos alunos (2015, p. 4). A informação constada neste documento diz-nos que a Saúde Escolar pode, assim, ajudar a melhorar o sucesso dos alunos ao fazer com que estes atinjam a plenitude do seu potencial de saúde, estando "(...) preparada para os grandes desafios da contemporaneidade, que exigem uma visão alargada de uma realidade social e económica complexa e mutante (...)" (p. 10), "(...) onde as desigualdades acentuam os riscos e dificultam o acesso a serviços de saúde e a práticas preventivas (...)" (p. 11). A promoção, transversal, de conteúdos de saúde no currículo durante o ciclo escolar (...) desenvolve processos de ensino e aprendizagem que melhoram os resultados académicos (...)" (p. 12). É, por isso, importante que se capacite os alunos ao nível da literacia para a saúde, uma vez que os torna "(...) mais competentes, mais confiantes e mais habilitados no desempenho dos seus papéis sociais." (p. 22). A par, este processo torna as escolas

(...) desafiadoras, envolventes e significativas, traduzindo-se, a médio prazo, em indicadores sociais e de saúde positivos: criam climas de aprendizagem amigáveis, influenciam crianças e jovens para o sentido de pertença à escola, diminuem o envolvimento em comportamentos de risco e aumentam o sucesso na escola e na vida. (p. 24)

Também a organização do espaço escolar, a postura, os hábitos de sono adequados, uma alimentação saudável e atividade física ao longo da escolaridade são fatores fundamentais e determinantes vitais para o sucesso, no que diz respeito ao desenvolvimento individual e global do aluno no processo de ensino-aprendizagem. A não promoção destes aspetos revela impactos no equilíbrio emocional, metabólico e no comportamento (pp. 26-28), dificultando a aprendizagem. Podemos, assim, refletir na medida em que alunos saudáveis aprendem de forma mais eficaz e harmoniosa e obtém melhores resultados pessoais, num ambiente seguro, confortável e acolhedor onde podem brincar, crescer e aprender. Assim, segundo o PNSE (2015), nas escolas, as práticas pedagógicas devem centrar-se no desenvolvimento do pleno potencial de cada aluno, promovendo uma educação inclusiva e a participação de toda a

comunidade educativa “(...) num ambiente de aprendizagem comum, independentemente das dificuldades e das diferenças.” (p. 42), intervindo perante necessidades especiais de forma a evitar o impacto negativo no desempenho escolar e no processo evolutivo individual de cada ser (p. 43).

O comportamento, a aprendizagem, o rendimento escolar e o sucesso dos alunos são, assim, fatores influenciados pelo professor e o seu ato de ensinar e pela saúde e ambiente de cada indivíduo. Se durante a prática docente se conseguir unir a formação de profissionais à atualização do conhecimento, a interdisciplinaridade à motivação, ao despertar da atenção e do interesse, ao acreditar, à cumplicidade entre professor e aluno e, ainda, se a qualidade e a inovação permanecerem indissociáveis, certamente, o sistema de ensino revelar-se-á muito mais “(...) proativo, dinâmico, criativo e renovador.” (PNSE, 2015, p. 48) e haverá maior vontade de aprender e, por isso, maior rendimento e sucesso escolar, onde as aprendizagens se comprovarão plenas. Para que isto aconteça é exigido “(...) empenho, algum engenho e arte e, também, predisposição para aceitar as oportunidades da mudança.” (idem). Enquanto isso, enquanto não houver esforço e investimento para encontrar soluções que melhor respondam às realidades dos alunos, desde a organização do espaço às estratégias, aos recursos e ao modo de trabalho, a Educação não evoluirá.

II. CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Este capítulo “(...) destina-se a dar informação sobre os procedimentos gerais usados na pesquisa empírica, os instrumentos utilizados e relatar a maneira como os dados foram recolhidos” (Coutinho, 2011, p. 219). No mesmo encontra-se o tipo de investigação, a população-alvo e a justificação dos instrumentos de recolha de dados escolhidos para o presente estudo.

2.1. Tipo da Investigação

As estratégias metodológicas apresentam uma grande relevância no processo investigativo. Este “consiste em procurar enunciar o projeto de investigação na forma de uma pergunta de partida, através da qual o investigador tenta exprimir o mais exatamente possível o que procura saber (...)” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p.32). Após clarificar o tema, tornar-se exequível e pertinente, foi formulada, então, a pergunta de partida para o presente relatório de investigação: “De que forma as Artes Visuais, podem contribuir para uma aprendizagem interdisciplinar em 1.º CEB?”, com o objetivo de compreender melhor qual o valor atribuído à área curricular em questão e como é que a interdisciplinaridade/relação entre esta área do saber e as outras resulta em alunos mais motivados e com sucesso. Citados alguns teóricos, sustentou-se a investigação através de leituras fundamentais, sendo possível avançar para a fase seguinte do processo de investigação.

Dada a problemática e sendo o professor e o aluno as unidades de análise de maior relevo, optamos por realizar um estudo de natureza qualitativa, “(...) um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 16) e cujos dados recolhidos, também eles qualitativos, são ricos em pormenores descritivos de pessoas e dos seus comportamentos, locais e conversas (p. 16). Como acrescenta Denzin & Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa é uma atividade que consiste num conjunto de práticas interpretativas (p. 17).

Uma vez que é nesta abordagem que “(...) se investiga <<com>> e não <<para>> as pessoas (...)” (Fortin, 1999, p. 148), Bogdan & Biklen (1994) afirmam que “(...) o processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respetivos sujeitos” (p. 51). Este é um processo com uma amostra relativamente pequena e não representativa, pelo que não se pode generalizar as suas características. Trata-se de um método em que é inevitável o investigador não ter um plano mais ou menos delineado (Bogdan & Biklen, 1994, pp. 83-84). Este distingue-se da quantitativa pela ênfase que aplica na imediata recolha das opiniões dos intervenientes. Posto isto, interessa realizar uma investigação-ação, uma

modalidade de investigação qualitativa que vários autores referem como sendo uma expressão ambígua e, por isso, não haver uma conceptualização unívoca (Coutinho; Sousa; Dias; Bessa; Ferreira & Vieira, pp. 359-361), em que Tripp (2005) a entende como um processo que segue a lógica de investigar a respeito da prática (pp. 445-446), avaliando os resultados com o objetivo de melhorar e transformar as práticas educativas, como que num ciclo reflexivo. Na mesma linha de pensamento, Latorre (2004) define o método como sendo aberto aos necessários reajustes provenientes do ciclo da ação (p. 24), através de vários instrumentos que visam conhecer um problema concreto (Marques, 2000, p. 82).

2.2. Estudo de Caso

Como método de investigação empírica e de pesquisa, o estudo de caso “(...) surge do desejo de entender os fenómenos sociais complexos (...) permite que os investigadores retenham as características holísticas e significativas dos eventos da vida real (...)” (Yin, 2010, p. 24), neste caso, mais especificamente, da inclusão das Artes Visuais, por parte dos professores, no currículo dos alunos. Para Bogdan e Biklen (1992), o estudo de caso é um dos métodos mais comuns na investigação qualitativa e consiste num exame detalhado de uma situação, sujeito ou acontecimento (cit. Aires, 2015, p. 21) e “(...) proporciona densas descrições da realidade que se pretende estudar” (Aires, 2015, p. 22). Assim, adotar-se-á um procedimento, onde “(...) o foco do estudo centra-se numa organização particular (...)” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 90), isto é, segundo Yin (2010), um projeto de caso único (p. 70). A par, é necessário ter em conta o grupo com o qual se quer pôr em prática o estudo, grupo esse designado “população-alvo”, termo entendido como “(...) o conjunto de elementos constituintes de um todo” (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 160) ou uma amostra representativa dessa mesma população.

2.3. Caracterização do público-alvo

Tendo em vista a questão de partida e os objetivos a que nos propusemos responder, definimos como população que seriam auscultados professores do 1º CEB a exercer a sua profissão na cidade do Porto. Ainda, também foram alvo de estudo os alunos do 1º CEB, de forma a recolher opiniões face às suas visões. Uma vez delimitada a população-alvo, a amostra do presente estudo é constituída por vinte e dois professores do 1º CEB, dos quais onze exercem a sua profissão numa instituição de cariz público e onze exercem a sua profissão numa instituição de cariz privado. São ainda participantes do estudo vinte alunos a frequentar o 1º CEB, nomeadamente o 1º, 2º e 3º anos de escolaridade, com idades compreendidas entre os seis e os oito anos.

2.4. Instrumentos de recolha de dados

Esta fase do trabalho investigativo consiste na adoção de um ou mais instrumentos capazes de recolher informação. Por se tratar de uma investigação qualitativa e, por isso, descritiva e narrativa, “os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 48).

Selecionar as técnicas a utilizar faz parte do processo de investigação, como meios para registar ou “(...) facilitar o tratamento experimental (...)” (Sousa, 2009, p. 181), dos quais: “videogravação, testes, questionários, entrevistas, incidentes críticos, check-lists, matrizes, descrições, análise de conteúdo e análise documental” (idem). Nesta lógica, a estratégia que consideramos pertinente e que melhor representa uma investigação qualitativa, tendo sido selecionada para a recolha de dados do presente estudo traduz-se na entrevista, esta inserida nas técnicas diretas (Aires, L. 2015, p. 24). Para dar resposta às nossas inquietudes centradas nas práticas de ensino dos professores e na receção dos alunos a estas, tornou-se relevante que os dados fossem obtidos no contexto real, de forma a recolher informação junto dos alunos e professores do 1.º CEB e poder avaliar o impacto e a eficácia das Artes Visuais enquanto objeto de uma prática interdisciplinar na intervenção educativa.

Segundo Bogdan & Biklen (1994), “os dados são simultaneamente as provas e as pistas, servindo (...) como factos inegáveis que protegem a escrita que possa ser feita de uma especulação não fundamentada.” (p. 149).

2.4.1. Entrevista

Yin (2010) diz-nos que a entrevista surge como uma das fontes mais importantes no estudo de caso, como recolha de evidências (p. 133). Ainda, como completa Bogdan & Biklen (1994), citando Morgan (1988), “uma entrevista consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas (...) com o objectivo de obter informações (...)” (p. 134) sobre uma delas. Assim sendo, serão realizadas entrevistas semiestruturadas e, por isso, de carácter flexível, não ultrapassando os vinte minutos, “(...) no sentido em que não é inteiramente aberta nem encaminhada por grande número de perguntas precisas” (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 192), onde o entrevistador se centra em tópicos determinados ou é guiado por questões gerais, de modo a que esta flua e não seja rígida (Yin, 2010, p. 133). O principal objetivo desta técnica é o da “(...) recolha e aprofundamento de informação sobre acontecimentos, dinâmicas, concepções detectadas, ou não (...)” (Aires, 2015, p. 29), sendo que o objetivo do investigador é o de compreender o que os professores do 1.º CEB pensam e como é que desenvolvem a sua atividade docente, assim como ouvir os alunos face ao seu conhecimento e processo de ensino-aprendizagem no âmbito das Artes Visuais. Este instrumento implica que o investigador passe um tempo considerável com os sujeitos (Bogdan & Biklen, 1994, p. 17). A entrevista desenvolve-se de acordo com alguns indicadores, em que as perguntas não são pré-estabelecidas na sua totalidade e, por isso, surgem com o decorrer da interação entre o entrevistador e o entrevistado. Este facto permite ao segundo responder de acordo com a sua perspetiva pessoal, ao invés de ter de se moldar a questões previamente elaboradas, pelo que se esperam respostas subjetivamente sinceras, sendo o entrevistador a controlar o ritmo da entrevista em função destas e do entrevistado, podendo acrescentar e/ou alterar a ordem e forma das perguntas (Aires, 2015, p. 30).

2.4.1.1. Guião da Entrevista

Para que fosse possível realizar as entrevistas, foi necessário a construção de um guião (ver anexo 1) direcionado aos docentes e outro direcionado aos discentes (ver anexo 2), numa abordagem tanto mais próxima quanto afetiva. O guião da entrevista serve apenas como suporte para dirigir a mesma, pelo que se destina ao próprio observador e é muito menos exigente que um questionário (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 183-184).

Desta forma, foram inicialmente construídas duas tabelas de categorização, onde são apresentados os descritores por categoria de questões.

Tabela 1 - Tabela de Categorização das Entrevistas aos Professores

Categorias	Descritores
Identificação	Idade Sexo
Caraterização Profissional	Grau académico Anos de serviço Tipo de instituição onde exerce
As Artes Visuais no 1º CEB	Importância das Artes Visuais no 1.º CEB Estratégias de ensino Carga horária no programa Competências que podem ser desenvolvidas Predisposição do docente para lecionar esta área Melhorias para um maior e melhor aproveitamento Utilização da disciplina para abordar outras áreas Visão/Motivação dos alunos perante a disciplina
Interdisciplinaridade	Importância de uma prática interdisciplinar Vantagens para os alunos Realiza interdisciplinaridade entre as várias disciplinas Motivação para a aprendizagem

Tabela 2 - Tabela de Categorização das Entrevistas aos Alunos

Categorias	Descritores
Identificação	Sexo Idade Ano de escolaridade
As Artes Visuais	Conhecimento artístico (museus, técnicas, materiais, artistas e obras) Criatividade Gosto pela Arte Importância das Artes Visuais Trabalho desenvolvido e a desenvolver nas escolas

3.4.1.2. Procedimentos

Tendo em conta todo o trabalho teórico e empírico, foram selecionados professores do 1º CEB para se proceder às entrevistas. Após o contacto direto com os docentes, que foram elucidados sobre as finalidades da mesma e questionados sobre a disponibilidade de responderem às questões, alguns expuseram a possibilidade de realizarem a entrevista por escrito, devido à escassez de tempo e de forma a estruturarem melhor as suas ideias. Assim sendo, para facilitar o processo, as entrevistas passaram a ser de cariz indireto, pelo que foram entregues em formato papel com alguns meses de antecedência e, por isso, não houve flexibilidade no guião, sendo este seguido com rigor. Apesar deste aspeto, a recolha das entrevistas foi demorada, tendo sido imploradas várias vezes e dificultando o avançar do estudo. Já as entrevistas aos alunos do 1º CEB foram realizadas via plataforma online, orientadas pelo guião, mas flexíveis conforme o desenrolar das respostas às mesmas.

III. CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

3.1. Análise de conteúdo

Serve este ponto, como a própria designação indica, para analisar todo o tipo de conteúdo dependente do que se pretende interpretar, do qual foram obtidos dados na sequência da aplicação dos procedimentos a que nos propusemos seguir e delineados no capítulo anterior, referente à metodologia do presente relatório de investigação, cuja finalidade do estudo se debruça sobre a utilização ou não das Artes Visuais no currículo dos alunos, até de forma interdisciplinar, e se esta incita ou não entusiasmo/motivação nos mesmos, para uma maior e melhor aprendizagem, indo ao encontro da pergunta de partida. Assim sendo, e considerando as fases da recolha de dados realizadas, iremos proceder à análise dos mesmos em duas etapas distintas: a primeira refere-se à análise das entrevistas aos professores e a segunda diz respeito à análise das entrevistas aos alunos. Ambas as entrevistas apresentam respostas a questões abertas e, por isso, ricas em informação, onde pretendemos conhecer as perceções de vinte e dois professores e vinte alunos do 1º CEB, auscultando-os acerca das suas práticas e visão perante o tema aqui abordado.

Como método empírico, Bardin (2011) interpreta a prática desta análise atribuindo-lhe uma função heurística, que enriquece a tentativa exploratória e aumenta a propensão para a descoberta, sob afirmações que servem de prova (p. 31) e reforça a ideia de Berelson, definindo-a numa técnica de investigação através de uma descrição objetiva, sistemática e analítica das comunicações (p. 38). Podemos inferir que a análise de conteúdo “(...) procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça.” (p. 45), isto é, procura saber e esclarecer realidades específicas através da mensagem que passa. Na visão de Guerra (2006), esta técnica tem, de facto, uma dimensão descritiva e, também, uma dimensão interpretativa do que foi narrado (p. 62). Para colmatar, Quivy e Campenhoudt (1995) apontam para a possibilidade da análise de

conteúdo tratar informações e testemunhos pormenorizados com um certo grau de profundidade e complexidade, como é o caso das entrevistas (p. 227).

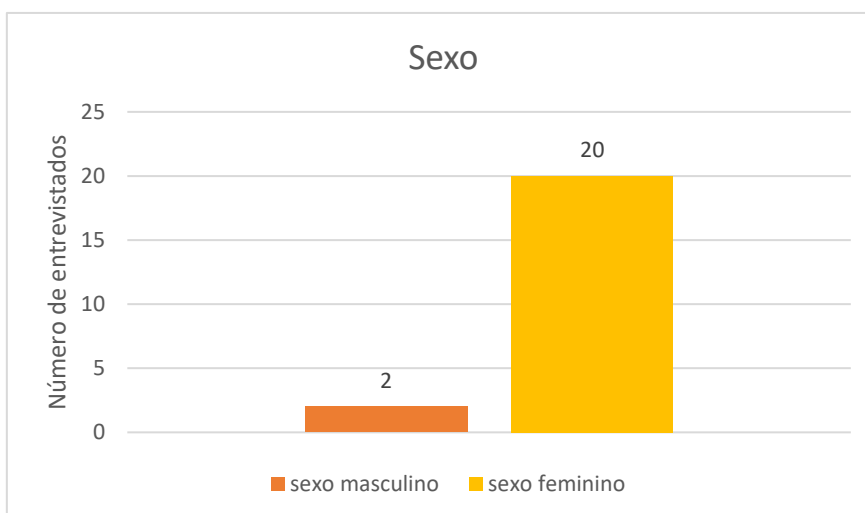
3.1.1. Análise das entrevistas

De modo a facilitar e proporcionar uma melhor leitura, as respostas às entrevistas foram organizadas em duas tabelas: professores (ver anexo 3) e alunos (ver anexo 4), as quais estão transcritas de E1 a E22 e A1 a A20, respetivamente, para garantir o anonimato e confidencialidade. A análise é apresentada em forma de texto, complementada por gráficos ou tabelas que comprovem as afirmações e percentagens obtidas. De seguida, é apresentada uma síntese como forma de análise geral.

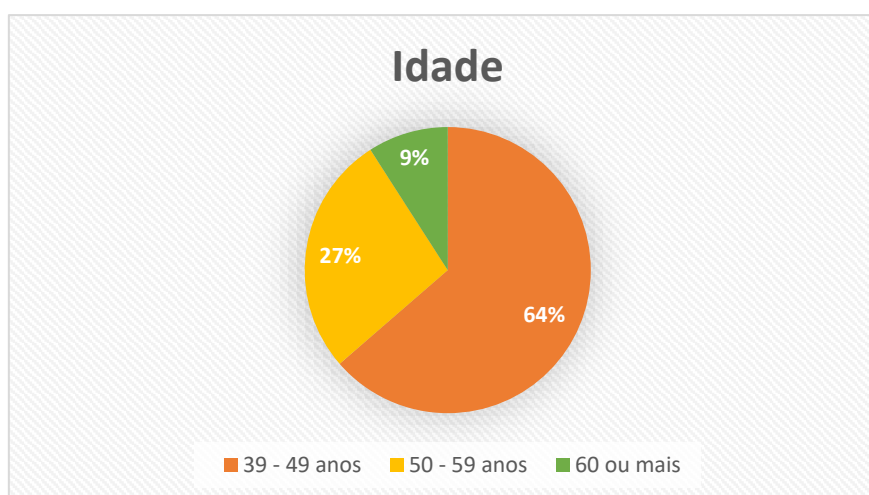
3.1.1.1. Análise das entrevistas aos professores

- **Identificação**

No que diz respeito à identificação dos vinte e dois entrevistados, importa referir que 90,9% eram do sexo feminino e apenas 9,1% refere-se ao sexo masculino, ou seja, apenas dois, cujas idades estavam compreendidas entre os 39 e os 64 anos, inclusive. Assim, 64% dos entrevistados apresentam idades iguais ou superiores a 39 anos e inferiores a 50 anos, sendo que 27% refere-se aos entrevistados com idades iguais ou superiores a 50 anos e inferiores a 60 anos, enquanto que os restantes 9% possuem idades superiores a 60 anos. Importa salientar que um dos entrevistados do sexo masculino, de momento, está somente a apoiar as turmas no seu tempo letivo.



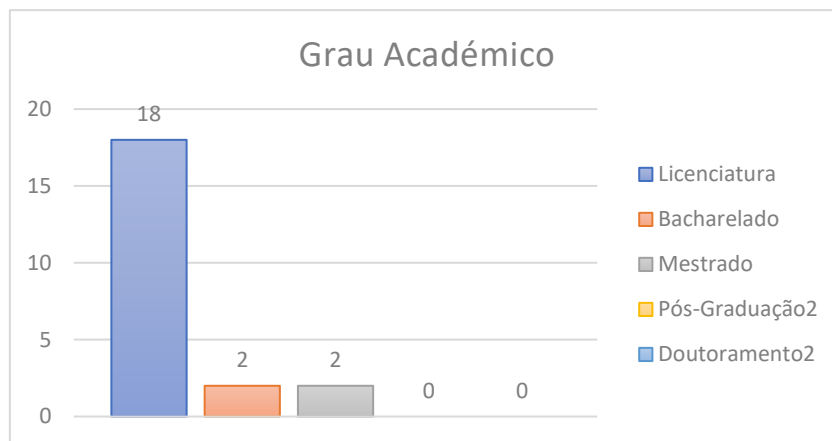
1 - Gráfico: Número de Professores entrevistados por sexo



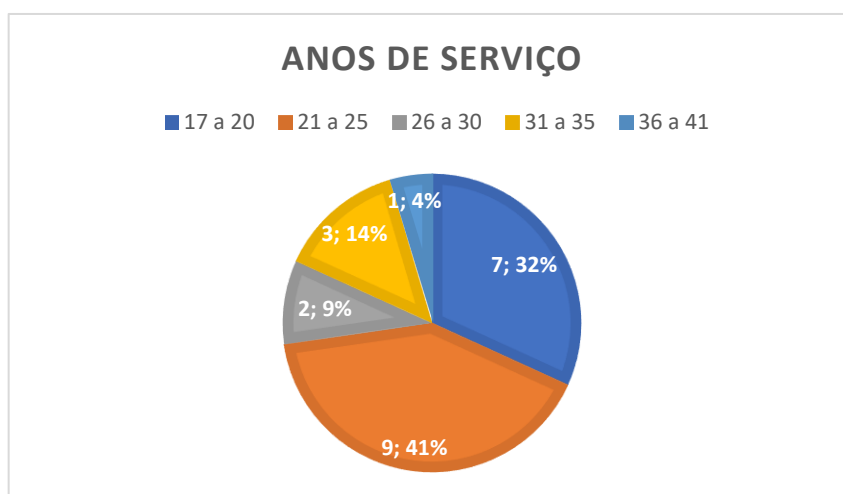
2 - Gráfico: Idade dos Professores entrevistados

▪ Caracterização Profissional

No que concerne ao grau académico, a maioria dos entrevistados (81,8%) são Licenciados, sendo que dois habilitaram-se com o bacharelado (9,1%) e apenas outros dois (9,1%) possuem o grau de Mestrado. Relativamente aos anos de serviço, 32% dos entrevistados encontram-se entre os 17 e 20 anos de atividade profissional, 41% entre os 21 e 25 anos, 9% entre os 26 e 30 anos, sendo que neste intervalo encontra-se uma docente a exercer o cargo de coordenação escolar. Ainda, 14% situam-se entre os 31 e 35 anos de serviço e 4% entre os 36 e 41 anos. Pode-se entender que tais percentagens estão diretamente relacionadas com a idade dos próprios professores entrevistados.

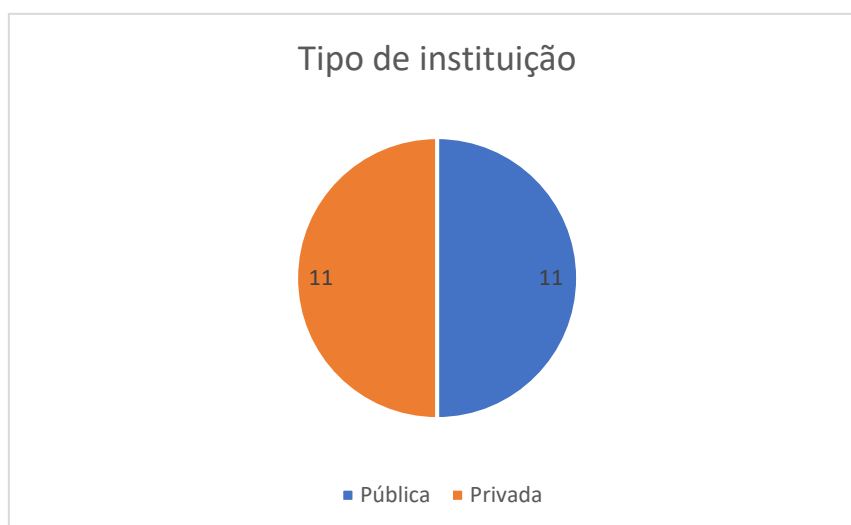


3 - Gráfico: Grau académico dos Professores entrevistados



4 - Gráfico: Anos de serviço dos Professores entrevistados

Por último, 50% dos entrevistados estão ativos numa instituição pública, instituição essa onde decorreu o estágio referente à prática de ensino supervisionada, e outros 50% numa instituição privada.



5 - Gráfico: Tipo de Instituição

▪ **As Artes Visuais no 1º CEB**

Ao analisar a primeira questão da presente categoria, constatou-se que as opiniões se dividem no que se refere à carga horária atribuída às Artes Visuais na matriz curricular do 1º CEB, em que mais de metade dos entrevistados (63,6%) afirmam ser desadequada, reduzida ou escassa. Face a esta eventualidade, outra parte (36,4%) mostra-se satisfeita, pelo que a consideram equilibrada, suficiente e bem aplicada. Estas duas perspetivas podem ser verificadas nas justificações das suas respostas:

Tabela 3 - Carga horária atribuída às Artes Visuais no currículo

Exemplos de Resposta		%
Carga horária desadequada	“Podia ser um pouco mais, pois as Artes Visuais estão interligadas com as outras áreas e, com elas, pode-se abordar diferentes conteúdos.” (E1)	63,6%
	“Uma vez que partilha com as expressões artísticas as 3 horas semanais penso que é francamente pouco para que se possa desenvolver um trabalho de continuidade.” (E2)	
	“(…) trata-se de uma disciplina importante, devendo ter mais tempo, principalmente nos primeiros anos.” (E6)	
	“Considero o número de horas reduzido, apesar de ser transversal às várias disciplinas do currículo.” (E10)	
	“Tendo em conta a exigência das disciplinas (...), nem sempre há possibilidade de cumprir integralmente o horário atribuído às artes visuais.” (E13)	
	“Insuficiente, no entanto no 1º ciclo a interdisciplinaridade leva a que as Artes Visuais sejam muitas vezes utilizadas noutros contextos.” (17)	
	“É muito reduzida em relação às outras áreas, mas igualmente importante.” (E19)	
Carga horária adequada	“(…) mas deveria ser ministrada por um técnico em colaboração com o professor titular.” (E3)	36,4%
	“Fundamental para a interdisciplinaridade com todas as restantes áreas.” (E4)	
	“(…) no 1º Ciclo são trabalhadas transversalmente com as restantes disciplinas.” (E5)	
	“(…) além de dedicarmos essas 3 horas à mesma, essa área é inserida noutras disciplinas.” (E7)	
	“(…) apenas o espaço poderia ser diferente para os alunos saírem do espaço-sala de aula.” (E8);	
“(…) é correta na medida em que temos muitas áreas para trabalhar.” (21)		

A questão seguinte tinha como finalidade saber qual a importância atribuída pelos docentes às Artes Visuais, a qual obteve uma totalidade de respostas positivas (100%). Os entrevistados afirmaram ser uma área de relevância, vantajosa e forte no que toca a desenvolver determinadas competências, a despertar potencialidades nos demais alunos, a ajudar a ultrapassar algumas dificuldades e inseguranças, que noutras áreas não é

possível. Destes, 18,2% abordam-na como uma área que estabelece relações com outras. Referem, então:

Tabela 4 - Importância das Artes Visuais

Exemplos de Resposta		%
Muita importância	“(…) dá-se aos alunos a oportunidade de serem mais criativos, mais autónomos e, sobretudo, ajuda-os a ultrapassarem inseguranças.” (E1)	100%
	“(…) para o desenvolvimento global e integrado do aluno.” (E2)	
	“(…) ajuda a melhorar a motricidade fina e o sentido estético.” (E3)	
	“Ajuda na coadjuvação das restantes áreas curriculares.” (E4)	
	“(…) faz parte do desenvolvimento global do aluno conseguir comunicar/expressar através de outras vias.” (E7)	
	“(…) permite a criatividade, desenvolve a imaginação e possibilita a experimentação de diferentes materiais e técnicas.” (E8)	
	“(…) desenvolve a criatividade, o sentido crítico, as aptidões técnicas e manuais dos alunos.” (E9);	
	“(…) É uma excelente área do conhecimento para trabalhar as emoções, que por sua vez servem de motivação para outras aprendizagens.” (E10)	
	“(…) abrange várias áreas de saber e é caminho aberto para novas noções.” (E11)	
	“(…) ajuda a desenvolver as capacidades cognitivas a todos os níveis.” (E13)	
	“(…) é importante desenvolver competências finas nas crianças, bem como a concentração, atenção, destreza,…” (E14)	
	“(…) É importante dar liberdade para imaginar, criar (…)” (E15)	
	“(…) estimula a criatividade e requer concentração.” (E16)	
	“(…) no 1º ciclo esta área é complemento de todas as outras.” (E17)	
	“(…) desenvolve a motricidade, a criatividade e até a expressão emocional.” (E19)	
“(…) desenvolve a individualidade dos alunos, a sua criatividade, sentido crítico e perceção do mundo.” (E20)		
“(…) é um meio que proporciona aos alunos um contacto com experiências de aprendizagem, onde as aplicam, sistematizam e transformam em conhecimentos com significado.” (E21)		

A terceira questão pretende que os entrevistados concordem ou não com o valor dado às Artes Visuais em relação às outras áreas do saber, pelo que 54,5% mencionam ser valorizada, sendo que 45,5%, dos entrevistados lhe atribuem um valor negativo e muito residual, confessando de acordo com as suas visões:

Tabela 5 - Valor dado às Artes Visuais

Exemplos de Respostas		%
Valorizada	“(…) tal como as restantes áreas.” (E4)	54,5%
	“(…) ultimamente tem sido mais (…)” (E5)	
	“(…) não precisa de ser mais valorizada.” (E3)	
	“(…) O mito de que as Artes Visuais são desvalorizadas penso que já desapareceu.” (E7)	
	“(…) os professores do 1º ciclo dão-lhe muito valor, não como área individual mas como complemento imprescindível de todas as outras.” (E17)	
	“(…) pelo menos o que eu lhe dou.” (E18)	
Desvalorizada	“Se houvesse uma maior articulação entre as outras áreas e coadjuvação, ser-lhe-ia dado o mesmo valor do que as outras.” (E1)	45,5%
	“Deveria existir maior equidade.” (E10)	
	“Devia ser equiparada às outras áreas.” (E12)	
	“Em relação às outras áreas do saber não lhe é dado o valor (…)” (E13)	
	“Desvalorizada e pouco desenvolvida.” (E22)	

De acordo com a quarta questão, centrada nas metas estabelecidas para as Artes Visuais, solicitou-se aos docentes entrevistados que respondessem se as cumpriam na sua prática profissional. Entre eles, 50% dizem cumprir, 27,3% dizem tentar e 22,8% mostram-se reticentes, dizendo que nem sempre conseguem cumprir na sua totalidade, como é possível comprovar:

Tabela 6 - Cumprimento das metas curriculares

Exemplos de Respostas		%
Cumrem na totalidade	“Cumpro a matriz curricular que é definida pela Direção da Escola.” (E5)	50%
	“(…) por vezes são demasiado extensas e não temos materiais para atividades, o que não quer dizer que não se desenvolvem as competências.” (E7)	
	“(…) tenho que as conseguir cumprir.” (E10)	
	“(…) penso que sim. Apesar das outras áreas terem maior prioridade.” (E20)	
Tentam cumprir	“Tento cumpri-las da melhor maneira.” (E1)	27,3%
	“Tento fazê-lo, sempre que possível.” (E5)	
	“(…) tento sempre cumprir ao máximo com as metas estabelecidas.” (E13)	
Cumrem parcialmente	“É difícil mediante a carga horária proposta.” (E2)	22,8%
	“Nem sempre as cumpro todas.” (E3)	
	“Tento, embora nem sempre seja possível.” (E6)	
	“Mais ou menos.” (E18)	

Quanto aos métodos de ensino e, focando-nos na quinta questão, desejava-se saber como é que os docentes colocavam em prática atividades que envolvessem o domínio das Artes Visuais. Embora 18,2% das respostas fossem

muito vagas e não correspondessem ao que era esperado, como “(...) sempre trabalhadas na sala de aula” (9), “(...) com tarefas bastante diversificadas” (E14), “apresentando diversos conteúdos” (E18) e “(...) com bastante frequência.” (E19), podemos concluir que 50% dos entrevistados disseram recorrer a outras disciplinas, épocas festivas e, conseqüentemente, a outros conteúdos de áreas distintas para pôr em prática o domínio das Artes Visuais, sendo que os restantes 31,9% mencionam a utilização de técnicas, recursos diversificados e até a experiência e conhecimento do aluno, como se pode atestar:

Tabela 7 - Prática docente no domínio das Artes Visuais

	Exemplos de Respostas	%
Interdisciplinaridade e épocas festivas	“Na observação de algumas obras, no diálogo das características detetadas, na reprodução de trabalhos (...), tenho o cuidado de a interligar com as outras áreas.” (E1)	50%
	“Ao longo do dia de trabalho: desenhos articulados com diferentes disciplinas; trabalhos específicos de desenho à vista, (...) ao ar livre; desenho ao som da música; escultura, modelagem; análise de pintores e reprodução das suas obras.” (E7)	
	“(...) essencialmente em trabalhos de projeto (...)” (E2)	
	“Em relação às diversas áreas e aos assuntos tratados.” (E3)	
	“Preferencialmente em transversalidade com as outras disciplinas, sobretudo nos primeiros anos de escolaridade.” (E5)	
	“Como veículo para abordar outros saberes, quer no Português / Matemática / Estudo do Meio quer nas diferentes vertentes da Educação Artística.” (E10)	
	“Trabalhando-a transversalmente. Solicitando temas livres. Intencionalizando algumas práticas.” (E12)	
	“(...) através da interdisciplinaridade (...)” (E13)	
	“Diariamente sempre em articulação com as restantes disciplinas.” (E15)	
	“Em todos os contextos e áreas, não trabalho as artes visuais como uma área isolada.” (E17)	
“Principalmente nas épocas festivas ou para ilustrar algum trabalho de Português(história / texto) ou Estudo do meio. A arte também é uma boa forma de perceber a sensibilidade dos alunos em alguns temas de cidadania.” (E20)		
Através de técnicas, materiais e outros recursos	“Recorte, colagem, montagem e construção de motivos alusivos às temáticas exploradas. Reciclagem de materiais como plástico, tecidos...” (E4)	31,9%
	“(...) trabalhos manuais feitos pelos alunos.” (E6)	
	“(...) cartazes coletivos, utilizando diferentes materiais na prática das atividades.” (E8)	
	“Utilizando os mais variados materiais, assim como procurando chegar ao tema da forma mais cativante (uma história, uma música, um filme, uma dramatização...)” (E11)	
	“(...) com recursos variados.” (E16)	

	“(...) conjugo a experiência pessoal do aluno, os conhecimentos transmitidos, as suas reflexões críticas sobre os vários assuntos, procurando sempre um desenvolvimento na sua expressividade.” (E21)	
	“Explorando técnicas e diversificando as tarefas (...)” (E22)	

No que se refere às estratégias a utilizar no ensino das Artes Visuais, dois dos entrevistados (9,1%) não responderam à questão e 18,2% revelaram respostas idênticas às da questão anterior, evidenciando, mais uma vez, a interdisciplinaridade. No entanto, 72,7% focaram estratégias, através de métodos de trabalho e técnicas de expressão plástica diversificadas que permitem a experimentação e apreciação, onde predominou o desenho:

Tabela 8 - Estratégias no ensino das Artes Visuais

Exemplos de Respostas	%
“Vídeos, jogos, observação, desenho, coloração, colagem de elementos, realização de trabalhos manuais.” (E1)	72,7%
“Desenho livre; observação da natureza que envolve a escola; recorte e colagem de imagens, em papel, tecido, cartão, cartolina...” (E4)	
“Observação de imagens reais. Trabalho individual. Trabalho em pequeno grupo.” (E5)	
“Desenho, recorte, colagens, dobragens.” (E6)	
“Desenho através de modelos ou de pintores.” (E7)	
“(...) o desenho, o recorte, o corte e a pintura.” (E9)	
“As técnicas praticadas nas Artes Visuais podem ser utilizadas para a realização de trabalhos festivos ao longo do ano: a pintura; o recorte; a dobragem; o desenho, etc.” (E10)	
“Através da cor, do som, da imagem...” (E11)	
“(...) visionamento de vídeos, imagens, atividades práticas, tudo dependendo da matéria a lecionar (...)” (E13)	
“Vídeos, apresentações, experimentação...” (E15)	
“Recorro à pintura, recorte, desenho (...)” (E16)	
“Observação; desenho, pintura; escultura;...” (E18)	
“Motivação através do diálogo, observação e experimentação.” (E19)	
“(...) a arte como reflexão de algum tema abordado.” (E20)	
“(...) apreciação de diferentes contextos culturais. Tento selecionar elementos da natureza com a finalidade de organizar as mesmas em exposições, debates, atividades ao ar livre...” (E21)	
“Procuro diversificar as tarefas e técnicas a aprender, de modo a manter o interesse dos alunos.”	

Dada a visão dos professores face à disciplina em estudo, os entrevistados foram questionados e deram o seu testemunho no que toca às suas capacidades e motivações para lecionarem através das Artes Visuais. Dos docentes entrevistados, 45,5% revelaram sentir alguma instabilidade na presença deste domínio e com necessidade de formação adicional.

Contrariamente, 36,4% reconhece que tem capacidade e motivação, assim como predisposição para o fazer, sendo que destes, alguns consideram que nunca é demais atualizar-se com novas formações e que se trata, muitas vezes, de uma necessidade. Contudo, 18,2%, ou seja, quatro entrevistados, não referiram se são capazes para tal, tendo apenas mencionado que recorrem a outros meios para conhecer mais e melhor, pois nunca se sabe tudo e estão sempre a aprender, “(..) a renovar o conhecimento” (E20), para se tornarem melhores profissionais e suprimir algumas lacunas. Conclui-se que os professores entrevistados sentem-se mais motivados e menos capacitados, pois carecem de instrução para pôr em prática com os alunos esta área de conteúdo. Desta forma, apurou-se:

Tabela 9 - Capacidade e Motivação do Professora face às Artes Visuais

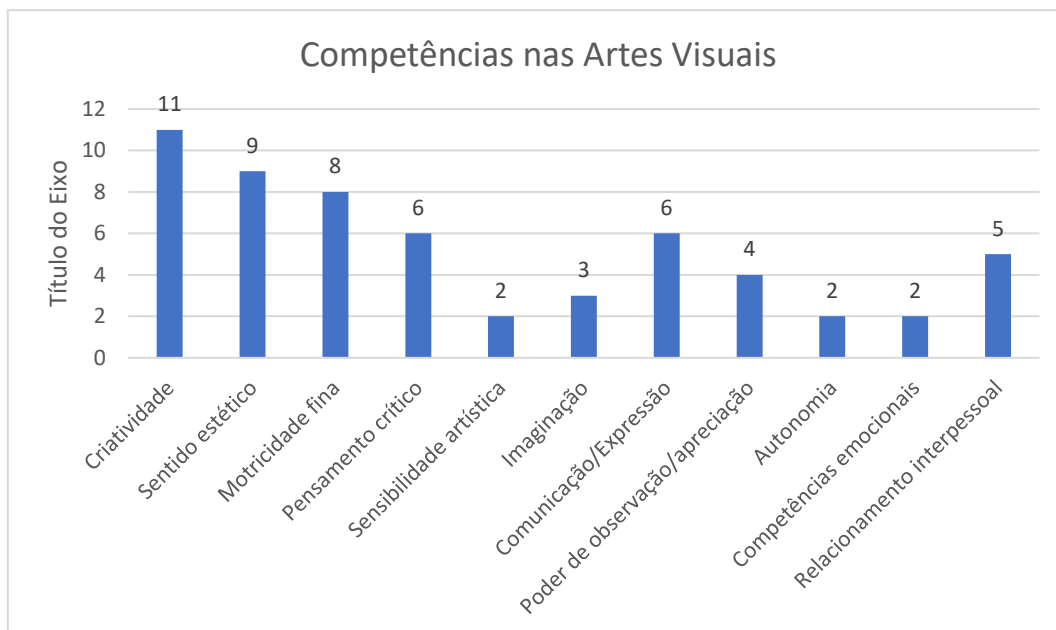
Exemplos de Respostas		%
Docentes com necessidade de formação adicional	“Sinto bastante dificuldade em articular com as restantes áreas e com necessidade de formação ou apoio.” (E2)	45,5%
	“(…) faltam conhecimentos mais profundos.” (E3)	
	“(…) embora goste de fazer, mas não domine.” (E8)	
	“(…) a falta de formação em Artes Visuais condiciona o trabalho dos professores do 1º Ciclo.” (E9)	
	“Sinto dificuldade em dominar temas e técnicas.” (E12)	
	“(…) necessitaria mais de alguma formação em relação (...) pois vai havendo sempre novas formas de abordagem/evolução dos meios a utilizar.” (E13)	
Docentes com capacidade e motivação	“(…) mas também sei que ganharia mais com formação, pois estaria mais atualizada com novas práticas.” (E1)	36,4%
	“(…) graças à formação inicial, à formação adquirida na licenciatura e em ações de formação ao longo da carreira.” (E4)	
	“Considero-me uma pessoa com grande tendência para Artes Visuais, com capacidade para motivar e fazer gostar.” (E11)	
	“Considero-me professor nas Artes Visuais porque é uma área que gosto muito. No entanto, gostaria de ter mais formação dentro da área.” (E14)	
	“(…) mas procuro inovar.” (E19)	

Sobre a visão do aluno face à disciplina, perante a voz dos docentes entrevistados, estes, na sua maioria (86,4%) concordam que esta é uma área apreciada pelos alunos, em que estes estão recetivos, gostam, sentem-se motivados e agradados com as Artes Visuais e colaboram com empenho, sendo que apenas dois docentes (13,6%) referem que nem todos estão motivados para este domínio:

Tabela 10 - Visão dos alunos, na perspectiva dos professores

Exemplos de Respostas		%
Área apreciada	“(…) É com motivação que os alunos exploram materiais elaboram motivos, ou criando composições.” (E4)	86,4%
	“(…) Os alunos encontram nas artes visuais a melhor forma de transmitirem os seus sentimentos.” (E5)	
	“(…) participam com bastante interesse. Aderem muito bem” (E6)	
	“(…) principalmente quando se trata de um trabalho mais liberal, ao invés de quando têm um tempo definido e mais orientado. Cansam-se de trabalhos repetitivos (ilustração).” (E7)	
	“(…) gostam imenso de pôr em prática atividades de Artes Visuais porque, por si só, já é diferente do que utilizar um lápis ou caneta.” (E8)	
	“Muito motivados e com vontade de explorar novas técnicas.” (E11)	
	“(…) É um momento lúdico, de prazer.” (E12)	
	“(…) porque o meu entusiasmo contagia-os.” (E14)	
	“Eles adoram!” (E15)	
	“(…) são surpreendentes muitas vezes. Demonstram muita criatividade e visão própria.” (E20)	
	“(…) São as aulas em que podem estar mais descontraídos, a atenção não tem de ser permanente.”	
Área pouco apreciada	“(…) acham que é uma aula para passar tempo. Outros como não é do seu interesse, fazem o mínimo.” (E1)	13,6%
	“(…) depende também do estímulo trazido de casa.” (E13)	

Quanto às competências e aprendizagens que podem ser desenvolvidas com a inclusão da disciplina, 50% dos professores nomeiam a criatividade como a principal, seguindo-se o sentido estético com 40,1%, a motricidade fina com 36,4%, o pensamento crítico a par da comunicação/expressão com 27,3% e o relacionamento interpessoal com 18,2%, referindo-se à entreaajuda, à colaboração e cooperação, ao espírito de equipa e partilha de materiais. Para além destas, 18,1% dos professores entrevistados mencionam o poder de observação/apreciação e 13,6% a imaginação. Porém, a sensibilidade artística, a autonomia e as competências relacionadas com a gestão de emoções e transmissão de sentimentos, foram citadas em menor quantidade (9,1%), o que não quer dizer que se considerem menos importantes. De forma individual, o prazer pelo belo, o saber técnico, o raciocínio e a resolução de problemas, o desenvolvimento pessoal, a tomada de decisões, a liberdade de escolha e capacidade de argumentar são algumas competências artísticas que, também, foram referenciadas.



6 - Gráfico: Competências nas Artes Visuais

Quando questionados acerca da utilização das Artes Visuais para abordar conteúdos de outras disciplinas, 100% dos entrevistados referem utilizar, sendo que três destes (13,6%) afirmam que “por vezes” (E18) ou “sempre que é possível (...)” (E13), pois “(...) nem sempre se consegue” (E10). Contudo, 90,9% da totalidade dos entrevistados, deram exemplos das suas práticas, onde é possível constatar que a interdisciplinaridade através das Artes Visuais é mais praticada e facilitadora no Estudo do Meio, seguido do Português e, por fim, a Matemática e, mais uma vez, denota-se uma maior preferência pela utilização da técnica do desenho como, através da observação e interpretação de figuras, imagens ou ilustração de textos.

Tabela 11 - Utilização das Artes Visuais como abordagem de outros conteúdos

Exemplos de Respostas	%
“(...) linhas poligonais, linhas não poligonais, características do cartaz/publicidade (...)” (E1)	90,9%
“(...) a realização de trabalhos de descrição e depois a realização de tarefa plástica.” (E2)	
“(...) estudo do meio ou em Português com canções ou desenhos.” (E3)	
“(...) Fantoques para exploração de histórias e escrita de textos. Representação de mensagens através da ilustração.” (E4)	
“(...) Abordagem de textos, a partir da observação e interpretação de imagens. Desenho e análise de figuras e sólidos geométricos, etc.” (E5)	
“(...) O desenho ou fotografia para a descrição de imagens para português. A elaboração do cartaz para estudo do meio.” (E6)	
“(...) desenho no apoio ao estudo, em esquemas, na matemática (formas e figuras geométricas na geometria); na demonstração da compreensão textual. É mais fácil em estudo do meio.” (E7)	

“(…) os animais, as profissões, as estações do ano.” (E8)	
“Em Estudo do meio os alunos têm de realizar várias atividades em que as Artes Visuais estão patentes assim como em Matemática e Português (pintura de trabalhos).” (E9)	
“Uma imagem (paisagem) para introduzir a noção de planície, vale, montanha.” (E11)	
“Ilustrar textos, criar cartazes temáticos, desdobráveis.” (E12)	
“(…) quando se aborda a temática dos volumes e áreas na Matemática, em Estudo do Meio, mais especificamente na História e Geografia de Portugal para mostrar as diferenças arquitetónicas de cada momento histórico/reinado (…)” (E13)	
“(…) quando introduzo uma letra (…) primeiro deixo-os explorar a letra e partindo da mesma fazem um desenho.” (E14)	
“(…) observação, interpretação e realização de ilustrações em Português (…)” (E15)	
“(…) com matemática utilizo Picasso e exploro figuras geométricas (…)” (E16)	
“Ilustrações de palavras, criação artística através de textos, orientação espacial e geometria (…)” (E17)	
“(…) muitas vezes aproveito para explorar: noções matemáticas, linguagem, conhecimento do mundo e sentido estético.” (E19)	
“(…) no português para ilustrar um texto, no estudo da cidadania como reflexão para descrever algo correto ou incorreto, mesmo na matemática para explicar um raciocínio. Em todas as disciplinas pode ter um papel importante.” (E20)	
“(…) na introdução das letras e mesmo em conteúdos gramaticais. Também, utilizo as artes visuais enquanto ouvem música e na construção de cenários em teatros, como na recriação da história de Portugal, até mesmo o desenho e a pintura, na matemática, com a construção de gráficos, a noção de volume…” (E21)	
“(…) partir de um desenho peço para me fazerem uma descrição ou inventarem uma história. Uma canção pode ser o ponto de partida para se expressarem manualmente e um conteúdo de matemática ou de estudo do meio pode ser motivado ou consolidado pelas Artes Visuais.”	

No que diz respeito à constante evolução ao nível da Educação, solicitou-se que os entrevistados mencionassem o que propunham alterar para um melhor aproveitamento escolar. Assim sendo, 90,9% dos entrevistados afirmaram que deve haver mudanças e 9,1% referiram não saber, sendo que já tinha um bom aproveitamento. A alteração mais aludida pelos entrevistados (31,8%) refere-se à atribuição de uma carga horária mais alargada às Artes Visuais. 27,2% sugerem melhorias na formação inicial de professores ou ao nível desta área, quer para professores quer para alunos e 22,7% uma maior disponibilidade e adoção de materiais e condições nas escolas. Ainda, 18,2% dos entrevistados perspetivam uma alteração ao nível de professores especializados na área a lecionarem em forma de coadjuvação. Por fim, um dos entrevistados acrescenta que “(…) deveria existir uma reflexão profunda dos currículos.” (E21).

Tabela 12 - Alterações ao nível das Artes Visuais

Exemplos de Respostas		%
	“Termos mais tempo (…)” (E6)	

Carga horária	“Conceder maior carga horária e sensibilizar para a sua importância.” (E12)	31,8%
	“(…) carga horária equiparada às outras disciplinas.” (E14)	
Formação	“Sem esta formação inicial penso difícil, os professores sentirem motivação para aplicar na sua prática.” (E4)	27,2%
	“(…) e também formação para alunos.” (E7)	
	“Professores melhor preparados e motivados.” (E11)	
	“(…) mais formações a nível de agrupamento de Escolas, Escolas privadas e mesmo nas IPSS.” (E13)	
Materiais	“(…) mais materiais e técnicas diversificadas para os alunos não “caírem” na monotonia e se sentirem, assim, ativos e motivados.” (E2)	22,7%
Coadjuvação	“(…) seria benéfica, pois, sentir o apoio de alguém da disciplina poderá levar a outros resultados e lembrar-nos que nem tudo é Português, Matemática ou Estudo do Meio.” (E1)	18,2%

▪ Interdisciplinaridade

De acordo com a primeira questão desta categoria, esta pretendia recolher dados face à importância que os professores concedem à prática interdisciplinar. Embora dois dos entrevistados (9,1%) se tenham alheado do assunto da respetiva questão, os mesmos expõem que as Artes Visuais promovem a interdisciplinaridade. Desta forma, 90,9% dos entrevistados confessam ser fundamental por vários motivos, como é possível comprovar com as suas justificações, destacando a resposta do entrevistado 7:

Tabela 13 - A importância da interdisciplinaridade

Exemplos de Respostas	%
“(…) os alunos ficam a perceber que todas elas são importantes.” (E1)	90,9%
“(…) a relação dos conteúdos e dos temas permite a focagem dos alunos.” (E2)	
“(…) necessária para que os alunos relacionem os conhecimentos.” (E3)	
“(…) permite uma aprendizagem facilitadora para os alunos, e mais motivadora.” (E5)	
“(…) trata-se de um ensino mais integrado e acaba por cativar mais os alunos, estando estes mais atentos.” (E6)	
“Não existe Educação sem interdisciplinaridade. Não existe aprendizagem se tudo não estiver interligado e os conteúdos suportados uns nos outros.” (E7)	
“Permite, de uma maneira suave e agradável, fazer a passagem a outros temas, por vezes pouco motivadores.” (E11)	
“O conhecimento é uno. Por vezes há que compartimentar para ser mais claro. Mas é sempre um todo.” (E12)	
“(…) novos conteúdos de forma mais lúdica e sem pressão.” (E13)	

“(...) as disciplinas não são estanques.” (E15)	
“(...) é uma mais-valia para o desenvolvimento pessoal e social da criança” (E18)	
“(...) fundamental para ampliar a visão dos alunos (...) as áreas d saber são complementares (...) no dia a dia.” (E20)	

Posto isto, é possível entender que, a grande maioria dos entrevistados concorda que este modo de agir possibilita aos alunos relacionar conteúdos e cruzar conhecimentos, estes permanecem mais tempo interessados e percebem que não há disciplinas prioritárias, pelo contrário, todas são igualmente essenciais, criando um fio condutor entre elas.

Assente na confirmação de que todos os entrevistados adotam uma prática interdisciplinar, mesmo que nem sempre, pretendeu-se conhecer com que finalidade é que a usam e entre com que disciplinas. Desta forma, 63,6% dos professores responderam que adotam uma prática interdisciplinar entre todas as disciplinas, 22,7% apenas apontam as três áreas que consideram nucleares, descartando até a Matemática e 13,7 não faz referência. No que se refere à finalidade, seis dos entrevistados (27,3%) não a indicam e os restantes 72,7% utilizam expressões dadas na questão anterior, das quais destaco a continuidade de conteúdos (E1 e E8), o conhecimento único, interligado (E4, E12 e E19) e melhor consolidado (E5 e E9), de forma a que os alunos se sintam “(...) mais motivados e, assim, aprendam com maior sucesso” (E6) uma área que pode ser menos apreciada (E10, E11 e E22). Ainda, o entrevistado 21 aborda o tema como sendo um “(...) modo de ver do Mundo (...) proporcionando ao aluno um maior conhecimento da realidade que o envolve.”

Focando-nos, agora, nas vantagens de uma ação interdisciplinar e, apesar das respostas serem semelhantes às das questão anteriores, dentro desta categoria, a principal vantagem atribuída por 36,4% dos entrevistados é a de que permite uma maior motivação para a aprendizagem. Outra vantagem prende-se com o facto de os conhecimentos aparecerem interligados, permitindo aos alunos ampliar a visão do mundo e relacionar e aplicar com maior facilidade os diferentes saberes, com a qual estão em concordância, também, 36,4% dos entrevistados. Ainda, 18,2% garantem que permite a continuidade entre os conteúdos e, contribuindo para um maior rendimento escolar e 9,1% acreditam que ajuda na consolidação da matéria estudada, sendo que os restantes 13,6% assumem que existe uma “maior qualidade nas aprendizagens” quando se

pratica a interdisciplinaridade (E3) e que esta “(...) fundamenta as atividades que vão sendo realizadas” (E7), desenvolvendo todas as vertentes (E18).

Tabela 14 - Vantagens de uma ação interdisciplinar

Exemplos de Respostas		%
Motivação para a aprendizagem	“Torna o ensino mais motivador” (E5)	36,4%
	“Tornar mais aliciante um tema pouco motivador.” (E11)	
Conhecimento interligado	“Permite aos alunos aplicar as suas aprendizagens em qualquer área (...)” (E2)	36,4%
	“Permite uma diversidade de conhecimentos nas diferentes áreas.” (E8)	
	“(…) compreender as relações entre os vários saberes.” (E12)	
	“(…) aumentar o conhecimento do mundo.” (E15)	
	“Serve para apresentar aos alunos diversas possibilidades para encarar um facto.” (E22)	
Continuidade entre conteúdos	“(…) não há cortes nas disciplinas (...)” (E1)	18,2%
	“Sem quebras na aprendizagem e com coerência.” (E17)	

Por último, a última questão desta categoria assenta na opinião dos professores face à interdisciplinaridade como motivação para aprendizagem, o que podemos constatar porque já tem vindo a ser referenciado por alguns dos entrevistados. Assim, as respostas revelaram-se 100% otimistas, “(...) porque as “coisas” são pensadas para que tenham um sentido.” (E1), ressaltando a ideia de que a interdisciplinaridade serve “(...) como motivação essencialmente intrínseca.” (E10), assegurando que se podem criar novos desafios (E20)“.

3.1.1.1.1. Síntese da análise das entrevistas aos professores

Acreditamos que a aplicação das entrevistas como paradigma de investigação funcionou como fortalecimento da fundamentação tecida ao longo deste documento, na medida em que as respostas deste grupo de entrevistados tocaram em múltiplos aspetos abordados no capítulo I. De facto, estas permitiram provar a pertinência do tema, no tocante à Educação no século XXI, onde as Artes Visuais ainda não têm o devido impacto.

Na presente síntese, é apresentada uma análise global das respostas por cada bloco temático presente na tabela de categorização enunciada na página

41. No que diz respeito à identificação, reflete-se que a idade, anos de serviço e tipo de instituição nada têm a ver com a prática pedagógica no tocante à inclusão das Artes Visuais no currículo dos alunos, uma vez que alguns docentes com maior idade apresentam mais predisposição para a área do que alguns docentes com menor idade.

Relativamente à categoria das Artes Visuais no 1º CEB, a análise da entrevista efetuada aos professores, permitiu concluir que todos concordaram que esta é uma área fundamental e relevante para a aquisição de variadas competências, desenvolvimento de potencialidade, que com outras disciplinas não consideram ser possível e serve de motivação para outras aprendizagens. De mencionar que os docentes entrevistados reconhecem que as Artes Visuais promovem nos alunos capacidades em torno da comunicação e expressão que fazem parte do desenvolvimento global e integral do aluno e acrescentam a criatividade, a imaginação, a observação e apreciação, a sensibilidade e sentido estético e crítico, a motricidade fina e destreza nas aptidões técnicas enquanto experimentam, a concentração, a perceção e até o facto de trabalhar a individualidade, o relacionamento interpessoal e questões relacionadas com as emoções. Face a estas vantagens, era de esperar que um número significativo de entrevistados mostrasse a sua insatisfação face à carga horária que lhe é atribuída, referindo ser desadequada e diminuta, ou seja, mal aplicada, devendo ser reajustada com mais horas letivas. Apesar desta indagação e de alguma falta de valorização no currículo, todos abordam que este domínio pode ser colocado em prática de forma interdisciplinar, permitindo abordar conteúdos de diferentes áreas, uma vez que é possível trabalhar conteúdos transversais e, por isso, mais de metade dos entrevistados, até dizem ser valorizada. Contudo, quando confrontados sobre se cumprem ou não as metas estabelecidas para a área curricular, apenas metade dos entrevistados dizem cumprir na totalidade, sendo que a outra metade diz tentar, mas nem sempre conseguir.

No que concerne ao modo como colocam em prática e às estratégias utilizadas, para além de referirem, mais uma vez, a interdisciplinaridade na inclusão desta área, a maioria dos entrevistados baseou-se em técnicas artísticas diversificadas, que possibilitam a experimentação e manipulação de materiais, das quais se destacam o desenho, a pintura e, também, a observação e respetiva apreciação dos universos visuais. Ainda, é de realçar que alguns

professores utilizam as Artes Visuais nomeadamente em épocas festivas, comprovando-se com o que nos diz Barbosa (2002: 14). Na presença deste domínio, um dos entrevistados afirma estar preparado devido à formação inicial e adicional durante a carreira, mas a grande parte dos entrevistados parece mais motivado do que capacitado, pelo que quase metade destes garantem necessitar de formação adicional para evoluir ao nível de técnicas e meios de utilização, que mesmo apreciando, não dominam, o que dificulta o trabalho. No entanto, mesmo aqueles que dizem sentir-se capazes, motivados e predispostos, consideram que as formações nunca são demais para se manterem atualizados e melhorarem, assim, as suas práticas. Já a visão dos alunos na perspetiva dos professores entrevistados, estes confessam que as Artes Visuais são uma área que, no geral, os alunos gostam, apreciam e estão motivados para, ainda que dois entrevistados refiram que nem todos estão recetivos nem interessados, por verem a área como um momento para passar o tempo.

Relativamente às melhorias no ensino das Artes Visuais, os entrevistados apresentam o alargamento da carga horária semanal como a principal alteração a ser feita, seguindo-se a formação inicial e adicional de professores e alunos, a inclusão de mais materiais e condições nas escolas e, por fim, com menor ênfase, a coadjuvação por profissionais especializados na área em questão.

No que diz respeito à categoria intitulada de Interdisciplinaridade, os entrevistados, na sua totalidade, afirmaram que esta abordagem é extremamente importante, na medida em que este modo de agir ajuda na medida em que há um fio condutor e sentido entre as demais disciplinas e, aos alunos, permite interligar saberes, permanecerem interessados e abrangerem que não há disciplinas estanques. Adicionam, ainda, que a ação interdisciplinar pode ser promovida pelas Artes Visuais. Confirmada a sua prática, concluiu-se que mais de metade dos entrevistados utilizam a interdisciplinaridade entre todas as disciplinas, sendo que a minoria descarta um pouco as Artes Visuais, tendo preferência, essencialmente, pelo Português, com a observação de imagens e ilustração de textos, e pelo Estudo do Meio, com a criação de cartazes. No que se refere à Matemática, o domínio da geometria é o mais mencionado. Como finalidade e, ao mesmo tempo, vantagem da sua utilização, os entrevistados indicam uma maior motivação, sobretudo para uma área que possa ser menos apreçada, e melhor consolidação, para uma aprendizagem com qualidade, um

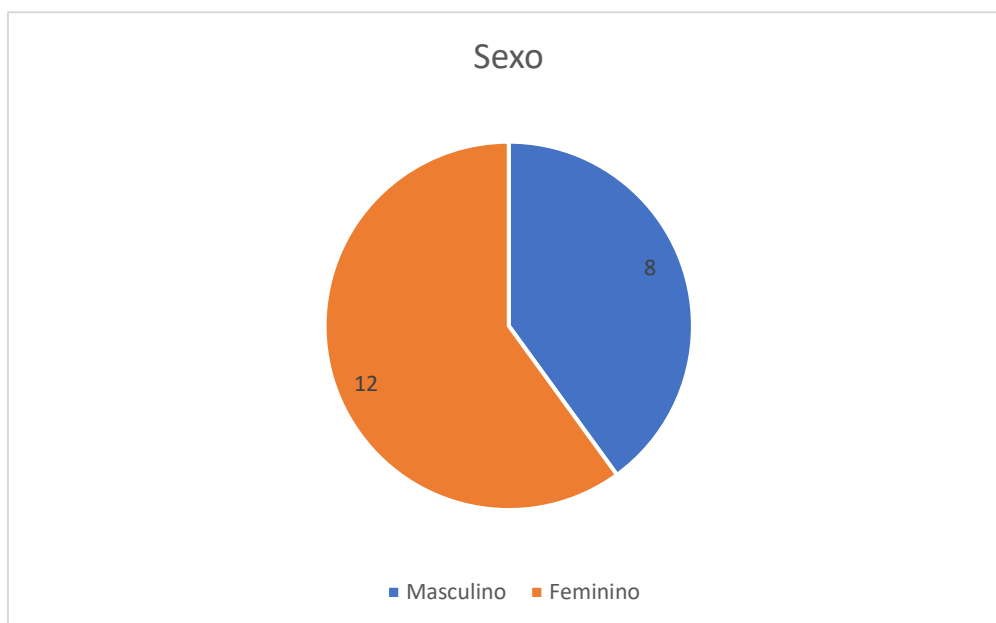
maior rendimento escolar e, assim, ser possível atingir o sucesso. Para colmatar, um dos entrevistados salienta a ideia de que é um modo de conhecer e ver a realidade, ampliando a visão do mundo.

Finalmente, todos os entrevistados consideram a interdisciplinaridade como motivação para a aprendizagem.

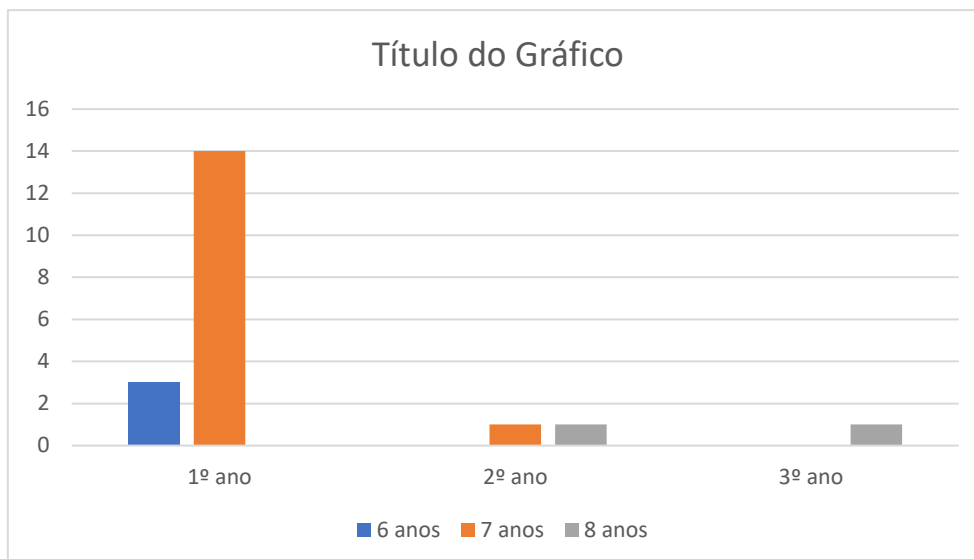
3.1.1.2. Análise das entrevistas aos alunos

▪ Identificação

No tocante à identificação dos vinte alunos entrevistados, importa referir que 60% eram do sexo feminino, isto é, 12 alunos, e 40% eram do sexo masculino, ou seja, 8 alunos. Destes, 85% frequentam o 1º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre os 6 e os 7 anos, 10% frequentam o 2º ano, com 7 e 8 anos, e 5% o 3º ano, com apenas 8 anos. Assim, 15% dos alunos entrevistados tinham 6 anos, 75% tinham 7 anos e 10% tinham 8 anos. Importa, ainda, salientar que 100% frequentavam escolas públicas, sendo que 65% pertenciam à turma de 1º ano de uma escola pública no Porto, onde a prática profissional foi realizada.



7 - Gráfico - Sexo dos alunos entrevistados

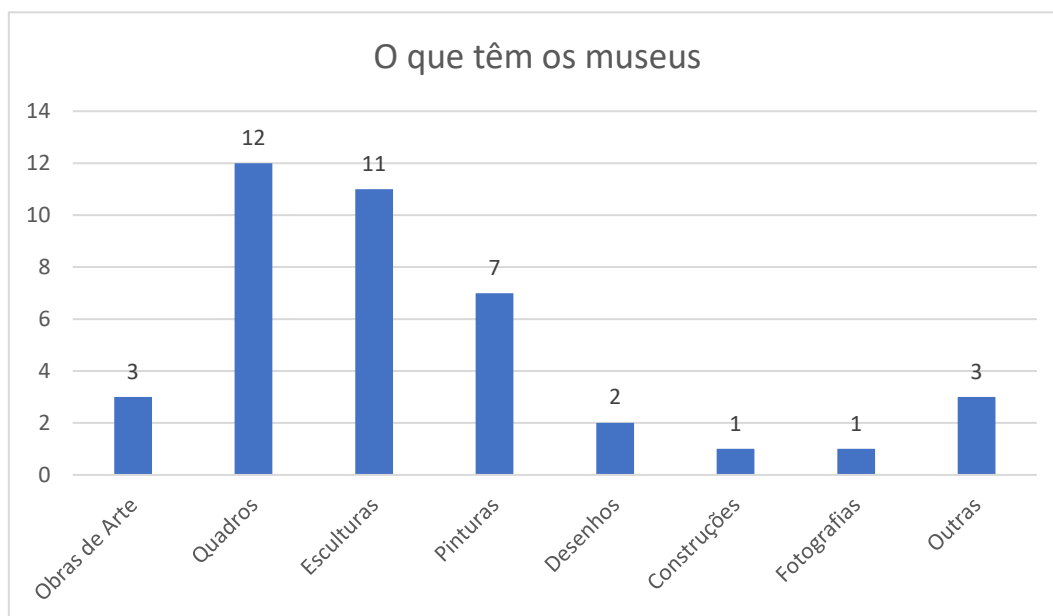


8 - Gráfico: Idades dos alunos entrevistados por ano de escolaridade

▪ As Artes Visuais

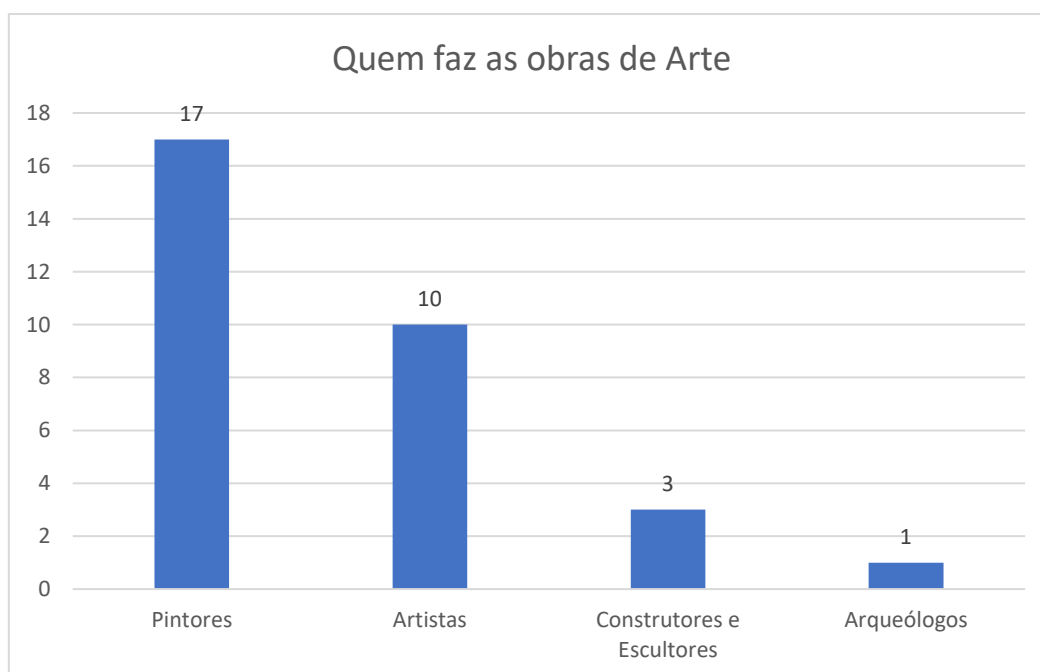
Quando questionados se o professor titular de turma alguma vez já os levou a conhecer um museu ou uma exposição de arte, 95% dos alunos entrevistados deram respostas negativas, embora 20% destes tivessem acrescentado já terem ido em contexto pré-escolar, com o ATL ou com a família. Apenas 5%, isto é, um aluno, mencionou ter ido no 1º ano de escolaridade, mas no ano em que está inserido ainda não. De seguida, pediu-se que elucidassem o que era, afinal, um museu, em que 30% dos alunos não souberam explicar e 40% referem ser “(...) onde se vai para ver coisas antigas (...)” (A3) e “(...) que já existiu.” (A7), onde guardam, nomeadamente “(...) coisas de rainhas.” (A2), “(...) do Egito” (A10), “(...) dinossauros.” (A18) e que “(...) depois são postas num museu.” (A19). Contudo, foram 45% aqueles que definiram um museu como um espaço que tem “muita coisa” (A9), “várias artes” (A7), como pinturas e artes antigas (A3 e A12), estátuas (A5), quadros (A4, A9 e A20), exposições (A13), artistas ou obras (A20), “porque são muito bonitas e estão guardadas há muitos anos.” (A12). Sobre o que pensam os alunos existir no interior de um museu, estes expõem respostas idênticas à questão anterior, sendo que 95% nomeiam várias manifestações artísticas, das quais 15% são obras de arte, pelo que não particularizam, 60% são quadros, 55% são esculturas, 35% são pinturas, 10% são desenhos e 5% são construções, a par de fotografias. Destes, 5% ainda

acrescentam livros, a par de coisas raras. Por fim, apenas um dos alunos (5%) refere ter “(...) coisas interessantes.” (A16), não especificando.



9- Gráfico: O que têm os museus na visão dos alunos

À questão “Porque se chamam obras de arte? Quem faz as obras de arte?”, 10% dos alunos entrevistados não souberam responder e os restantes 90% mencionaram pintores (85%), artistas (50%), construtores e escultores (15%) e arqueólogos (5%), pelo que este último não evidenciava conhecimento neste contexto.



10- Gráfico: Quem faz as obras de Arte na visão dos alunos

Quando questionados se se consideravam artistas, 45% dos alunos responderam de forma positiva quer porque desenhavam bem ou gostavam de pintar quer porque atentavam criar os seus próprios trabalhos e estes serem bonitos. Contrariamente, 35% dizem não ser artistas e 20% consideram-se mais ou menos, pois não são suficientemente evoluídos (A13) nem acham que fazem pinturas muito bonitas ou que desenhavam muito bem (A7).

No que se refere ao que são as Artes Visuais, a grande parte dos alunos aludem para algumas técnicas, sendo que 55% dos alunos referem que é desenhar, acrescentando que podem ser “(...) desenhos que não sabes o que é que é e desenhos que sabes o que é que é.” (A2) ou que não são difíceis de fazer (A9), ao mesmo tempo que devem ser bonitos (A20). Já 40% dos alunos dizem que é pintar, a par de obras de arte criadas por alguém e 15% diz ser construir esculturas, a par da técnica do recorte. Ainda, com 10% encontram-se os que não sabem explicar e com 5% cada aqueles que dizem ser coisas raras, a técnica da colagem, da fotografia e “(...) coisas que alguns artistas já morreram e depois é recordação.” (A20). Na mesma linha de pensamento, os alunos mencionam fazer trabalhos artísticos através de respostas que evidenciam, mais uma vez, variadas técnicas, incluindo materiais que podem utilizar. Assim, 45% nomeiam materiais como tintas, lápis, pincéis, papel, paleta, cera, reciclados e furadores, enquanto 35% mencionam as técnicas do desenho, da pintura, do recorte, da colagem, da escultura, da construção e da fotografia, tendo sido as primeiras duas as mais citadas, em que o aluno 9 diz ser possível desenhar os seus sentimentos e o aluno 5 o seu retrato. Ainda, 15% fazem referência a quadros e 5% abordam poder fazer “coisas abstratas” (A7).

No que se refere à criatividade, 70% dos alunos dizem ser criativos, 25% dizem ser mais ou menos ou pouco e 5% não sabem. Ao solicitar que definissem o que é ser criativo, 15% não souberam explicar, pelo que os restantes 75% justificam com respostas que têm a ver com o pensar e ter ideias próprias e diferentes (55%), inventar e imaginar (40%) e criar algo novo e incrível (25%).

Tabela 15 - A criatividade para os alunos

Exemplos de Resposta		%
Ter ideias próprias e diferentes	“É ter ideias sem ajuda. Diferentes.” (A4)	55%
	“É quando eu faço os meus próprios quadros e não copio. É tipo um teste, é pensar pela minha cabeça. É inventar coisas, é tipo, não foi ninguém que me disse (...)” (A5)	
	“São ideias que toda a gente não tem. Tu estás inspirado.” (A12)	
	“Se forem iguais é uma cópia... Diferentes!” (A20)	
	“Nós fazemos cada um na sua maneira.” (A10)	
Imaginar e inventar	“É inventar muita coisa.” (A2)	40%
	“(...) podemos inventar coisas novas.” (A14)	
	“É desenhar o que é que imagino na minha cabeça.” (A19)	
	“Ter imaginação.” (A2)	
	“É, por exemplo, há pessoas que imaginam as coisas e depois começam logo a desenhar e também fazem umas coisas, por exemplo, que elas imaginam que existem, mas só que não existem, mas desenhavam essas coisas.” (A7)	
	“Ver o mundo com outros olhos.” (A16)	
Criar novo e incrível	“É fazer coisas novas e diferentes.” (A9)	25%
	“Quer dizer que estamos a criar, algo novo e diferente.” (A17)	
	“Conseguir criar coisas lindas e incríveis.” (A11)	

Relativamente aos trabalhos artísticos realizados na escola, em tempo letivo, 95% dos alunos dizem realizar, embora 70% destes aludem para o facto de serem poucos ou, por vezes, só alguns e 20% afirmarem que trabalham mais as outras áreas. Apenas um aluno (5%), o único do 3º ano de escolaridade, afirma não realizar, mas não se importar, pois não gosta muito. Sobre se gostavam que houvesse mais ou menos tempo dedicado a este tipo de trabalhos, 85% dos alunos admitem querer mais, destacando-se a resposta do aluno 13 “No plano de aula eu só via para aí uma ou duas artes visuais à semana. (...) Eu acho que podia ser mais, como três. Uma à segunda, uma à quarta, uma à sexta.” E os restantes 15% confessam querer menos, porque não apreciam a área. Posto isto, foi pedido que atribuíssem um número de 0 a 10 que comprovasse o quanto gostam ou não das Artes Visuais, pelo que 50% dos alunos disseram gostar muito e, por isso, atribuíram o valor máximo, 10% atribuíram o número 5 por gostarem mais ou menos e os restantes 40% situam-se entre os 6 e os 9 pontos.

No respeitante à importância das Artes Visuais, 85% dos alunos responderam positivamente, 10% refere ser “um bocadinho” importante (A16 e

A17) e 5% respondeu de forma negativa, sendo que 15% dos alunos entrevistados não souberam justificar as suas opiniões. As justificações debruçam-se sobre a possibilidade de sentir e ter prazer pelo belo (55%), permite ser pintor, decorar e criar, de forma livre e criativa (35%) e apreciar (15%).

Tabela 16 - Importância das Artes Visuais para os alunos

Exemplos de Respostas		%
Liberdade e criação	“Para podermos decorar as coisas.” (A2)	55%
	“(…) porque eu posso fazer trabalhos em família... tirar fotografias ou podemos pedir a uma pessoa para ficar num sítio, não se mexer tanto e depois copiar para um quadro.” (A4)	
	“Porque podemos fazer a nossa criatividade e desenharmos o que quisermos.” (A9)	
	“Porque sem a arte ninguém se inspirava.” (A12)	
	“Porque algumas pessoas querem ser pintores. Para serem pintores, têm que pintar muito.” (A19)	
Sensibilidade, emoções e sentido estético	“Para nos podermos divertir a desenhar.” (A2)	55%
	“Tem coisas giras, desenhadas, pintadas, até de arte abstrata.” (A3)	
	“Porque faz-me muito bem à alma e desanuviava-me. Quando eu estou muito nervosa, eu vou fazer uns desenhos e já estou desanuviada.” (A5)	
	“(…) porque me faz feliz a mim.” (A6)	
	“(…) como há muito tempo a televisão era a preta e branco, ainda não havia assim muitas cores, mas agora já há mais.” (A7)	
	“(…) porque as pessoas gostam dela” (A13)	
	“Para ver coisas bonitas. Para ver coisas muito antigas.” (A18)	
Observação, interpretação e apreciação	“Porque ao mesmo tempo podemos ver de ângulos diferentes.” (A3)	15%
	“(…) para as pessoas verem as esculturas.” (A17)	
	“Porque são desenhos de artistas muito importantes.” (A20)	

No que concerne aos materiais conhecidos pelos alunos na realização de trabalhos artísticos, 75% nomeiam lápis, 65% pincéis, 60% marcadores, 50% tintas, das quais incluem aguarelas, 50% folhas e papéis, nomeadamente cartolinas, revistas, papel eva, 25% materiais reciclados, como garrafas plásticas, latas, cartão, viseiras, tampas, palhas, paus de espetada, caixas de ovos e rolos de papel. Ainda, 40% referem utilizar tesoura, cola e borracha e

75% abordam outros, como: tecidos e fios ou lã, dos quais roupa, pedras, flores, barro, ferro, madeira, penas e purpurinas.

Tendo em conta o conhecimento dos alunos quanto aos artistas e obras de arte, 30% afirmam não conhecer nenhum artista nem nenhuma obra de arte. Contudo, são 45% aqueles que conhecem artistas, mais especificamente, Leonardo da Vinci (15%), Miró (10%), Picasso (10%), Rafael (5%), Nadir Afonso (5%), Baldomero Pelegrín (5%) e Miguel Ângelo e Joana Vasconcelos (5%). Quanto às obras, 25% dizem conhecer a Monalisa, 5% a Guernica, 5% a máscara de espelhos "*I'll be your mirror*" e 10% referem esculturas como a estátua da liberdade, a de D. Afonso Henriques e o monumento aos heróis da guerra peninsular.

Por fim, solicitou-se aos alunos entrevistados que dessem uma sugestão que pudesse melhorar o ensino das Artes Visuais nas escolas. Desta forma, obtiveram-se 40% de respostas que solicitam idas a museus ou outras visitas de estudo, onde possam conhecer mais artistas e pinturas, 35% de respostas que perspetivavam mais tempo dedicado às Artes Visuais, implicando a realização de mais trabalhos, 20% que indagam diferentes tipos de materiais na realização de trabalhos e 10% que não sabem o que sugerir.

3.1.1.2.1. Síntese da análise das entrevistas aos alunos

O emprego das entrevistas aos alunos tornou-se pertinente e uma mais-valia neste estudo, pelo que dar voz às crianças pôde evidenciar o conhecimento destes no que concerne ao domínio das Artes Visuais que, por sua vez, é diminuto, e sintetizar a importância das suas visões face a este domínio, de modo a perspetivar um melhor ensino-aprendizagem. Na atual síntese é apresentada uma análise geral das respostas dos alunos entrevistados no âmbito das Artes Visuais no 1º CEB.

De notar que, em vinte alunos, apenas um visitou um museu com a sua professora, no ano anterior, o que quer dizer que na grande maioria os professores não proporcionam este tipo de saídas de campo aos alunos. Como tal, quando questionados sobre o que era um museu, alguns alunos não souberam explicar e, maioritariamente, as respostas debruçaram-se sobre aspetos relacionados com antiguidades, pois alguns alunos mencionam

conhecer estes espaços apenas com a família ou através de instituições que frequentaram na educação pré-escolar. Ainda assim, quase metade dos alunos afirmaram ser possível encontrar expostas obras de arte, como pinturas, quadros e esculturas. Depois desta primeira abordagem, todos os alunos, à exceção de um, souberam patentear o que podem ter os museus ou exposições de arte no seu interior, fazendo referência a vários universos visuais, incluindo os desenhos, a construção e a fotografia, para além daqueles mencionados na questão anterior, sendo que um apenas referiu serem “(...) coisas interessantes.” (A16). Pretendeu-se saber qual a associação feita, pelos alunos, das obras de arte aos seus criadores. Pode-se concluir que somente quando questionados “Quem faz as obras de arte?” é que os alunos foram capazes de referir os artistas, mas principalmente pintores. Esta questão serviu de ponto de partida para apurar se os alunos se consideravam verdadeiros artistas, dos quais um número significativo respondeu positivamente, por gostarem e confessarem criar belos trabalhos, embora uns tenham demonstrado algumas dúvidas, pelo facto de atentarem não ser tão bons na área. Ainda, sete alunos, decididamente, não se consideram artistas.

A grande parte dos alunos, quanto ao que são as Artes Visuais, mencionaram técnicas artísticas, sobretudo o desenho e a pintura, podendo ser abstratos ou não e, ainda, obras feitas por alguém. Em menor quantidade consignaram a construção de esculturas, o recorte, a colagem e a fotografia, pelo que dois alunos não conseguiram esclarecer. A par desta, os alunos referiram poder trabalhar Artes Visuais através das mesmas técnicas aferidas anteriormente: do desenho, da pintura, do recorte, da colagem, da escultura, da construção e da fotografia. Também, mostraram ser possível fazer arte através de quadros e transmissão de sentimentos para o papel. Incluíram, ainda, materiais que podem estar na base das suas criações, principalmente tintas, lápis, pincéis e papéis. Para além destes, foram nomeados a paleta, os furadores de figuras, cera e materiais reciclados.

Relativamente à criatividade aquando a criação dos seus próprios trabalhos artísticos, a maioria dos alunos reconhecem ser criativos, sendo que uma ínfima parte diz não saber, ser pouco ou mais ou menos. Quanto à definição do que é ser criativo, três alunos não souberam explicar, mas os restantes

garantem ter a ver com o pensar, o ter ideias diferentes, vindas da própria cabeça, o imaginar, o inventar e o criar algo novo, bonito e incrível.

De modo a apurar se os alunos realizavam trabalhos artísticos na escola, a maioria diz concretizar, mas com pouca frequência, pelo que o tempo letivo é investido maioritariamente com as disciplinas de Português e Matemática e, em segundo plano, também, o Estudo do Meio. Denota-se, então, que a escola continua a fomentar apenas o ensino das áreas que envolvem as letras e os números, quando na sociedade atual também são igualmente privilegiadas competências ao nível da criatividade e inovação. Apenas um aluno diz mesmo não realizar, mas nem se importar, pelo facto de não apreciar a área em questão. Apesar de três alunos com esta apreciação, a grande parte implora por mais tempo dedicado ao trabalho nas Artes Visuais, por ser uma área de interesse geral. Assim, quando lhes foi pedido para atribuírem um valor de 0 a 10 que demonstrasse o apreço pela área, metade concedeu o máximo e a outra metade outorgou entre 5 e 9. Ainda nesta dimensão, maioritariamente, os alunos consideram as Artes Visuais importantes, ainda que alguns não fossem capazes de legitimar a sua afirmação. Dos alunos que lhe conferiram importância, as suas justificações prendem-se com o gosto pelo desenho e a pintura, o prazer pelo belo, pelo que é esteticamente bonito e porque lhes provoca sensações de bem-estar e felicidade. Ainda, abordam para o facto de as Artes Visuais permitirem ser-se pintor e poder decorar e criar de forma livre e criativa, assim como observar, interpretar e apreciar diferentes manifestações artísticas.

Quanto aos materiais conhecidos e/ou já utilizados, os alunos referem, principalmente, aqueles com que estão habituados a trabalhar, é o caso dos diferentes tipos de lápis, os pincéis, as tintas, os marcadores, os papéis variados e, por fim, não esquecem a tesoura, a cola e a borracha. Muitos dos alunos, somente quando questionados sobre materiais reciclados, de desperdício ou que não têm mais uso é que passaram a referi-los, até mesmo elementos da natureza. Poucos foram aqueles que abordaram o barro, a massa de moldar e a plasticina, por exemplo.

No que se refere a artistas e obras de arte, são seis alunos que não conhecem qualquer um destes, pelo que se pode atestar que durante o ano letivo, nunca houve referência a personalidades neste ramo nem às suas obras.

A grande parte dos alunos que reconhecem alguns nomes e respectivas obras, afirmam já ter trabalhado um projeto em contexto pré-escolar, nesta área.

Por fim, os alunos sugeriram algumas mudanças ao nível da carga horária atribuída às Artes Visuais, pelo que desejam realizar mais trabalhos com diferentes materiais e, também, mais idas a museus para que fiquem a conhecer mais artistas e obras de arte.

3.2. Triangulação

Com base no cruzamento dos dados obtidos quer das entrevistas aos docentes quer das entrevistas aos discentes, foi concebida a presente triangulação de dados.

Recorrendo às informações geradas pelos docentes, podemos considerar que a sua maioria considera a carga horária atribuída às Artes Visuais desadequada e reduzida, pois partilha as três horas semanais com as diferentes expressões artísticas. Realmente, esta conclusão é vista, também, na perspetiva dos alunos, uma vez que, globalmente, estes apontam para o facto de realizarem poucos trabalhos artísticos na escola e implorarem por mais tempo dedicado eles. Embora os professores considerem as Artes Visuais uma área transversal e que pode ser trabalhada em conformidade com outros conteúdos de outras áreas do saber, os alunos afirmam praticar maioritariamente atividades relacionadas com o Português e a Matemática, dado serem para os professores disciplinas nucleares e com prioridade. De facto, tendo em conta o currículo, podemos constatar que estas têm maior peso, possuindo um número de horas superior quer à Educação Artística quer ao Estudo do Meio e um programa, também, mais extenso. No entanto, e na nossa perspetiva, a escola tem de compreender que as competências desenvolvidas na Matemática e no Português são importantes, mas não são únicas, pelo que as Artes Visuais são tão essenciais quanto o trabalho com os números, as palavras, a história e as ciências. Assim sendo, não é de estranhar que quase metade dos professores concordem que as Artes Visuais sejam, ainda, desvalorizadas, pelo facto de não haver imparcialidade entre as demais disciplinas, mas o que nos leva a crer que a acomodação por parte destes seja um dos fatores para a desvalorização existente, não investindo na mudança das suas práticas para que, assim, lhe

seja conferido maior valor. Entende-se que esta desvalorização influencia competências essenciais no desenvolvimento dos alunos. Por outro lado, é um número superior que diz ser uma área cada vez mais valorizada. Por conseguinte, foi possível registar que a totalidade dos professores entrevistados atribuem especial importância às Artes Visuais no currículo dos alunos, pois desenvolve nestes determinadas competências que noutras áreas não é possível, como a possibilidade de se expressarem e comunicarem através de variadas linguagens, a estimulação da criatividade e imaginação, ajuda na motricidade fina e aptidões técnicas, trabalha o sentido estético, o pensamento crítico, a observação e apreciação, a sensibilidade, a concentração, a autonomia e até questões ligadas ao relacionamento interpessoal, às emoções e à transmissão de sentimentos. De igual modo, a maioria dos alunos confere-lhe importância na medida em que serve para decorar, podem ser livres ao criarem o que entenderem, serem criativos, observar, interpretar e apreciar o belo, para com ela se inspirarem e, ainda, porque lhes desperta sentimentos de felicidade e bem-estar emocional. Sem saberem, os alunos evidenciaram potencialidades das Artes Visuais.

Relativamente ao cumprimento do currículo nas Artes Visuais, é notável que uma parte significativa de professores não o cumpre na totalidade, pelo que põem em prática sobretudo em épocas festivas, mas referem utilizar estratégias através da exploração de várias técnicas e recursos, estes conhecidos pelos alunos, que permitem a experimentação e observação, onde predominou a interpretação e descrição de figuras ou imagens, a ilustração de textos e o desenho, tal como na informação recolhida nas entrevistas aos alunos. Estes referem-se às Artes Visuais como sendo, sobretudo e apenas, o fazer desenhos, pinturas, esculturas, recortes e colagens, pelo que evidenciam maioritariamente os materiais para a realização destes. Tanto professores como alunos abordaram, também, o usufruto de materiais reciclados na elaboração de trabalhos artísticos. Todavia, não houve qualquer referência de visitas de estudo a museus ou exposições de arte por parte dos professores, o que se comprova com os testemunhos dos alunos, em que a totalidade, à exceção de um, afirma nunca ter sido levado pela professora titular de turma, embora alguns já tivessem conhecido alguns espaços, mas não em contexto de 1º CEB. A par, muitos deles não souberam explicar de que lugar se tratava. Apesar de apenas um professor

referir a análise de pintores e reprodução das suas obras no ensino das Artes Visuais, foi possível concluir, aquando a referência a artistas e obras de arte, que os conhecimentos dos alunos advinham de outros contextos e muitos nem mostraram esse conhecimento. O facto de as Artes Visuais serem pouco praticadas e os alunos não serem estimulados a esse nível, pensa-se que levou a que as suas respostas fossem, por vezes, negativas no que diz respeito ao serem artistas. Não obstante, os alunos consideram-se criativos, tratando-se da possibilidade de imaginar, inventar, pensar e ter ideias próprias e diferentes, que permitam criar algo novo, bonito e incrível.

Ainda que as Artes Visuais sejam consideradas importantes a todos os níveis, os professores sentem-se mais motivados do que capacitados para instruir os seus alunos, dado que necessitam de formações adicionais para colmatar alguma instabilidade e dificuldade face ao domínio, de forma a garantir o conhecimento atual e melhorar e inovar as suas ações e metodologias de ensino. Posto isto, podemos afirmar que os professores reconhecem que as atividades relacionadas com as Artes Visuais levam a que os alunos se sintam mais motivados e recetivos para a aprendizagem, pois a maioria gosta de trabalhar esta área. Se não houverem professores motivados e predispostos, certamente, não haverão alunos com essas mesmas características. Vão sempre existir alunos que gostam mais ou menos de Matemática, mais ou menos de Português, mais ou menos de Estudo do Meio e mais ou menos de Artes Visuais. Porém, e generalizando as respostas obtidas, é de notar o gosto, a preferência e o interesse dos alunos pelas artes. Então, se estes apreciam, sentem-se motivados pelo lado lúdico, colaboram e até são surpreendentes nas suas criações, porque não introduzir com mais frequência as Artes Visuais durante a atividade pedagógica? Se for possível trabalhar as disciplinas menos apreciadas para os alunos de forma interdisciplinar e arranjar essa motivação intrínseca necessária através de uma motivação extrínseca, porque não o fazer, para atingir o sucesso? Os professores admitem que uma abordagem interdisciplinar é motivadora e indispensável, mesmo que, muitas vezes, esta só abranja as áreas de maior peso e não se faça a articulação com as Artes Visuais, por exemplo, que tornaria mais atrativo e desafiante temas menos motivadores, onde as aprendizagens se revelariam mais facilitadoras e significativas e os alunos aprendiam de forma plena e com qualidade.

Por fim, no que diz respeito a um melhor aproveitamento escolar, os professores apelam, essencialmente, para alterações ao nível da carga horária atribuída às Artes Visuais no currículo, pretendendo alargar o tempo dedicado à mesma, sensibilizando para a sua importância e equiparando-a às outras áreas, assim como a adoção de materiais e melhores condições nas escolas. O mesmo sugeriram os alunos, para que seja possível a realização de mais trabalhos artísticos e com diferentes materiais, acrescentando idas a museus, para que possam conhecer mais artistas e obras de arte.

LIMITAÇÕES DO ESTUDO

No decorrer do percurso investigativo, é de referir que nem tudo surgiu de forma simples e facilitadora, tendo ocorrido algumas limitações que dificultaram o processo de desenvolvimento do presente relatório de investigação.

Desde cedo foi decidido que o estudo se realizaria numa turma de 1º CEB, por se tratar de um ensino obrigatório onde, ainda, é pouco visível a prática do currículo nas Artes Visuais. Assim sendo, a primeira limitação surge com a falta de valorização das Artes Visuais e de apoio por parte dos docentes e da instituição, o que tornou a inclusão de atividades interdisciplinares dificultada. Para além desta, a segunda limitação debruça-se, também, sobre o estabelecimento de ensino público, o qual não detinha de materiais suficientes para produzir trabalhos de qualidade. O facto dos materiais necessários para a realização das atividades não terem sido facultados ou comparticipados pela instituição limitou este projeto. Para dificultar, os cerca de seis meses previstos para a prática profissional reduziram-se a três devido à propagação pandémica do Covid-19. Porém, também esses três meses presenciais não se revelaram, na sua totalidade, semanas de intervenção, em que metade caracterizaram-se por ser apenas de observação. Desta forma, a desvalorização da área, a escassez de materiais e de tempo impossibilitou o trabalho a que nos propusemos inicialmente, que pressuponha a implementação de atividades, tendo esta sido uma das principais limitações no que concerne à observação participante, esta já desenhada, uma vez que as atividades planeadas exigiam uma preparação prévia, mas não implementada. Tendo em conta a fase de confinamento e o conseqüente ensino à distância, não foi possível dar continuidade à prática de ensino supervisionada da mesma forma nem como se pretendia, pelo que fomos obrigadas a readaptar o caminho a seguir, alterando a estrutura de todo o procedimento metodológico e optando, assim, por recolher informação juntamente de um maior número de professores e alunos. De igual modo, outra limitação relaciona-se com a população-alvo, em que o estudo dependia deles e estes foram demorados no que toca a remeterem as suas respostas. Embora tivessem sido contactados mais de 50 professores, apenas alguns se mostraram disponíveis e sensíveis a colaborar na resposta à entrevista, que seria mais pertinente ao ser concretizada pessoalmente. Uma

última limitação refere-se à unidade curricular onde se insere a prática profissional decorrer em simultâneo com outras unidades curriculares, devido à gestão e organização do tempo, apesar de se considerar enriquecedor por ser possível articular a teoria com a prática.

Contudo, face a todas as limitações, pensamos que ao longo de todo este processo estas foram sempre tomadas em atenção e resolvidas, encontrando outras estratégias de forma a cumprir com os objetivos propostos. Ainda que as atividades não tenham sido colocadas em prática, os alunos tiveram a oportunidade de experimentar diferentes técnicas e materiais e alargou-se a amostra das entrevistas, para que os dados fossem suficientes. Consideramos, assim, que os obstáculos foram parcialmente ultrapassados, ao adotar outro trajeto que pudesse ser desenvolvido e cumprido com rigor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da presente investigação e através da concretização do decorrente estudo, pudemos aprofundar a importância das Artes Visuais no 1º CEB e o impacto que esta suscita no processo de ensino-aprendizagem, com base numa abordagem que se consignasse interdisciplinar, validando, conforme acima supracitado, a reunião entre áreas e saberes distintos, com o intuito de promover o desenvolvimento holístico dos alunos, inovar o ensino e, conseqüentemente, tornar as aprendizagens verdadeiramente significativas e motivadoras, tendo em vista o sucesso dos alunos.

Atentando a temática, consideramos que a concretização das entrevistas foram relevantes para uma melhor compreensão da realidade à volta da mesma a que nos propusemos estudar, tendo sido possível averiguar a existência de uma conexão positiva entre as Artes Visuais e as demais disciplinas. Ao contextualizar perante a questão de partida “De que forma as Artes Visuais podem contribuir para uma aprendizagem interdisciplinar no 1.º Ciclo do Ensino Básico?”, percebemos que estas podem estar na base e integrar outras áreas curriculares, na medida em que tornam mais aliciantes, conteúdos menos motivadores para os alunos e, por isso, facilitam a discência. Tendo em conta esta questão que desencadeou todo o trabalho, foram traçados os objetivos, aos quais daremos resposta. Assim sendo, para o primeiro objetivo, conseguiram-se identificar, claramente, competências que podem ser promovidas ou potenciadas com a inclusão das Artes Visuais, estas consideradas transversais e que permitem o desenvolvimento global do aluno, enquanto ser humano individual com valores e cidadão ativo na sociedade atual. Desta forma, destacam-se as mais manifestadas pelos docentes: a criatividade, a comunicação e expressão, a observação e apreciação, a sensibilidade e sentido estético e crítico, a motricidade fina e destreza nas aptidões técnicas enquanto experimentam, a concentração, a perceção e até o facto de trabalhar a individualidade, a autonomia, o relacionamento interpessoal e questões relacionadas com as emoções e a transmissão de sentimentos. Com isto, surge também esclarecido o segundo objetivo “de que forma as Artes Visuais são trabalhadas no 1º CEB”. Apesar da relativa carga horária atribuída às Artes, mas considerando a

importância que os profissionais da educação lhe conferem, atendemos que estas competências em torno da mesma, partem sobretudo do modo como a colocam em prática, ou seja, das estratégias empregues para que a sua promoção seja viável. É aqui que surge a importância do papel do professor, este que deve promover múltiplas estratégias dentro ou fora da sala de aula, o que apenas foi constatado através da utilização de técnicas e recursos materiais diversificados e da observação, interpretação e apreciação de imagens, tendo ficado aquém das expectativas o dar a conhecer artistas e universos visuais distintos. Posto isto, atestou-se que os profissionais da educação no 1º CEB não cumprem na totalidade o currículo descrito para as Artes Visuais, o que não quer dizer que não se desenvolvam as competências, uma vez que dizem trabalhar este domínio de forma interdisciplinar.

Debruçando-nos sobre o terceiro objetivo, referente ao valor que é atribuído às Artes Visuais no currículo, foi possível comprovar através dos documentos normativos legais para o 1º CEB e da aplicação das entrevistas aos docentes que esta é, ainda, uma área pouco valorizada, uma vez que estes confessam haver pouco tempo disponível para a mesma, devido aos programas extensos, sendo que lhe devia ser conferida maior carga horária. Pode-se concluir, também, que esta desvalorização existente parte da acomodação dos professores. Contudo, percebeu-se que a idade é um mito no que toca a práticas inovadoras e à valorização e inclusão das Artes Visuais no processo de ensino-aprendizagem, pelo que se denotou que professores com mais anos de serviço detinham de mais motivação e sentiam-se mais capazes para abordar esta área, reconhecendo que para um melhor desempenho escolar, são necessárias, pontualmente, formações adicionais para que possam atualizar-se e dominar particularidades relacionadas com as Artes Visuais.

No que diz respeito ao quarto objetivo, relativamente à visão dos professores face à predisposição dos alunos para as Artes Visuais, estes garantem que os discentes são recetivos, colaboram e sentem-se muito motivados para a aprendizagem quando as Artes Visuais se fazem presentes. Julgamos que isto se deve ao facto de com a arte se sentirem ativos e envolvidos, como os próprios referem: são artistas, criativos e felizes, da qual gostam muito e se podem divertir com ela.

Gostaríamos, ainda, de realçar que, tendo em conta a constante evolução na área da Educação, os professores perspetivam melhorar o aproveitamento escolar ao nível das Artes Visuais com mudanças na reestruturação de alguns aspetos ligados ao currículo, como já foi referido anteriormente: o alargamento da carga horária, os programas menos extensos que permitam trabalhar todas as áreas de igual modo e, ainda, a inserção de professores especializados nas escolas como método de coadjuvação. Em concordância estão os alunos, mostrando as suas sugestões que devem ser ouvidas, pois são eles que vão beneficiar de uma educação com qualidade. A propósito, não podemos deixar de enfatizar que, mesmo não havendo alterações a este nível, o efetivo cumprimento da matriz curricular do 1º Ciclo do Ensino Básico, no que respeita ao tempo destinado às expressões, deve ser cumprido.

A culminar este relatório de investigação e tendo em consideração os vários pontos temáticos nele abordados, podemos comprovar o impacto que as Artes Visuais podem ter na aprendizagem dos alunos. Assim, salientamos a importância que a sua realização teve para nós, enquanto perspetiva futura. Além das Artes Visuais auxiliarem os professores nas suas práticas interdisciplinares, esta abordagem é motivadora e deve ser promovida, dadas as vantagens que dela advêm. Por isso, destacamos a urgente mudança das práticas educativas que nos remetem para um necessário investimento na educação a este nível, a qual olhamos, ainda, como desatualizada e focada no tradicionalismo, onde as Artes Visuais são vistas como uma área de menor valor. Por fim, procurou-se a mudança junto de professores de 1º CEB, mudança essa que não foi vista nas suas palavras acerca da prática pedagógica, mas que nos faz e fará mover daqui em diante. Esta inquietude foi fulcral na medida em que nos convidou a refletir sobre a realidade em que nos encontramos para se poder projetar aquela que ambicionamos construir, reivindicando a emergência de se começar a trilhar um caminho a partir das Artes Visuais como uma ferramenta lúdica, dinâmica e motivadora na prática educativa, garantindo melhores resultados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aires, L. (2015). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Araújo, A. & Araújo, J. (2018). A Educação Nova e o Novismo em Educação: O novo como ilusão necessária. *Revista Portuguesa de Educação*, 31(2), 23-36.
- Baptista, I. (2005). *Dar rosto ao futuro: A educação como compromisso ético*. Porto: Profedições.
- Barbosa, A. (org.). (2002). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bárrios, A. & Ribeiro, J. (coord.) (2002). *Globalização e Desenvolvimento Profissional do Professor*. Lisboa: CIED.
- Berrocal, M. (coord.); Aragón, J.; Caja, J.; Gaja, M.; (2005). *Menús de educación visual y plástica*. Barcelona: GRAÓ.
- Bettencourt, A. & Pinto, J. (2009). A acção da escola na promoção das aprendizagens de todos os alunos. Em: *Revista Noesis: Em busca do sucesso escolar*, 78: 26-31.
- Brown, S. A. (2006). *Uma revisão dos sentidos da expressão “ciência integrada e dos argumentos a seu favor”*. In Pombo, O, Guimarães, H. M. & Levy, T. (Orgs.), *Interdisciplinaridade: antologia* (pp. 109-152). Lisboa: Campo das Letras.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Caja, J., Berrocal, M. & Ramos, J. (2003). Un mundo lleno de imágenes. En Badia, M. et. al. *Figuras, Formas, Colores: propuestas para trabajar la Educación Plástica y Visual* (pp. 37-44). Barcelona: Editorial Graó.
- Cardoso, J. (2013). *O Professor do Futuro*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Cardoso, J. (2019). *Uma Nova Escola para Portugal*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Cohen, A. & Fradique, J. (2018). *Guia da Autonomia e Flexibilidade Curricular*. Lisboa: Raiz Editora.
- Condessa, I. (Org.) (2009). *(Re)Aprender a Brincar: Da Especificidade à Diversidade*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Coutinho, C.; Sousa, A.; Dias, A.; Bessa, F.; Ferreira, M. J. & Vieira, S. (2009). Investigação-ação: metodologia referencial nas práticas educativas. *Psicologia, Educação e Cultura*, 13(2), 445-479.
- Coutinho, C. (2011). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática*. Coimbra: Almedina.

- Day, C. (2004). *A Paixão pelo ensino*. Porto: Porto Editora.
- Denzin, N. & Lincoln, Y. (2006). *O planejamento da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Direção-Geral da Educação (2018). *Aprendizagens Essenciais: Educação Artística - Artes Visuais (1º CEB)*. Lisboa: Ministério da Educação
- Dourado, L. & Oliveira, J. (2009). A qualidade da educação: Perspectivas e desafios. *Cadernos CEDES*, 29(78), 201-215
- Eça, T. T. (2018). Do outro lado do espelho: na aula de artes visuais. *Revista Gearte*, 3 (5), 374 – 384.
- Fortin, M. F. (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência.
- Fourez, G. (2002). *Abordagens Didáticas da Interdisciplinaridade*. Lisboa: Instituto Piaget
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (2011). *Ação cultural para a liberdade e outros escritos (14ª ed.)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- García, C. (2017). *A Nova Educação*. Lisboa: Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.
- Gonçalves, D. (2007). Finalidades da educação para a cidadania. Em: *Cidadania(s): Discursos e Práticas / Atas do Congresso Internacional*. Porto, Universidade Fernando Pessoa, 265-271.
- Gonçalves, D. & Martins, F. (2018). Articulação de saberes: um estudo interdisciplinar em contexto de 1.º CEB. In III Encontro Internacional de Formação na Docência (INCTE): livro de atas, pp. 606-613. Bragança: Instituto Politécnico.
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo*. Cascais: Princípia.
- Gusdorf, G. (2006). *Conhecimento Interdisciplinar*. In Pombo, O, Guimarães, H. M. & Levy, T. (Orgs.), *Interdisciplinaridade: antologia* (pp. 37-58). Lisboa: Campo das Letras.
- Hernández, F. (2000). *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Jesus, A., Andrade, A., Ferreira, R. & Araújo, A. (2015) Desafios atuais da educação: Reflexões sobre a constante busca da (re)construção da práxis pedagógica no processo de inclusão social de nossos alunos. Em: XVI Semana da Educação - VI Simpósio de Pesquisa e Pós Graduação em Educação, 2015, 282-291.

- Latorre, A. (2004). *La Investigación-Acción - Conocer y Cambiar la Práctica Educativa*. Barcelona: Graó.
- Leite, C., Morais, M., Martins, F. & Miranda, L. (2018). Criatividade e representações do clima criativo em sala de aula: um estudo exploratório no 1º Ciclo do Ensino Básico. *Psicologia, Educação e Cultura*, 22(1), 140-154.
- Lima, V. & Ramos, M. (2017). Revista Lusófona de Educação. *Percepções de interdisciplinaridade de professores de Ciências e Matemática: Um Exercício de Análise Textual Discursiva*, 36, (163-177).
- Lopes, C. et al. (2003). Educação: novos desafios - Licenciatura em Educação de Infância. *Saber e Educar* (8), 49-53.
- Lopes, J. & Silva, H. (2010). *O Professor faz a diferença*. Lisboa: Lidel.
- Lowenfeld, V. (1977). *A criança e a sua arte*. São Paulo: Ed. Mestre Jou.
- Marchesi, A. & Gil, C. (2004). *Fracasso escolar: uma perspectiva multicultural*. Porto Alegre: Artmed.
- Marques, R. (2000). *Dicionário Breve de Pedagogia*. Lisboa: Copyright.
- Martins, G. et al. (2017). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral de Educação.
- Medeiros, E. (org.) (2016). *Formação pluridimensional de educadores e professores em dinâmicas de intervenção educacional*. Lisboa: Edições Piaget.
- Melo, A. et al. (Eds.) (2017). Livro de Atas do Congresso de Investigação em Educação Artística. Edição: IPV / ESE / CI&DETS.
- Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º ciclo. 4ª edição*. Lisboa: Departamento de Educação Básica.
- Ministério da Saúde (2015). *Programa Nacional de Saúde Escolar*. Lisboa: Direção-Geral da Saúde
- Neves, F. (2014). A arte em educação e um modelo pedagógico alternativo. In *Atas do VII Encontro do CIED – II Encontro Internacional Estética e Arte em Educação*. Escola Superior de Educação de Lisboa, 2015, CIED, Lisboa, 270-280.
- Oliveira, M. (2013). A Expressão Plástica em contexto contemporâneo. In *Atas do 25NONSTOP*, (pp. 17 – 21). Porto: APECV.
- Oliveira, M. (2015). A Arte Contemporânea para uma Pedagogia Crítica. Porto: Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual – APECV.
- Oliveira, M. (2016). A Arte Contemporânea na Formação Inicial de Professores. In *Artes Visuais na Educação*, (pp. 98 – 111). Porto: APECV.
- Oliveira, M. (2016). Revista de Educação Ciência e Tecnologia. *Arte e educação: um diálogo em tempo de mudança*, 5 (2).

- Oliveira, M. (2017). *A Educação Artística para o desenvolvimento da Cidadania. Atividades integradoras para o 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Viseu: Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual – APECV.
- Oliveira, M. (org.), (2017). A Expressão Plástica para a compreensão da cultura visual. *Saber & Educar*, 12, 61-78.
- Oliveira, M. (org.), (2018). A Educação Artística na Escola do século XXI. *Saber & Educar*, 24
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança*. Lisboa: McGraw-Hill
- Perela, D. (1991). Imagen artística contemporânea y Educación In Hernández, F.; Miñaro, A. & Viadel, P. (Coords.) *Qué es la Educación Artística?* (pp. 203-245). Barcelona: Ediciones Sendai.
- Pimenta, C. (2013). *Interdisciplinaridade nas Ciências Sociais*. V. N. Famalicão: Húmus
- Pombo, O., Guimarães, H. M. & Levy, T. (1994). *A Interdisciplinaridade: Reflexão e Experiência*. 2ª Edição. Lisboa: Texto
- Quivy, R. & Campenhout, L. V. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva
- Rego, A. (2018). Educação: Concepções e modalidades. *Scientia cum industria*, 6(1), 38-47
- Rego, G. (coord.) (2015). *Educação para a Arte – Encontros com a Cidade*. Porto: Orgal
- Rodrigues, M. (org.) (2015). *40 Anos de Políticas de Educação em Portugal (vol. 1) – A construção do sistema democrático de ensino*. Coimbra: Almedina
- Rodrigues, D. (2016). *A Infância da Arte / A Arte da Infância*. Viana do Castelo: Crédito Agrícola
- Rodrigues, M., Sebastião, J., Mata, J., Capucha, L., Araújo, L., Silva, M. & Lemos, V. (2014). *40 Anos de políticas de Educação em Portugal: conhecimento, atores e recursos (vol. II)*. Coimbra: Almedina
- Roegiers, X. & Ketele, J-M. (2004). *Uma pedagogia da integração: competências e aquisições no ensino*. Porto Alegre: Artmed
- Roldão, M. (2009). *Estratégias de ensino: o saber e o agir do professor*. V. N. Gaia: Fundação Manuel Leão
- Sá, K. & Pereira, T. (2015). Criação, Interdisciplinaridades e Investigação em Artes Visuais: relato de um processo pedagógico em contexto de Ensino Superior. Em: *Atas do VII Encontro do CIED – II Encontro Internacional Estética e Arte em Educação*. Escola Superior de Educação de Lisboa, 2015, CIED, Lisboa, 96-113.

- Santomé, J. T. (2011). *A Desmotivação dos Professores*. Odivelas: Edições Pedago, Lda.
- Santos, A. (1989). *Mediações Artístico-Pedagógicas*. Lisboa: Livros Horizontes, Lda.
- Santos, A. (2009). *Estudos de Psicopedagogia e Arte*. Lisboa: Livros Horizonte
- Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. Vol. 1. Lisboa: Horizontes Pedagógicos
- Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. Vol. 3. Lisboa: Horizontes Pedagógicos
- Sousa, A. B. (2009). *Investigação em educação* (2ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.
- Stern, A. (1974). *Uma Nova Compreensão da Arte Infantil*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tripp, D. (2005). Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, 31(3), 443-466.
- UNESCO (2006). *Roteiro para a Educação Artística: Desenvolver as Capacidades Criativas para o Século XXI*. Comissão Nacional da UNESCO.
- Vaideanu, G. (2006). *A interdisciplinaridade no ensino: esboço de síntese*. In Pombo, O., Guimarães, H. M. & Levy, T. (Orgs.), *Interdisciplinaridade: antologia* (pp. 161-175). Lisboa: Campo das Letras
- Viadel, R. (2003). *Didáctica de la Educación Artística*. Madrid: Pearson
- Yin, R. (2010). *Estudo de Caso: planejamento e métodos* (4ª ed.). Porto Alegre: Bookman.

Legislação

- Decreto-Lei n.º 49/2005, de 30 de agosto
- Decreto-Lei n.º 85/2009, de 27 de agosto
- Decreto-Lei n.º 86/1976, de 4 de outubro
- Decreto-Lei n.º 176/2014, de 12 de dezembro
- Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto

ANEXOS

Anexo 1 - Guião da Entrevista aos Docentes



ENTREVISTA

Identificação

1. Que idade tem? _____
2. Sexo: Feminino Masculino

Caraterização profissional

3. Qual o seu grau académico? _____
4. Há quantos anos exerce a sua atividade profissional? _____
5. Em que tipo de instituição está inserida?
Pública
Privada
IPSS

A Expressão Plástica no 1º CEB

6. Na sua opinião, o que pensa acerca da carga horária atribuída às Artes Visuais na matriz curricular do 1º CEB? Justifique a sua resposta.

7. Considera esta área importante? Porquê?

8. Em relação às outras áreas do saber, considera adequado o valor que lhe é dado?

9. Na sua prática docente cumpre com as metas estabelecidas para a disciplina?

10. De que modo coloca em prática?

11. Que estratégias utiliza para o ensino das Artes Visuais?

12. Considera-se professor/a nas Artes Visuais (capacidade e motivação)? Ou sente instabilidade face a este domínio, com necessidade de algum tipo de formação adicional?

13. Enquanto professor do 1º CEB, os alunos sentem-se motivados para as Artes Visuais? Qual a visão dos mesmos?

14. Que competências relevantes podem ser desenvolvidas com a inclusão desta disciplina e o que podem os alunos aprender com ela?

15. Utiliza a disciplina para abordar conteúdos de outras? Dê alguns exemplos.

16. Tendo em conta a constante evolução ao nível da Educação, o que é que, na sua perspetiva, pode ser alterado para melhorar o aproveitamento escolar a este nível?

Interdisciplinaridade

17. Que importância atribui à interdisciplinaridade? Porquê?

18. Adota uma prática interdisciplinar? Entre que disciplinas? E com que finalidade?

19. Quais as vantagens da sua utilização?

20. Considera a interdisciplinaridade uma motivação para a aprendizagem?

Agradeço desde já a sua disponibilidade para responder às questões solicitadas.
Atenciosamente.

Ana Miranda

Anexo 2 - Guião da Entrevista aos Discentes



Guião de Entrevista

Esta entrevista refere-se às Artes Visuais, inserida na disciplina de Educação Artística, que os alunos põem em prática através de variadas técnicas e materiais.

Identificação

1. Sexo: Feminino Masculino
2. Idade _____
3. Ano de escolaridade _____

As Artes Visuais

1. O teu professor já te levou a algum museu ou exposição de Arte?

2. O que é um museu?

3. O que viste lá? / O que pensas que existe?

4. Sabes porque se chamam obras de Arte? Quem faz as obras de Arte?

5. Tu és artista? Crias as tuas próprias peças?

6. Para ti, o que são as Artes Visuais?

7. Como é que podes fazer Arte?

8. És criativo? O que é ser criativo?

9. Na escola, realizas trabalhos artísticos? Gostavas que houvesse mais ou menos tempo dedicado a eles?

10. Atribui um valor de 0 a 10 para mostrares o quanto gostas de realizar este tipo de trabalhos.

11. As Artes Visuais são importantes? Porquê?

12. Indica a atividade/técnica que mais gostaste de fazer até hoje.

13. Que materiais conheces e/ou já utilizaste?

14. Conheces algum artista? Como se chama? E obras de arte? Como se chama?

15. Tens alguma sugestão para melhorar o ensino das Artes Visuais na tua escola?

Anexo 3 - Tabela com respostas às entrevistas aos Professores

Categories	Descriptors	Questions	Responses	
Identificação	Idade	Que idade tem?	E1 – “46” E2 – “46” E3 – “62” E4 – “54” E5 – “55” E6 – “45” E7 – “46” E8 – “43” E9 – “44” E10 – “53” E11 – “64”	E12 – “50” E13 – “41” E14 – “50” E15 – “47” E16 – “49” E17 – “39” E18 – “44” E19 – “51” E20 – “41” E21 – “42” E22 – “46”
	Sexo		E1 – “Feminino” E2 – “Feminino” E3 – “Masculino” E4 – “Feminino” E5 – “Feminino”	E12 – “Masculino” E13 – “Feminino” E14 – “Feminino” E15 – “Feminino” E16 – “Feminino”

			E6 – “Feminino” E7 – “Feminino” E8 – “Feminino” E9 – “Feminino” E10 – “Feminino” E11 – “Feminino”	E17 – “Feminino” E18 – “Feminino” E19 – “Feminino” E20 – “Feminino” E21 – “Feminino” E22 – “Feminino”
Caraterização Profissional	Grau académico / Habilitações literárias	Qual o seu grau académico?	E1 – “Licenciatura” E2 – “Licenciatura” E3 – “Licenciatura/Bacharelato” E4 – “Licenciatura” E5 – “Licenciatura” E6 – “Licenciatura” E7 – “Mestrado” E8 – “Licenciatura” E9 – “Licenciatura” E10 – “Licenciatura” E11 – “Bacharelato”	E12 – “Licenciatura” E13 – “Licenciatura” E14 – “Licenciatura” E15 – “Licenciatura” E16 – “Licenciatura” E17 – “Licenciatura” E18 – “Licenciatura” E19 – “Mestrado” E20 – “Licenciatura” E21 – “Licenciatura” E22 – “Licenciatura”
	Anos de serviço	Há quantos anos exerce a sua atividade profissional?	E1 – “23” E2 – “23” E3 – “35”	E12 – “25” E13 – “18” E14 – “23”

			E4 – “30” E5 – “31” E6 – “23” E7 – “22” E8 – “17” E9 – “18” E10 – “31” E11 – “41”	E15 – “24” E16 – “24” E17 – “17” E18 – “22” E19 – “30” E20 – “18” E21 – “19” E22 – “20”
	Tipo de instituição	Em que tipo de instituição está inserida?	E1 – “Pública” E2 – “Pública” E3 – “Pública” E4 – “Pública” E5 – “Pública” E6 – “Pública” E7 – “Pública” E8 – “Pública” E9 – “Pública” E10 – “Pública” E11 – “Pública”	E12 – “Privada” E13 – “Privada” E14 – “Privada” E15 – “Privada” E16 – “Privada” E17 – “Privada” E18 – “Privada” E19 – “Privada” E20 – “Privada” E21 – “Privada” E22 – “Privada”

<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">As Artes Visuais no 1º CEB</p>	<p>Importâncias das Artes Visuais e Currículo</p>	<p>Na sua opinião, o que pensa acerca da carga horária atribuída às Artes Visuais na matriz curricular do 1º CEB? Justifique a sua resposta.</p>	<p>E1 – “Podia ser um pouco mais, pois as Artes Visuais estão interligadas com as outras áreas e, com elas, pode-se abordar diferentes conteúdos.”</p> <p>E2 – “Uma vez que partilha com as expressões artísticas as 3 horas semanais penso que é francamente pouco para que se possa desenvolver um trabalho de continuidade.”</p> <p>E3 – “Eu acho que é adequada, mas deveria ser ministrada por um técnico em colaboração com o professor titular.”</p> <p>E4 – “Fundamental para a interdisciplinaridade com todas as restantes áreas.”</p> <p>E5 – “Considero adequada, tendo em conta que as expressões artísticas, no 1º Ciclo são trabalhadas transversalmente com as restantes disciplinas.”</p> <p>E6 – “Insuficiente, porque trata-se de uma disciplina importante, devendo ter mais tempo, principalmente nos primeiros anos.”</p> <p>E7 – “Parece-me adequada, pois além de dedicarmos essas 3 horas à mesma, essa área é inserida noutras disciplinas.”</p> <p>E8 – “A carga horária é bem aplicada, apenas o espaço poderia ser diferente para os alunos saírem do espaço-sala de aula.”</p>
---	---	--	--

			<p>E9 – “A carga horária ainda é muito diminuta, deveria ter mais horas.”</p> <p>E10 – “Considero o número de horas reduzido, apesar de ser transversal às várias disciplinas do currículo.”</p> <p>E11 – “Muito reduzida.”</p> <p>E12 – “Pouca, mas pode ser alargada combinando com as outras áreas.”</p> <p>E13 – “Tendo em conta a exigência das disciplinas de Matemática, Português e Estudo Meio, nem sempre há possibilidade de cumprir integralmente o Horário atribuído às artes visuais.”</p> <p>E14 – “Escassa, porque a pouca que é atribuída ainda é para a distribuir pela Expressão físico-motora, Expressão Dramática e Expressão Musical.”</p> <p>E15 – “Equilibrada.”</p> <p>E16 – “São poucas horas atribuídas.”</p> <p>E17 – “Insuficiente, no entanto no 1º ciclo a interdisciplinaridade leva a que as Artes Visuais sejam muitas vezes utilizadas noutros contextos.”</p> <p>E18 – “Suficiente.”</p>
--	--	--	--

			<p>E19 – “Insuficiente. É muito reduzida em relação às outras áreas, mas igualmente importante.”</p> <p>E20 – “Na minha opinião a carga horária atribuída não é a suficiente, contudo acho que os currículos são excessivos nas outras áreas e deixam pouco tempo para as artes.”</p> <p>E21 – “Na minha opinião a carga horária atribuída ao primeiro ciclo é correta na medida em que temos muitas áreas para trabalhar.”</p> <p>E22 – “É desadequada, porque é tão importante quanto as outras disciplinas.”</p>
		<p>Considera esta área importante? Porquê?</p>	<p>E1 – “Sem dúvida, dá-se aos alunos a oportunidade de serem mais criativos, mais autónomos e, sobretudo, ajuda-os a ultrapassarem inseguranças.”</p> <p>E2 – “Considero importante para o desenvolvimento global e integrado do aluno.”</p> <p>E3 – “Sim, porque ajuda a melhorar a motricidade fina e o sentido estético.”</p> <p>E4 – “Porque ajuda na coadjuvação das restantes áreas curriculares.”</p> <p>E5 – “Sim, dado que desenvolve nos alunos diversas competências.”</p>

			<p>E6 – “Sim. Desenvolve a imaginação e a criatividade dos alunos.”</p> <p>E7 – “Sim. Bastante, pois faz parte do desenvolvimento global do aluno conseguir comunicar/expressar através de outras vias.”</p> <p>E8 – “Sim. Porque permite a criatividade, desenvolve a imaginação e possibilita a experimentação de diferentes materiais e técnicas.”</p> <p>E9 – “Sim, porque desenvolve a criatividade, o sentido crítico, as aptidões técnicas e manuais dos alunos.”</p> <p>E10 – “Sim. É uma excelente área do conhecimento para trabalhar as emoções, que por sua vez servem de motivação para outras aprendizagens.”</p> <p>E11 – “Muito importante. Porque abrange várias áreas de saber e é caminho aberto para novas noções.”</p> <p>E12 – “Sim. É a possibilidade de expressar-se/comunicar.”</p> <p>E13 – “Sim, é uma área importante, pois ajuda a desenvolver as capacidades cognitivas a todos os níveis.”</p> <p>E14 – “Sim. Porque é importante desenvolver competências finas nas crianças, bem como a concentração, atenção, destreza,...”</p> <p>E15 – “Sim. É importante dar liberdade para imaginar, criar e trabalhar a motricidade.”</p> <p>E16 – “Sim, estimula a criatividade e requer concentração.”</p>
--	--	--	--

			<p>E17 – “Sim, no 1º Ciclo esta área é complemento de todas as outras.”</p> <p>E18 – “Sim, porque desenvolve várias vertentes.”</p> <p>E19 – “Sim, muito importante, porque desenvolve a motricidade, a criatividade e até a expressão emocional.”</p> <p>E20 – “Sim, acho que é fundamental porque desenvolve a individualidade dos alunos, a sua criatividade, sentido crítico e perceção do mundo.”</p> <p>E21 – “Sem dúvida. Esta área é um meio que proporciona aos alunos um contacto com experiências de aprendizagem, onde as aplicam, sistematizam e transformam em conhecimentos com significado.”</p> <p>E22 – “Sim, porque os alunos podem desenvolver competências que nas restantes disciplinas não desenvolvem.”</p>
		<p>Em relação às outras áreas do saber, considera adequado o valor que lhe é dado?</p>	<p>E1 – “Se houvesse uma maior articulação entre as outras áreas e coadjuvação, ser-lhe-ia dado o mesmo valor do que as outras.”</p> <p>E2 – “No 1º CEB o valor atribuído é, pela comparação com a carga horária, muito residual, o que considero negativo.”</p> <p>E3 – “Sim, não precisa de ser mais valorizada.”</p> <p>E4 – “Muito adequado, tal como as restantes áreas.”</p>

			<p>E5 – “Sim, ultimamente tem sido mais valorizada.”</p> <p>E6 – “Sim.”</p> <p>E7 – “Penso que sim. O mito de que as Artes Visuais são desvalorizadas penso que já desapareceu.”</p> <p>E8 – “Sim.”</p> <p>E9 – “Sim.”</p> <p>E10 – “Deveria existir maior equidade.”</p> <p>E11 – “Pouco valorizada.”</p> <p>E12 – “Não. Devia ser equiparada às outras áreas.”</p> <p>E13 – “Em relação às outras áreas do saber não lhe é dado o valor, devido à falta de tempo de consolidação das matérias das disciplinas acima referidas, nisso também não ajuda a quantidade de alunos por turma e as grandes problemáticas existentes nos nossos alunos na atualidade.”</p> <p>E14 – “Não.”</p> <p>E15 – “Sim.”</p> <p>E16 – “Sim.”</p> <p>E17 – “Sim, os professores do 1º ciclo dão-lhe muito valor, não como área individual mas como complemento imprescindível de todas as outras.”</p>
--	--	--	--

			<p>E18 – “Sim, pelo menos o que eu lhe dou.”</p> <p>E19 – “Não.”</p> <p>E20 – “Não, acho que é desvalorizada e pouco desenvolvida.”</p> <p>E21 – “Sim. Na minha opinião é uma área em que cada vez mais se eleva o seu valor.”</p> <p>E22 – “Não.”</p>
		<p>Na sua prática docente cumpre com as metas estabelecidas para a disciplina?</p>	<p>E1 – “Tento cumpri-las da melhor maneira.”</p> <p>E2 – “É difícil mediante a carga horária proposta.”</p> <p>E3 – “Nem sempre as cumpro todas.”</p> <p>E4 – “Cumpro a matriz curricular que é definida pela Direção da Escola.”</p> <p>E5 – “Tento fazê-lo, sempre que possível.”</p> <p>E6 – “Tento, embora nem sempre seja possível.”</p> <p>E7 – “Sim, mas por vezes são demasiado extensas e não temos materiais para atividades, o que não quer dizer que não se desenvolvem as competências.”</p> <p>E8 – “Sim.”</p> <p>E9 – “Sim.”</p> <p>E10 – “Sim, tenho que as conseguir cumprir, mas neste momento não estou a lecionar.”</p>

			<p>E11 – “Procuro sempre cumprir.”</p> <p>E12 – “Não. Nem sempre.”</p> <p>E13 – “Na minha prática docente tento sempre cumprir ao máximo com as metas estabelecidas.”</p> <p>E14 – “Tento.”</p> <p>E15 – “Tento.”</p> <p>E16 – “Nem sempre.”</p> <p>E17 – “Sim.”</p> <p>E18 – “Mais ou menos.”</p> <p>E19 – “Sim.”</p> <p>E20 – “Tento, penso que sim. Apesar das outras áreas terem maior prioridade.”</p> <p>E21 – “Sim.”</p> <p>E22 – “Sim.”</p>
	<p>Métodos e Estratégias de Ensino</p>	<p>De que modo coloca em prática?</p>	<p>E1 – “Na observação de algumas obras, no diálogo das características detetadas, na reprodução de trabalhos e no consenso dado em algumas propostas. Também, tenho o cuidado de a interligar com as outras áreas.”</p> <p>E2 – “Coloco-as em prática essencialmente em trabalhos de projeto, durante os momentos mais festivos.”</p>

			<p>E3 – “Em relação às diversas áreas e aos assuntos tratados.”</p> <p>E4 – “Recorte, colagem, montagem e construção de motivos alusivos às temáticas exploradas. Reciclagem de materiais como plástico, tecidos...”</p> <p>E5 – “Preferencialmente em transversalidade com as outras disciplinas, sobretudo nos primeiros anos de escolaridade.”</p> <p>E6 – “Com trabalhos manuais feitos pelos alunos.”</p> <p>E7 – “Ao longo do dia de trabalho: desenhos articulados com diferentes disciplinas; trabalhos específicos de desenho à vista, sobretudo em época quente, ao ar livre; desenho ao som da música; escultura; modelagem; análise de pintores e reprodução das suas obras.”</p> <p>E8 – “Fazendo cartazes coletivos, utilizando diferentes materiais na prática das atividades.”</p> <p>E9 – “São sempre trabalhadas na sala de aula.”</p> <p>E10 – “Como veículo para abordar outros saberes, quer no Português / Matemática / Estudo do Meio quer nas diferentes vertentes da Educação Artística.”</p> <p>E11 – “Utilizando os mais variados materiais, assim como procurando chegar ao tema da forma mais cativante (uma história,</p>
--	--	--	--

			<p>uma música, um filme, uma dramatização...).”</p> <p>E12 – “Trabalhando-a transversalmente. Solicitando temas livres. Intencionalizando algumas práticas.”</p> <p>E13 – “Estas são postas em prática através da interdisciplinaridade sempre que seja possível e também com a ajuda dos colegas das Atividades de Enriquecimento Curricular.”</p> <p>E14 – “Sempre que me é possível e com tarefas bastante diversificadas.”</p> <p>E15 – “Diariamente sempre em articulação com as restantes disciplinas.”</p> <p>E16 – “Atividades diversificadas, com recursos variados.”</p> <p>E17 – “Em todos os contextos e áreas, não trabalho as artes visuais como uma área isolada.”</p> <p>E18 – “Apresentando diversos conteúdos.”</p> <p>E19 – “Promovendo atividades nesta área com bastante frequência.”</p> <p>E20 – “Principalmente nas épocas festivas ou para ilustrar algum trabalho de Português(história / texto) ou Estudo do meio. A arte também é uma boa forma de perceber a sensibilidade dos alunos em alguns temas de cidadania.”</p>
--	--	--	--

			<p>E21 – “Tento sempre cumprir o estipulado para cada ano de escolaridade e obter uma orgânica de interdisciplinaridade com as várias áreas a trabalhar. Com algum cuidado conjugo a experiência pessoal do aluno, os conhecimentos transmitidos, as suas reflexões críticas sobre os vários assuntos, procurando sempre um desenvolvimento na sua expressividade.”</p> <p>E22 – “Explorando técnicas e diversificando as tarefas, cumprindo as metas.”</p>
		<p>Que estratégias utiliza para o ensino das Artes Visuais?</p>	<p>E1 – “Vídeos, jogos, observação, desenho, coloração, colagem de elementos, realização de trabalhos manuais.”</p> <p>E2 – “A interdisciplinaridade com as outras disciplinas.”</p> <p>E3 – “Utilizo os saberes e experiências das disciplinas correntes.”</p> <p>E4 – “Desenho livre; observação da natureza que envolve a escola; recorte e colagem de imagens, em papel, tecido, cartão, cartolina...”</p> <p>E5 – “Observação de imagens reais. Trabalho individual. Trabalho em pequeno grupo.”</p> <p>E6 – “Desenho, recorte, colagens, dobragens.”</p> <p>E7 – “Desenho através de modelos e/ou pintores.”</p> <p>E8 – “Transdisciplinaridade entre áreas do saber.”</p> <p>E9 – “Utilizo o desenho, o recorte, o corte e a pintura.”</p>

			<p>E10 – “As técnicas praticadas nas Artes Visuais podem ser utilizadas para a realização de trabalhos festivos ao longo do ano: a pintura; o recorte; a dobragem; o desenho, etc.”</p> <p>E11 – “Através da cor, do som, da imagem...”</p> <p>E12 – Não respondeu.</p> <p>E13 – “Utilizo o visionamento de vídeos, imagens, atividades práticas, tudo dependendo da matéria a lecionar nos diferentes momentos do ano letivo, entre outras estratégias, adequadas sempre à altura do ano, temas e alunos.”</p> <p>E14 – Não respondeu</p> <p>E15 – “Vídeos, apresentações, experimentação ...”</p> <p>E16 – “Recorro à pintura, recorte, desenho, entre outras.”</p> <p>E17 – “Interdisciplinaridade na monodocência do 1º Ciclo.”</p> <p>E18 – “Observação; desenho, pintura; escultura;...”</p> <p>E19 – “Motivação através do diálogo, observação e experimentação.”</p> <p>E20 – “Não tenho nenhuma estratégia concreta, mas utilizo muitas vezes a arte como reflexão de algum tema abordado.”</p> <p>E21 – “Tento motivar os alunos promovendo dinâmicas entre o que ele aprende e o que ele pensa. Incentivo a práticas de estímulo de</p>
--	--	--	--

			<p>hábitos de apreciação de diferentes contextos culturais. Tento selecionar elementos da natureza com a finalidade de organizar as mesmas em exposições, debates, atividades ao ar livre...”</p> <p>E22 – “Procuro diversificar as tarefas e técnicas a aprender, de modo a manter o interesse dos alunos.”</p>
	<p>Visão do professor face à disciplina</p>	<p>Considera-se professor/a nas Artes Visuais (capacidade e motivação)? Ou sente instabilidade face a este domínio, com necessidade de algum tipo de formação adicional?</p>	<p>E1 – “Sinto que tenho capacidade e motivação, mas também sei que ganharia mais com formação, pois estaria mais atualizada com novas práticas.”</p> <p>E2 – “Sinto bastante dificuldade em articular com as restantes áreas e com necessidade de formação ou apoio.”</p> <p>E3 – “Não me sinto capaz nem motivado para, porque me faltam conhecimentos mais profundos.”</p> <p>E4 – “Sinto-me motivada e com capacidade para o domínio da área, graças à formação inicial, à formação adquirida na licenciatura e em ações de formação ao longo da carreira.”</p> <p>E5 – “Sim.”</p> <p>E6 – “Por vezes recorro a outros meios para conhecer novas técnicas. Nunca sabemos tudo.”</p>

			<p>E7 – “Sim, considero-me professor motivado, mais do que capacitado, para as Artes Visuais e menos para a Música, por exemplo.”</p> <p>E8 – “Sinto alguma instabilidade e com necessidade de formação, embora goste de fazer, mas não domine.”</p> <p>E9 – “Penso que a falta de formação em Artes Visuais condiciona o trabalho dos professores do 1º Ciclo.”</p> <p>E10 – “Penso que para todas as áreas/ disciplinas, pontualmente é necessária formação, ou seja, atualização de conhecimentos.”</p> <p>E11 – “Considero-me uma pessoa com grande tendência para Artes Visuais, com capacidade para motivar e fazer gostar.”</p> <p>E12 – “Sinto dificuldade em dominar temas e técnicas.”</p> <p>E13 – “Em certos domínios necessitaria mais de alguma formação em relação à questão referida, pois vai havendo sempre novas formas de abordagem / evolução dos meios a utilizar.”</p> <p>E14 – “Considero-me professor nas Artes Visuais porque é uma área que gosto muito, No entanto gostaria de ter mais formação dentro da área.”</p> <p>E15 – “Com necessidade de formação adicional.”</p> <p>E16 – “Sinto que preciso de formação adicional.”</p>
--	--	--	---

			<p>E17 – “Não considero necessitar de formação adicional.”</p> <p>E18 – “Instabilidade.”</p> <p>E19 – “Considero que tenho capacidades, mas procuro inovar.”</p> <p>E20 – “Considero que estamos sempre a aprender e necessitamos sempre de formação para renovar o nosso conhecimento e aprender instrumentos novos que nos tornam melhores profissionais.”</p> <p>E21 – “Considero-me um docente que tenta ao máximo rentabilizar os seus conhecimentos nesta área e se porventura sentir alguma lacuna na mesma tento encontrar soluções para suprimir as mesmas.”</p> <p>E22 – “Necessito de formação ocasional.”</p>
	<p>Visão do aluno face à disciplina (motivação)</p>	<p>Enquanto professor do 1º CEB, os alunos sentem-se motivados para as Artes Visuais? Qual a visão dos mesmos?</p>	<p>E1 – “Sentem-se motivados, mas por vezes, acham que é uma aula para passar tempo. Outros como não é do seu interesse, fazem o mínimo.”</p> <p>E2 – “Sim, considero que estão motivados.”</p> <p>E3 – “Os alunos sentem-se motivados e colaboram.”</p> <p>E4 – “Sim. É com motivação que os alunos exploram materiais e elaboram motivos, ou criando composições.”</p>

			<p>E5 – “Sim, muito motivados. Os alunos encontram nas artes visuais a melhor forma de transmitirem os seus sentimentos.”</p> <p>E6 – “Sim. Eles gostam, participam com bastante interesse. Aderem muito bem.”</p> <p>E7 – “Sim. Os alunos gostam, principalmente quando se trata de um trabalho mais liberal, ao invés de quando têm um tempo definido e mais orientado. Cansam-se de trabalhos repetitivos (ilustração).”</p> <p>E8 – “Sim. Eles gostam imenso de pôr em prática atividades de Artes Visuais porque, por si só, já é diferente do que utilizar um lápis ou caneta.”</p> <p>E9 – “Sim. Os alunos gostam destas atividades.”</p> <p>E10 – “Considero que é uma área de muito agrado dos alunos.”</p> <p>E11 – “Muito motivados e com vontade de explorar novas técnicas.”</p> <p>E12 – “Sim. De modo geral é uma área apreciada. É um momento lúdico, de prazer.”</p> <p>E13 – “Nem todos os alunos têm motivação para as artes visuais, pois depende também do estímulo trazido de casa.”</p> <p>E14 – “Eles sentem-se motivados porque o meu entusiasmo contagia-os.”</p>
--	--	--	---

			<p>E15 – “Muito! Eles adoram.”</p> <p>E16 – “Sim, mostram gosto e motivação.”</p> <p>E17 – “Sim, são muito recetivos e motivados.”</p> <p>E18 – “Não, nem todos.”</p> <p>E19 – “Sim, eles gostam desta área.”</p> <p>E20 – “Sim, os alunos estão muito motivados e são surpreendentes muitas vezes. Demonstram muita criatividade e visão própria.”</p> <p>E21 – “Sim. Os alunos demonstram muita motivação e empenho no que se refere a esta área.”</p> <p>E22 – “Sim, muito motivados. São as aulas em que podem estar mais descontraídos, a atenção não tem de ser permanente.”</p>
	Competências	Que competências relevantes podem ser desenvolvidas com a inclusão desta disciplina e o que podem os alunos aprender com ela?	<p>E1 – “Serem criativos, mais autónomos, mais concentrados, mais calmos, mais assertivos em algumas decisões, livres de escolher.”</p> <p>E2 – “Competências relacionadas com a motricidade e imaginação.”</p> <p>E3 – “Trabalho colaborativo, sentido estético e gosto pelas tarefas acompanhado pela melhoria da motricidade fina.”</p> <p>E4 – “A exploração de materiais e o manuseamento dos mesmos desenvolve a motricidade fina e leva os alunos a criar e a imaginar.”</p>

			<p>E5 – “Desenvolvimento da motricidade fina. Promove o espírito crítico. Promove a entreatuda entre os alunos. Desenvolve a capacidade de observação, criativa e sensibilidade.”</p> <p>E6 – “A criatividade, a imaginação, o desenvolvimento da motricidade, etc.”</p> <p>E7 – “Que existem diferentes perspetivas; a aceitação a nível emocional do que conseguem expressar (noção das próprias capacidades); a não desistir, por pouco que saibam fazer.”</p> <p>E8 – “Espírito de equipa, partilha de materiais e ideias.”</p> <p>E9 – “A sensibilidade estética. A perceção; o sentido social. A criatividade. O sentido crítico. A capacidade de comunicação.”</p> <p>E10 – “Competências emocionais. Aprender a gerir as emoções e a transmitir sentimentos.”</p> <p>E11 – “Concentração, prazer pelo Belo, noção estética.”</p> <p>E12 – “Desenvolvem a comunicação, a expressão, o gosto, a estética...”</p> <p>E13 – “Informação e comunicação, raciocínio e resolução de problemas, relacionamento interpessoal, pensamento crítico e criativo, desenvolvimento pessoal, autonomia, sensibilidade</p>
--	--	--	--

			<p>artística, estética, vários saberes como o científico, técnico..., consciência e domínio do corpo, entre outras competências.”</p> <p>E14 – “Sentido estético (que depois se aplica no dia a dia, na apresentação dos trabalhos e dos seus cadernos), concentração, atenção, entre outros...”</p> <p>E15 – “Competências artísticas.”</p> <p>E16 – “Criatividade, sentido estético, poder de observação, entre outros.”</p> <p>E17 – “O trabalho da motricidade fina, necessária para o português, a orientação espacial para a matemática...”</p> <p>E18 – “Aprendem a apreciar, adotam um sentido crítico sobre as obras, trabalham a criatividade, a expressividade.”</p> <p>E19 – “Motricidade, criatividade e até expressão emocional.”</p> <p>E20 – “Desenvolvem uma visão do mundo própria, sentido crítico, sentido estético, criatividade...”</p> <p>E21 – “Com a inclusão desta disciplina, as competências podem passar por apreciar diferentes visualizações artísticas e realidades visuais, perceber as razões e os processos para o desenvolvimento do escolher: argumentar, tomar decisões, fazer juízos críticos e alargar a sua expressividade e criação: desenho, pintura, fotografia,</p>
--	--	--	--

			<p>maqueta... Assim, desenvolve-se também o saber estético e artístico do aluno.”</p> <p>E22 – “Aprendem a trabalhar em grupo: trabalho colaborativo e cooperativo.”</p>
		<p>Utiliza a disciplina para abordar conteúdos de outras? Dê alguns exemplos.</p>	<p>E1 – “Sem dúvida, linhas poligonais, linhas não poligonais, características do cartaz/publicidade, refletir sobre valores nas expressões faciais...”</p> <p>E2 – “Sim, a realização de trabalhos de descrição e depois a realização de tarefa plástica.”</p> <p>E3 – “Utilizo para o estudo do meio ou em Português com canções ou desenhos.”</p> <p>E4 – “Sim. Fantoques para exploração de histórias e escrita de textos. Representação de mensagens através da ilustração.”</p> <p>E5 – “Sim. Abordagem de textos, a partir de observação e interpretação de imagens. Desenho e análise de figuras e sólidos geométricos, etc.”</p> <p>E6 – “Sim. O desenho ou fotografia para a descrição de imagens para português. A elaboração do cartaz para estudo do meio.”</p> <p>E7 – “Sim. Usam o desenho no apoio ao estudo, em esquemas, na matemática (formas e figuras geométricas na geometria); na</p>

			<p>demonstração da compreensão textual. É mais fácil em estudo do meio.”</p> <p>E8 – “Sim. Por exemplo, os animais, as profissões, as estações do ano.”</p> <p>E9 – “Sim. Em Estudo do meio os alunos têm de realizar várias atividades em que as Artes Visuais estão patentes assim como em Matemática e Português (pintura de trabalhos).”</p> <p>E10 – “Às vezes, pois nem sempre se consegue.”</p> <p>E11 – “Sim. Uma imagem (paisagem) para introduzir a noção de planície, vale, montanha.”</p> <p>E12 – “Sim. Ilustrar textos, criar cartazes temáticos, desdobráveis...”</p> <p>E13 – “Sempre que é possível utilizo. Por exemplo: quando se aborda a temática dos volumes e áreas na Matemática, em Estudo do Meio, mais especificamente na História de Portugal para mostrar as diferenças arquitetónicas de cada momento histórico/ reinado, entre outros.”</p> <p>E14 – “Sim. Por exemplo quando introduzo uma letra no 1.º ano de escolaridade, geralmente primeiro deixo-os explorar a letra e partindo da mesma fazem um desenho.”</p>
--	--	--	--

			<p>E15 – “Sim, observação, interpretação e realização de ilustrações em Português, por exemplo.”</p> <p>E16 – “Sim, fazendo interdisciplinaridade, por exemplo, com matemática utilizo Picasso e exploro figuras geométricas, etc..”</p> <p>E17 – “Ilustrações de palavras, criação artísticas através de textos, orientação espacial e geometria na matemática...”</p> <p>E18 – “Por vezes.”</p> <p>E19 – “Sim, muitas vezes aproveito para explorar: noções matemáticas, linguagem, conhecimento do mundo e sentido estético.”</p> <p>E20 – “Sim, como já referi anteriormente, no português para ilustrar um texto, no estudo da cidadania como reflexão para descrever algo correto ou incorreto, mesmo na matemática para explicar um raciocínio. Em todas as disciplinas pode ter um papel importante.”</p> <p>E21 – “Utilizo esta disciplina para abordar conteúdos de várias outras. Por exemplo, esta é muito importante no português, na introdução das letras e mesmo em conteúdos gramaticais. Também, utilizo as artes visuais enquanto ouvem música e na construção de cenários em teatros, como na recriação da história de Portugal, até mesmo o</p>
--	--	--	---

			<p>desenho e a pintura, na matemática, com a construção de gráficos, a noção de volume...”</p> <p>E22 – “Sim. A partir de um desenho peço para me fazerem uma descrição ou inventarem uma história. Uma canção pode ser o ponto de partida para se expressarem manualmente e um conteúdo de matemática ou de estudo do meio pode ser motivado ou consolidado pelas Artes Visuais.”</p>
	Melhorias	<p>Tendo em conta a constante evolução ao nível da Educação, o que é que, na sua perspetiva, pode ser alterado para melhorar o aproveitamento escolar a este nível?</p>	<p>E1 – “Sem dúvida que a coadjuvação nesta área seria benéfica, pois, sentir o apoio de alguém da disciplina poderá levar a outros resultados e lembrar-nos que nem tudo é Português, Matemática ou Estudo do Meio.</p> <p>E2 – “Sim, penso que há muito a melhor e alterações que devem ser feitas, por exemplo, ao nível da carga horária em detrimento das outras disciplinas e, em relação ao aproveitamento escolar, a inserção de mais materiais e técnicas diversificadas para os alunos não “caírem” na monotonia e se sentirem, assim, ativos e motivados.”</p> <p>E3 – “Mais coadjuvação. Presença de professores especializados.”</p>

			<p>E4 – “O importante será a didática desta área na formação inicial dos professores. Sem esta formação inicial penso difícil, os professores sentirem motivação para aplicar na sua prática.”</p> <p>E5 – “A disciplina ser lecionada num modelo de coadjuvação com professores especializados na área.”</p> <p>E6 – “Termos mais tempo e mais recursos materiais disponíveis.”</p> <p>E7 – “O desenho é um dom, mas com mais formação ao nível da área e formação externa à escola de como lecionar e, também, formação para alunos.”</p> <p>E8 – “Haver uma maior diversidade de materiais disponíveis na escola.”</p> <p>E9 – “Penso que deveria ser dada mais carga horária às artes visuais.”</p> <p>E10 – “Atribuir uma carga horária às Artes Visuais.”</p> <p>E11 – “Professores melhor preparados e motivados. No decorrer dos meus anos de trabalho, muitas vezes “tomei conta” de outras turmas para ajudar os colegas.”</p> <p>E12 – “Conceder maior carga horária e sensibilizar para a sua importância.”</p>
--	--	--	--

			<p>E13 – “Para além de haver uma redução em relação ao número de discentes por turma, deveria haver mais material didático nas escolas e mais formações a nível de agrupamentos de Escolas, Escolas privadas e mesmo nas IPSS.”</p> <p>E14 – “Não sei.”</p> <p>E15 – “Formação, professores com outra visão perante as Artes Visuais e carga horária equiparada às outras disciplinas.”</p> <p>E16 – “Alargar/Alterar a carga horária para mais horas.”</p> <p>E17 – “Tem muito bom aproveitamento, no geral.”</p> <p>E18 – “Mais material e condições na escola.”</p> <p>E19 – “As aulas devem ser muito mais do que transmissão de conhecimentos. Os alunos devem aprender de uma forma lúdica e experimental.”</p> <p>E20 – “Acho que deveria existir uma reflexão profunda dos currículos e alterações fundamentais para valorizar o desenvolvimento individual e não só as áreas académicas.”</p> <p>E21 – “Na minha perspetiva, a nível de Educação, tudo pode ser melhorado com constantes formações nas áreas a trabalhar, inclusive com esta.”</p> <p>E22 – “A disciplina ser lecionada por um professor da área.”</p>
--	--	--	---

<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Interdisciplinaridade</p>	<p>Importância de uma prática interdisciplinar</p>	<p>Que importância atribui à interdisciplinaridade? Porquê?</p>	<p>E1 – “Muita importância visto que os alunos ficam a perceber que todas elas são importantes.”</p> <p>E2 – “Total, a relação dos conteúdos e dos temas permite a focagem dos alunos.”</p> <p>E3 – “A interdisciplinaridade é necessária para que os alunos relacionem os conhecimentos.”</p> <p>E4 – “Muito importante. As disciplinas não podem separar o conhecimento. Elas têm que agregar as aprendizagens para que o conhecimento seja único. As disciplinas não são estanques.”</p> <p>E5 – “A interdisciplinaridade é essencial, pois permite uma aprendizagem facilitadora para os alunos, e mais motivadora.”</p> <p>E6 – “É importante porque trata-se de um ensino mais integrado e acaba por cativar mais os alunos, estando estes mais atentos.”</p> <p>E7 – “Não existe Educação sem interdisciplinaridade. Não existe aprendizagens se tudo não estiver interligado e os conteúdos suportados uns nos outros.”</p> <p>E8 – “É importante pelo facto de haver ligação entre as áreas, onde os conteúdos são abordados em continuidade.”</p> <p>E9 – “As Artes Visuais promovem a interdisciplinaridade, a integração da sensibilidade, do pensamento e da autonomia de</p>
--	--	---	---

			<p>cada aluno, e estrutura os valores, os interesses e os comportamentos individuais do espírito crítico.”</p> <p>E10 – “O conhecimento, na minha opinião, não deve ser compartimentado. O objetivo é que o aluno sinta as aprendizagens como um todo, para a sua formação integral.”</p> <p>E11 – “Permite, de uma maneira suave e agradável, fazer a passagem a outros temas, por vezes pouco motivadores.”</p> <p>E12 – “Toda. O conhecimento é uno. Por vezes à que compartimentar para ser mais claro. Mas é sempre um todo.”</p> <p>E13 – “A interdisciplinaridade é bastante importante no dia a dia do trabalho de um professor para com os seus alunos, pois ajuda a alargar a visão/ autonomia dos alunos , a motivação dos mesmos para com as restantes disciplinas. Dado que no dia a dia destes futuros adultos, esta prática ser-lhe-á bastante útil, pois como sabemos nas nossas vidas nada é estanque, mas sim tudo interligado.”</p> <p>E14 – “A interdisciplinaridade é importante porque se introduzem novos conteúdos de forma mais lúdica e sem pressão.”</p>
--	--	--	--

			<p>E15 – “Imensa, uma vez que as disciplinas não são estanques. A interdisciplinaridade contribui para tornar o ensino mais abrangente.”</p> <p>E16 – “Dou muita, pois facilita as aprendizagens.”</p> <p>E17 – “Importância máxima, principalmente na monodocência, onde é quase impensável colocar em prateleiras as disciplinas pois estão intimamente ligadas e com umas consegue-me trabalhar muitas outras.”</p> <p>E18 – “Muita, pois é uma mais valia para o desenvolvimento pessoal e social da criança/aluno.”</p> <p>E19 – “Muito importante, uma área pode abordar todas as outras e os alunos aprendem de forma mais lúdica, consolidando muito melhor os conhecimentos.”</p> <p>E20 – “Acho fundamental para ampliar a visão dos alunos e relacioná-los com a realidade. As áreas do saber são complementares e interligadas no dia a dia.”</p> <p>E21 – “Dou uma enaltecida importância à interdisciplinaridade pois esta proporciona a oportunidade de desenvolver capacidades artísticas e estéticas relacionadas com outras áreas do conhecimento.”</p>
--	--	--	--

			<p>E22 – “Bastante, porque serve para motivar e manter o interesse dos alunos.”</p>
		<p>Adota uma prática interdisciplinar? Entre que disciplinas? E com que finalidade?</p>	<p>E1 – “Adoto, tento fazê-lo com todas para que haja um fio condutor na aula e para que os conteúdos não sejam sem qualquer nexos.”</p> <p>E2 – “Na abordagem dos temas e como forma de tornar o raciocínio mais plástico.”</p> <p>E3 – “Desde Estudo do Meio à Matemática e Português, com a finalidade de estas não aparecerem e serem abordadas sozinhas.”</p> <p>E4 – “Para que o conhecimento seja único.”</p> <p>E5 – “Sim. Dependendo dos conteúdos a abordar, mas sempre que possível, entre todas. Com a finalidade de melhor consolidação de conhecimentos.”</p> <p>E6 – “Sim. Quase sempre. Entre português, estudo do meio e as expressões. A fim de que os alunos se sintam cada vez mais motivados e, assim, aprendam com maior sucesso.”</p> <p>E7 – “Sim. Em todas. A fim de dar sentido às aprendizagens.”</p> <p>E8 – “Sim. Todas. Continuidade de conteúdos.”</p> <p>E9 – “Sim. Como reforço da matéria dada em todas as disciplinas.”</p> <p>E10 – “Sim, entre todas as disciplinas, também para que desperte nos alunos o gosto por conteúdos que eles menos gostam.”</p>

			<p>E11 – “Sim. Língua Portuguesa / Estudo do Meio; Língua Portuguesa / Matemática. Tornar mais aliciante um tema pouco motivador.”</p> <p>E12 – “Sim. Tudo está relacionado com tudo. A prática de projeto evidencia a necessidade de convocar todas as disciplinas, todos os saberes.”</p> <p>E13 – “Adoto sempre que possível a interdisciplinaridade, quando possível com todas as disciplinas.”</p> <p>E14 – “Sim. Estudo do Meio/Expressões e Português/Expressões.”</p> <p>E15 – “Sempre. Com a finalidade de tornar o ensino abrangente.”</p> <p>E16 – “Sim, entre as expressões e as nucleares (português, matemática e estudo do meio).”</p> <p>E17 – “Sim, todas e sempre que possível dando a perspectiva da utilidades de todas as disciplinas.”</p> <p>E18 – “Português e Expressões, Matemática e Expressões, Estudo do Meio e Expressões.”</p> <p>E19 – “Sim, entre todas, com a finalidade de os saberes aparecerem interligados e, uma área menos apreciada, ser trabalhada através de outra, com maior facilidade.”</p> <p>E20 – “Sempre que possível, no estudo do meio com várias áreas,</p>
--	--	--	--

			<p>mesmo português ou matemática.”</p> <p>E21 – “Sim adoto. Esta prática é importante pois exala a expressão e o modo de ver do Mundo. Insere também saberes culturais proporcionando ao aluno um maior conhecimento da realidade que o envolve. É um meio em que desenvolvo trabalhos entre as expressões e o ensino da matemática, estudo do meio e português.”</p> <p>E22 – “Sim, em todas as disciplinas. Para motivar os alunos.”</p>
		<p>Quais as vantagens da sua utilização?</p>	<p>E1 – “Muitas, não há “cortes” nas disciplinas, passa-se de umas para as outras sem criar aquele mecanismo de que chegou a hora de Português/Matemática... Há continuidade na aula.”</p> <p>E2 – “Permite aos alunos aplicar as suas aprendizagens em qualquer área, percebendo que todas estão interligadas.”</p> <p>E3 – “Maior qualidade nas aprendizagens”.</p> <p>E4 – “Agregar o conhecimento num todo e haja um fio condutor entre os diferentes saberes.”</p> <p>E5 – “Torna o ensino mais motivador, permite ao aluno um maior relacionamento entre os conteúdos, e conseqüentemente, uma melhor consolidação dos conteúdos. O aluno participa mais ativamente no processo de aprendizagem.”</p>

			<p>E6 – “Haver, no fundo, um fio condutor entre as várias disciplinas e conseguir ter mais rendimento entre as aprendizagens.”</p> <p>E7 – “A interdisciplinaridade fundamenta as atividades que vão sendo realizadas.”</p> <p>E8 – “Permite uma diversidade de conhecimento das diferentes áreas.”</p> <p>E9 – “Consolidação dos conhecimentos / matéria estudada.”</p> <p>E10 – “Pode levar os alunos a interessarem-se mais por determinadas áreas do saber.”</p> <p>E11 – “Tornar mais aliciante um tema pouco motivador.”</p> <p>E12 – “O aluno compreender as relações entre os vários saberes.”</p> <p>E13 – “As vantagens da interdisciplinaridade são o alargar a visão / autonomia dos alunos e ser-lhes-á útil num futuro próximo quando adultos.”</p> <p>E14 – “Motivação, atenção, concentração.”</p> <p>E15 – “Existem inúmeras vantagens, mas a principal: aumentar o conhecimento do mundo.”</p> <p>E16 – “Cria mais motivação e ajuda na assimilação dos conhecimentos.”</p> <p>E17 – “Sem quebras na aprendizagem e com coerência.”</p>
--	--	--	---

			<p>E18 – “Desenvolvimento em todas as vertentes.”</p> <p>E19 – “Aprender, estando motivados.”</p> <p>E20 – “Ajuda a ampliar conhecimentos e a desenvolver o raciocínio. As diferentes áreas se completam e entreeajudam. O conhecimento não é estanque, deve estar inserido num contexto diversificado.”</p> <p>E21 – “A sua utilização é vantajosa na medida em que provoca maior motivação na aprendizagem dos alunos.”</p> <p>E22 – “Serve para apresentar aos alunos diversas possibilidades para encarar um facto.”</p>
		<p>Considera a interdisciplinaridade uma motivação para a aprendizagem?</p>	<p>E1 – “Sim porque as “coisas” são pensadas para que tenham um sentido.”</p> <p>E2 – “Sim.”</p> <p>E3 – “Se for convenientemente aplicada é muito motivadora.”</p> <p>E4 – “Só assim haverá aprendizagem de forma ascendente.”</p> <p>E5 – “Sim.”</p> <p>E6 – “Sim.”</p> <p>E7 – “Sim.”</p> <p>E8 – “Sim.”</p> <p>E9 – “Sim.”</p>

			<p>E10 – “Sim. A interdisciplinaridade, serve na minha opinião, como motivação essencialmente intrínseca.”</p> <p>E11 – “Sem dúvida alguma.”</p> <p>E12 – “Sim.”</p> <p>E13 – “Sim, claro que é. Pois como é do senso comum, sempre houve uma parte mais obscura para os nossos alunos em determinadas disciplinas, mais propriamente na área dos números, e havendo essa interdisciplinaridade muitas vezes nem se apercebem que as estão a trabalhar.”</p> <p>E14 – “Sim.”</p> <p>E15 – “Sim.”</p> <p>E16 – “Sem dúvida, sim.”</p> <p>E17 – “Sem dúvida.”</p> <p>E18 – “Totalmente.”</p> <p>E19 – “Sim, muito importante como motivação para a aprendizagem.”</p> <p>E20 – “Sim, cria novos desafios e contextos de aprendizagem mais complexos.”</p> <p>E21 – “Sem dúvida.”</p> <p>E22 – “Sem dúvida.”</p>
--	--	--	--

Anexo 4 - Tabela com respostas às entrevistas às crianças

Questões	Respostas	
Sexo	A1 – Feminino A2 – Feminino A3 – Feminino A4 – Feminino A5 – Feminino A6 – Feminino A7 – Feminino A8 – Feminino A9 – Feminino A10 – Feminino	A11 – Feminino A12 – Masculino A13 – Masculino A14 – Masculino A15 – Masculino A16 – Masculino A17 – Feminino A18 – Masculino A19 – Masculino A20 – Masculino
Idade	A1 – 7 anos A2 – 7 anos A3 – 7 anos A4 – 7 anos A5 – 7 anos A6 – 7 anos A7 – 7 anos	A11 – 7 anos A12 – 6 anos A13 – 7 anos A14 – 7 anos A15 – 7 anos A16 – 8 anos A17 – 7 anos

	<p>A8 – 6 anos</p> <p>A9 – 7 anos</p> <p>A10 – 6 anos</p>	<p>A18 – 7 anos</p> <p>A19 – 7 anos</p> <p>A20 – 8 anos</p>
Ano de escolaridade	<p>A1 – 1º ano</p> <p>A2 – 1º ano</p> <p>A3 – 1º ano</p> <p>A4 – 1º ano</p> <p>A5 – 1º ano</p> <p>A6 – 1º ano</p> <p>A7 – 1º ano</p> <p>A8 – 1º ano</p> <p>A9 – 1º ano</p> <p>A10 – 1º ano</p>	<p>A11 – 1º ano</p> <p>A12 – 1º ano</p> <p>A13 – 1º ano</p> <p>A14 – 2º ano</p> <p>A15 – 1º ano</p> <p>A16 – 3º ano</p> <p>A17 – 1º ano</p> <p>A18 – 1º ano</p> <p>A19 – 1º ano</p> <p>A20 – 2º ano</p>
O teu professor já te levou a algum museu ou a uma exposição de Arte?	<p>A1 – “Não”</p> <p>A2 – “Não. Não.”</p> <p>A3 – “Eu não tenho a certeza, mas acho que não. Eu também acho que não.”</p> <p>A4 – “Não, mas já fui a um museu com o meu ATL.”</p> <p>A5 – “Algum museu? Não, não fui. Nunca fui.”</p>	<p>A11 – “Não.”</p> <p>A12 – “Não.”</p> <p>A13 – “No 1º ciclo nunca me levou. Com a minha mãe já fui, ou com o meu irmão, já fui.”</p> <p>A14 – “Não.”</p> <p>A15 – “Não.”</p> <p>A16 – “Não.”</p>

	<p>A6 – “Eu às vezes vou, com os meus pais.”</p> <p>A7 – “Não.”</p> <p>A8 – “Não, mas na minha escola tem um museu. Quando é alguma coisa tipo Páscoa metem enfeites lá e vamos um pouquinho para lá.”</p> <p>A9 – “Não. Aí acho que foi na pré. Só que eu não sei se ela vai-me levar.”</p> <p>A10 – Acho que não. Eu acho que ela só me levou ao dentista.”</p>	<p>A17 – “Não.”</p> <p>A18 – “Não.”</p> <p>A19 – “Não. Eu acho que não.”</p> <p>A20 – “Sim, no 1º ano, no 2º ainda não fomos a nenhum museu.”</p>
<p>O que é um museu?</p>	<p>A1 – “Não sei.”</p> <p>A2 – “Um museu acho que sei. Um museu é um sítio que tem coisas de rainhas.”</p> <p>A3 – “Um museu é onde se vai para ver coisas antigas, tipo ossos de dinossauro, pinturas muito antigas.”</p> <p>A4 – “É um sítio que tem estátuas, quadros.”</p> <p>A5 – “Não me lembro muito bem. Acho que é onde fazem estátuas.”</p> <p>A6 – “O museu é assim um sítio... não sei.”</p>	<p>A11 – “São umas casas. Não sei.”</p> <p>A12 – “É onde tem muitas artes antigas. Porque são muito bonitas e estão guardadas há muitos anos.”</p> <p>A13 – “É um sítio com exposições.”</p> <p>A14 – “Um museu guarda coisas antigas.”</p> <p>A15 – “É um sítio que tem artes.”</p> <p>A16 – “Não sei.”</p> <p>A17 – “Não sei.”</p>

	<p>A7 – “É um sítio, um local que tem várias artes, que tem exposições, tem muita coisa que já existiu.”</p> <p>A8 – “Não sei bem explicar.”</p> <p>A9 – “É um sítio onde tem muitos quadros, muitas artes, muita coisa.”</p> <p>A10 – “É um sítio onde tem várias coisas antigas, por exemplo, do Egito.”</p>	<p>A18 – “São coisas que têm coisas muito antigas. Pode ter dinossauros.”</p> <p>A19 – “Acho que são algumas coisas antigas e depois são postas num museu.”</p> <p>A20 – “Um museu é onde guardam os quadros e os artistas ou as obras.”</p>
<p>O que existe / pensas que existe num museu ou exposição de arte?</p>	<p>A1 – “Tem quadros.”</p> <p>A2 – “Tem muitos desenhos... em quadros. Eu tenho aqui um quadro à minha beira. É um carrinho com uma boneca lá dentro.”</p> <p>A3 – “Muitos quadros e obras de arte.”</p> <p>A4 – “Estátuas e quadros.”</p> <p>A5 – “Pode ter, por exemplo, livros, quadros.”</p> <p>A6 – “Quadros, estátuas, desenhos.”</p> <p>A7 – “Não sei. Ah, quadros. Também estátuas, também se podem encontrar coisas que existiram e depois nunca mais existiram porque eram muito raras.”</p>	<p>A11 – “Pinturas.”</p> <p>A12 – “Artes”</p> <p>A13 – “Quadros, estátuas, fotografias.”</p> <p>A14 – “Pode ter pinturas, pode ter estátuas.”</p> <p>A15 – “Desenhos nos quadros, estátuas.”</p> <p>A16 – “Tem coisas que são interessantes.”</p> <p>A17 – “Pinturas.”</p> <p>A18 – “Quadros.”</p> <p>A19 – “Pode ter muitas pinturas antigas. Pode ter esculturas.”</p> <p>A20 – “Podemos encontrar lá quadros, estátuas e pinturas.”</p>

	<p>A8 – “Desenhos, pinturas, construções.”</p> <p>A9 – “Quadros, muitas artes, muita coisa.”</p> <p>A10 – “Pode ter umas estátuas, pode ter assim objetos meios assim que já existiram há muito tempo, pinturas.”</p>	
<p>Porque se chamam obras de Arte? Quem faz as obras de Arte?</p>	<p>A1 – “Não sei.”</p> <p>A2 – “Os pintores.”</p> <p>A3 – “Pintores e pintoras.”</p> <p>A4 – “Os artistas. Pintores. Construtores.”</p> <p>A5 – “Um pintor. Artista.”</p> <p>A6 – “Artistas.”</p> <p>A7 – “Porque foram pintores que pintaram, muito conhecidos. Artistas.”</p> <p>A8 – “Não sei.”</p> <p>A9 – “Pintores.”</p> <p>A10 – “Foram construídas por alguns pintores, uns senhores que fazem esculturas.”</p>	<p>A11 – “Artistas. Pintores.”</p> <p>A12 – “Podem ser construídas por pintores ou artistas.”</p> <p>A13 – “Porque é arte. Porque é uma peça de arte. Por pintores. Artistas.”</p> <p>A14 – “Porque tem arte. Pintor.”</p> <p>A15 – “Não sei. Artistas. Pintores.”</p> <p>A16 – “Artista.”</p> <p>A17 – “São pessoas. Pintores.”</p> <p>A18 – “Arqueólogos. Pintores.”</p> <p>A19 – “São pintores. São escultores.”</p> <p>A20 – “Por vários artistas. Pintores.”</p>
<p>Tu és um artista?</p>	<p>A1 – “Não.”</p>	<p>A11 – “Eu faço coisas bonitas. Acho.”</p> <p>A12 – “Em desenhar, sim.”</p>

	<p>A2 – “Sim, eu faço todos os dias um desenho. Vou-te mostrar. Eu quero ser uma artista. Mas quero ser muitas mais coisas.”</p> <p>A3 – “Sim, é que eu desenho muito bem.”</p> <p>A4 – “Mais ou menos. Acho que sim.”</p> <p>A5 – “Acho. Às vezes faço obras de arte para os meus pais. Eu faço, tipo, obras de arte que não se percebem nada, que são abstratas e outras obras que faço, tipo, retratos, a natureza.”</p> <p>A6 – “Sim. A minha mãe diz que eu tenho uns desenhos lindos.”</p> <p>A7 – “Mais ou menos. Porque eu nunca fiz uma pintura assim muito bonita e nunca achei que desenhei muito bem.”</p> <p>A8 – “Sim, porque crio as minhas próprias coisas.”</p> <p>A9 – “Eu gosto muito de pintar. Sim.”</p> <p>A10 – “O meu pai diz que eu desenho bem e tal, mas eu acho que não.”</p>	<p>A13 – “Um pouquinho. Basicamente não sou nada evoluído. Por mim, eu acho que sou muito pouquinho.”</p> <p>A14 – “Não.”</p> <p>A15 – “Não.”</p> <p>A16 – “Um bocadinho. Tenho ali um desenho da Nossa Senhora de Fátima.”</p> <p>A17 – “Não sou muito.”</p> <p>A18 – “Não.”</p> <p>A19 – “Não.”</p> <p>A20 – “Não.”</p>
--	---	---

<p>Para ti, o que são as Artes Visuais?</p>	<p>A1 – “Fazer desenhos... Pintar” A2 – “São desenhos. E desenhos que não sabes o que é que é e desenhos que sabes o que é que é.” A3 – “Para mim? Fazer obras de arte.” A4 – “Para mim a arte é pintar e construir.” A5 – “São obras de arte.” A6 – “Desenhar.” A7 – “É desenhar, é fazer esculturas, é coisas raras, é essas coisas.” A8 – “São coisas criadas por alguém.” A9 – “É uma coisa que é gira e que não é difícil de fazer, só se for um desenho muito difícil.” A10 – “É o que nós fazemos na escola, fazemos alguns bonecos, criamos algumas coisas, desenhamos.”</p>	<p>A11 – “Não sei explicar.” A12 – “É ter um desenho e depois pintar.” A13 – “Recorte, pintura, desenho, escultura, fotografias.” A14 – “É uma coisa que se pode fazer. Pode ser, por exemplo, uma obra de uma pessoa.” A15 – “Pintar, desenhar, cortar, colar.” A16 – “É desenhar, pintar, criar.” A17 – “É uma coisa que podemos fazer desenhos e pinturas.” A18 – “Não sei dizer.” A19 – “É recortar, pintar.” A20 – “Eu entendo que são desenhos... bonitos. Algumas coisas que alguns artistas já morreram e depois é recordação.”</p>
<p>Como é que podes fazer Arte?</p>	<p>A1 – “Desenhar, pintar.” A2 – “Posso fazer num quadro desenhos... uma obra...”</p>	<p>A11 – “Já sei. Tipo assim, pego no lápis e no papel, desenho alguma coisa, depois recorto e pinto.”</p>

	<p>A3 – “Posso fazer esculturas, artes plásticas, muitos desenhos e também pinturas com tinta”</p> <p>A4 – “Pode ser um quadro e tintas e uma paleta. Com um pincel. E esculturas, estátuas, com cera. Os quadros que eu faço são alegres.”</p> <p>A5 – “Pego no meu amor, no meu futuro e também numa coisa que eu adoro: o melhor retrato. Às vezes eu faço o meu retrato. E também faço obras de arte muito giras.”</p> <p>A6 – “Posso desenhar, pintar, fazer um quadro ou fazer assim uma imagem.”</p> <p>A7 – “Por exemplo, posso desenhar, posso fazer esculturas, posso encontrar coisas raras, posso fazer coisas abstratas.”</p> <p>A8 – “Desenhos.”</p> <p>A9 – “Desenhar pessoas, posso também desenhar os meus sentimentos, não sei.”</p> <p>A10 – “Posso fazer com papéis, também posso fazer com aquelas coisas... furadores de estrelas.”</p>	<p>A12 – “Pegava num quadro e fazia um desenho e depois pintava e depois dizia para porem num museu.”</p> <p>A13 – “Pintar, desenhar.”</p> <p>A14 – “Podia pintar, desenhar, recortar, também podemos construir, colar.”</p> <p>A15 – “Com lápis ou pincéis.”</p> <p>A16 – “Com matérias reciclados.”</p> <p>A17 – “Eu desenho. Pintamos com lápis, pintamos com os pés.”</p> <p>A18 – “Eu fazia um carro. Com material reciclado. Uma roda, uma porta, o capô. Com rolos de papel as rodas e o resto com papel.”</p> <p>A19 – “Podemos fazer esculturas, pintar, fotografias. Eu faço, às vezes.”</p> <p>A20 – “Pintando, esculturas...”</p>
--	---	---

<p>És criativo? O que é ser criativo?</p>	<p>A1 – “Sim. Não sei.”</p> <p>A2 – “Mais ou menos. É inventar muita coisa. Ter muita imaginação.”</p> <p>A3 – “Sim. Ter muitas ideias para desenhos, para pinturas. Sinto-me inspirada do que estou a desenhar.”</p> <p>A4 – “Acho mais ou menos. É ter ideias sem ajuda. Diferentes.”</p> <p>A5 – “Sim, eu acho. É quando eu faço os meus próprios quadros e não copio. É tipo um teste, a pensar pela minha cabeça. É inventar coisas, é tipo, não foi ninguém que me disse, eu pensei pela minha própria cabeça.”</p> <p>A6 – “Sim. Eu não me lembro lá muito bem. Desenho bonito. É imaginar.”</p> <p>A7 – “Sim. É, por exemplo, há pessoas que imaginam as coisas e depois começam logo a desenhar e também fazem umas coisas, por exemplo, que elas imaginam que existem, mas</p>	<p>A11 – “Sim. Conseguir criar coisas lindas e incríveis. Vêm da minha cabeça.”</p> <p>A12 – “Às vezes. Ser criativo é ter muitas ideias e também ter muitas ideias para desenhos. São ideias que toda a gente não tem. Tu estás inspirado.”</p> <p>A13 – “Sim. É ter ideias diferentes.”</p> <p>A14 – “Sim. Ser criativo... podemos inventar coisas novas.”</p> <p>A15 – “Sim. Não sei.”</p> <p>A16 – “Não sei. Eu só desenho coisas que já existem. Ver o mundo com outros olhos.”</p> <p>A17 – “Não sou muito. Quer dizer que estamos a criar, algo novo e diferente.”</p> <p>A18 – “Mais ou menos. Não sei explicar.”</p> <p>A19 – “Sou. É desenhar o que é que imagino na minha cabeça.”</p> <p>A20 – “Sim. É... consigo criar coisas, ter ideias. Se forem iguais é uma cópia... Diferentes!”</p>
---	--	---

	<p>só que não existem, mas desenham essas coisas.”</p> <p>A8 – “Sim. É pensar, ter as próprias ideias.”</p> <p>A9 – “Sim. É fazer coisas novas e diferentes.”</p> <p>A10 – “Sim. É fazer muitas coisas. Nós fazemos cada um na sua maneira.”</p>	
<p>Na escola, realizas trabalhos artísticos? Gostavas que houvesse mais ou menos tempo dedicado a eles?</p>	<p>A1 – “Sim. Gostava de fazer mais.”</p> <p>A2 – “Mais ou menos. Realizo poucos. Mais.”</p> <p>A3 – “Poucos, mais trabalhos de matemática, português e estudo do meio. Gostava que houvesse mais.”</p> <p>A4 – “Sim. Acho que são poucos. E estudo do meio também. Mais.”</p> <p>A5 – “Sim. Às vezes, no intervalo. Mais.”</p> <p>A6 – “Sim. Fazemos mais português, matemática... Mais.”</p> <p>A7 – “Sim, às vezes, sim. Mais trabalhos de português, matemática, estudo do meio. Mais.”</p> <p>A8 – “Sim. Mais.”</p>	<p>A11 – “Sim. Mais trabalhos artísticos.”</p> <p>A12 – “Sim. Mais.”</p> <p>A13 – “Português, estudo do meio e matemática trabalho mais que artes visuais. Acho que podia ser mais um bocado. No plano de aula eu só via para aí uma ou duas artes visuais à semana. Um ou dois. É muito pouquinho. Eu acho que podia ser mais, como três. Uma à segunda, uma à quarta, uma à sexta.”</p> <p>A14 – “Mais ou menos. Às vezes, por exemplo, desenhos para nós pintarmos. Uns são para avaliar, outros é só para nós desenharmos, pintarmos. Sim, mais.”</p> <p>A15 – “Poucos. Gostava de fazer menos.”</p>

	<p>A9 – “Não muitos, mais ou menos. Quando vamos de férias, aí já faço alguns desenhos. Ou quando a minha professora lê e depois nós temos que desenhar a história. Mais. Eu adoro pintar, é por isso que quero mais.”</p> <p>A10 – “Sim, alguns. Mais.”</p>	<p>A16 – “Alguns. Menos.”</p> <p>A17 – “Alguns. É só à segunda.”</p> <p>A18 – “Poucos. Em casa, muitos.”</p> <p>A19 – “Propriamente, acho que são poucos. Não me importava de mais.”</p> <p>A20 – “Não. Não me importo.”</p>
<p>Atribui um valor de 0 a 10 para mostrares o quanto gostas de realizar este tipo de trabalhos.</p>	<p>A1 – “9”</p> <p>A2 – “Muito. 10”</p> <p>A3 – “10”</p> <p>A4 – “10, eu gosto muito. Até podia dar 20.”</p> <p>A5 – “300”</p> <p>A6 – “10”</p> <p>A7 – “7”</p> <p>A8 – “10”</p> <p>A9 – “10. Gosto muito porque é giro.”</p> <p>A10 – “10”</p>	<p>A11 – “10”</p> <p>A12 – “10”</p> <p>A13 – “Se calhar 7”</p> <p>A14 – “8”</p> <p>A15 – “Gosto mais ou menos. 5.”</p> <p>A16 – “8”</p> <p>A17 – “7”</p> <p>A18 – “6”</p> <p>A19 – “7”</p> <p>A20 – “5”</p>
<p>As Artes Visuais são importantes? Porquê?</p>	<p>A1 – “Não.”</p> <p>A2 – “Sim. Para podermos decorar as coisas. Para nos podermos divertir a desenhar.</p>	<p>A11 – “Sim. É muito linda, eu gosto.”</p> <p>A12 – “Sim. Porque sem a arte ninguém se inspirava.”</p>

	<p>A3 – “Sim. Tem coisas giras, desenhadas, pintadas, até de arte abstrata. Porque ao mesmo tempo podemos ver de ângulos diferentes.”</p> <p>A4 – “É, porque eu posso fazer trabalhos em família... tirar fotografias ou podemos pedir a uma pessoa para ficar num sítio, não se mexer tanto e depois copiar para um quadro.”</p> <p>A5 – “Sim. Eu acho que a arte é muito importante. Porque faz-me muito bem à alma e desanuviava-me. Quando eu estou muito nervosa eu vou fazer uns desenhos e já estou desanuviada.”</p> <p>A6 – “Sim. Há pessoas que precisam... de quadros, esculturas, estátuas. É importante porque me faz feliz a mim.”</p> <p>A7 – “Eu acho que é importante. Faz-me sentir uma pintora e faz-me sentir feliz porque eu gosto de desenhar e pintar. Porque, por exemplo, como há muito tempo a televisão era</p>	<p>A13 – “É, porque as pessoas gostam dela, é importante.”</p> <p>A14 – “Sim. Faz-me sentir bem.”</p> <p>A15 – “Sim. Não sei.”</p> <p>A16 – “Um bocadinho. Não sei.”</p> <p>A17 – “É um bocadinho importante para as pessoas verem as esculturas.</p> <p>A18 – “Sim. Para ver coisas bonitas. Para ver coisas muito antigas.”</p> <p>A19 – “Sim. Porque algumas pessoas querem ser pintores. Para serem pintores, têm que pintar muito.”</p> <p>A20 – “É. Porque são desenhos de artistas muito importantes.”</p>
--	--	---

	<p>a preta e branco, ainda não havia assim muitas cores, mas agora já há mais: rosa, azul turquesa, também gosto muito do amarelo. Gosto mais das cores todas.”</p> <p>A8 – “É importante e divertido.”</p> <p>A9 – “Sim. Porque podemos fazer a nossa criatividade e desenharmos o que quisermos.”</p> <p>A10 – “É, é importante. Porque, cada um... fazemos como nós quisermos e depois pomos no placard, para ver.”</p>	
<p>Que materiais conheces e/ou já utilizaste?</p>	<p>A1 – “Lápis, tinta, lã.”</p> <p>A2 – “Papéis e tecidos que nós fazemos bolinhas. Lápis, cola, tecidos, borracha, lápis de cor e lápis de cera, marcadores e precisamos de folhas. Pincel.”</p> <p>A3 – “Os lápis de cor. Mas só que eu desenho à volta com lápis de grafite porque eu não me dou muito bem a desenhar à volta com lápis de cor. E um cavalo com materiais reciclados e uma</p>	<p>A11 – “Pincéis, tintas, lápis, papéis e uma tesoura, cartão e canetas.”</p> <p>A12 – “Podemos pegar em materiais que já foram usados e fazer arte.”</p> <p>A13 – “Imensos. Tesoura, lápis, lápis de cor, aguarela, tinta, pincéis, garrafas, tampas, caixas de ovos, papel e cartão.”</p> <p>A14 – “Com lápis, canetas, marcadores, tesoura, um pincel, cola, ferro.”</p>

	<p>casinha, com uma caixa de bolachas de água e sal.”</p> <p>A4 – “O glitter, penas, a tinta e o pincel e o tecido. Foram as minhas favoritas. Papel, podemos fazer um elefante de papel. Garrafas plásticas, mas também podemos usar viseiras. Eu tenho muitas em casa para fazer esculturas e coisas.”</p> <p>A5 – “O tecido, uma cartolina, um papel eva, podemos usar roupa, madeira, barro.”</p> <p>A6 – “Canetas, lápis, tintas, lápis de cera, lápis de carvão. Eu gosto de purpurinas também, dá.”</p> <p>A7 – “Pincéis, cola, recortagens, lápis, lápis de cera, eu podia usar papel reciclável, latas recicláveis.”</p> <p>A8 – “Tintas, palhinhas, lápis.”</p> <p>A9 – “Com marcadores, lápis ou pincéis. E também podemos fazer com as flores, também dá. E também dá para fazer com aquarelas. Aquelas revistas que vêm nos carteiros ou</p>	<p>A15 – “Lápis, pincéis, tinta, pedras. Que eu conheça, mais nada.”</p> <p>A16 – “Garrafas de água, meias, pauzinhos de espetada, fios, rolos de papel, papel, lápis, tintas, canetas de filtro, lápis de cera.”</p> <p>A17 – “O lápis, canetas, lápis de cor, pincéis e tintas.”</p> <p>A18 – “Canetas, pincéis.”</p> <p>A19 – “Pincéis, lápis, canetas e lápis de cera, papel.”</p> <p>A20 – “Pincéis, canetas, lápis de cor, esferográficas, folhas, pedras e já não sei. Podia utilizar cartão e papel.”</p>
--	---	---

	<p>aquela caixa de ovos... e depois também há os cafés, as cápsulas.”</p> <p>A10 – “Enfeites, papéis, lápis de cor também, para pintar, cola para colar alguma coisa, papéis vários, vários, vários, cartão.”</p>	
<p>Conheces algum artista? Como se chama? E obras de Arte? Como se chama?</p>	<p>A1 – “Não.”</p> <p>A2 – “Não.”</p> <p>A3 – “Eu não sei se este existe. O nome dele é Baldomero Pelegrín. É que é da Espanha. A estátua da liberdade. E também conheço outra, mas só que já não me lembro do nome. É uma que está uma águia em cima do leão, que é do centro da Boavista.”</p> <p>A4 – “Já sei. Leonardo da Vinci. É o que fez a Monalisa. Aquele, não sei como é que se chamava, tinha um bigode. Podes pesquisar.”</p> <p>A5 – “Sophia de Mello Breyner. Não, não conheço. Também não. Quadro de Jesus.”</p> <p>A6 – “Nunca ouvi. Também não.”</p>	<p>A11 – “Não. Monalisa.”</p> <p>A12 – “Picasso. Miró. Na minha escola antiga eu dei. Guernica.”</p> <p>A13 – “Sim, conheço. Um Rafael, que já morreu. Monalisa.”</p> <p>A14 – “Leonardo da Vinci. Não.”</p> <p>A15 – “Não. Também não.”</p> <p>A16 – “Miguel Ângelo. Monalisa. Em Serralves vi uma máscara feita de espelhos, da Joana Vasconcelos.”</p> <p>A17 – “Não. Eu tenho uma pintora na minha sala (professora de artes). Conheço algumas esculturas, mas não sei o nome.”</p> <p>A18 – “Não. Dom Afonso Henriques, em pedra.”</p>

	<p>A7 – “O Picasso. Isso não sei dizer. Ele pode desenhar como ele quiser, ele desenhava em liberdade, ele desenhava riscos com tudo que ele tinha à mão e também desenhava com a criatividade.”</p> <p>A8 – “Não.”</p> <p>A9 – “Conheço um. O Miró. Já fui ao museu dele, só que já não me lembro é das artes dele. Fui com a minha mãe, com o meu pai e com a minha irmã.”</p> <p>A10 – Eu acho que não. A Monalisa.”</p>	<p>A19 – “Leonardo da Vinci. Eu sabia muitos, o ano passado, quando eu estava na minha creche.”</p> <p>A20 – “Nadir Afonso. Não.”</p>
<p>Tens alguma sugestão para melhorar o ensino das Artes Visuais na tua escola?</p>	<p>A1 – “Ir a museus.”</p> <p>A2 – “Fazer desenhos em folhas de papel e em quadros. Fazer desenhos com tecidos e com aquelas penas coloridas e papel colorido. Pode ser um bocadinho mais de desenhos e de pinturas com tintas. Tu vais ao Lidl? Lá tem lápis que se tu molhares um pincel e pintares por cima faz aguarelas. Eu uso quase para tudo.”</p>	<p>A11 – “Quando fosse estudo do meio, às vezes podíamos falar mais de artistas e de pinturas e ficávamos a conhecer mais.”</p> <p>A12 – “Podíamos melhorar mais tempo de artes e depois fazer muitos desenhos para melhorar a nossa técnica.”</p> <p>A13 – “Fazer mais artes visuais, como à segunda, quarta e sexta, como à quarta feira fazemos uma saída a um museu ou a um sítio de arte.”</p>

	<p>A3 – “Mais tempo dedicado à Arte.”</p> <p>A4 – “Eu queria que houvesse mais quadros na escola.”</p> <p>A5 – “Trabalhar muito com as artes. Temos que tirar mais tempo para as artes.”</p> <p>A6 – “Fazer um desenho enorme de nós todos, da natureza, assim todos os colegas fazem uma folha... Mas na mesma folha, uma grande folha.”</p> <p>A7 – “Eu não sei o que sugeria, porque eu acho que não sei nada disso, mas eu acho que a escola é um lugar onde nós podemos aprender muitas coisas e acho que também podemos melhorar a escola em algumas coisas... desenhar mais... desenhar muito, podemos também fazer reciclagem.”</p> <p>A8 – “Não sei.”</p> <p>A9 – “Não sei mesmo. Eu tenho um professor de artes, nós desenhamos muitas coisas, como figuras... que nós conseguimos fazer. Gostava</p>	<p>A14 – “Gostava que fossem pintores lá, para nos ensinar a pintar.”</p> <p>A15 – “Gostava de conhecer as pinturas.”</p> <p>A16 – “Mais visitas de estudo.”</p> <p>A17 – “É difícil. Ir a um museu.”</p> <p>A18 – “Conhecer mais artistas.”</p> <p>A19 – “Fazer as coisas que já estão estragadas.”</p> <p>A20 – “Não sei.”</p>
--	---	--

	<p>sempre, depois de trabalharmos, e se tivermos ainda tempo, de fazer um desenho.”</p> <p>A10 – “Eu não sei. Ir a muitos sítios para conhecer mais pintores.”</p>	
--	--	--